



UnB



DAN | PPGAS

Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (DAN/UnB)

Experiências que Marcam, Cicatrizes que Ficam — Antropologia dos Silêncios

Camille Montenegro Luzardo Bicca

Dissertação de Mestrado em Antropologia

Orientador:

Luiz Eduardo de Lacerda Abreu

Brasília – Brasil
2025

RESUMO

A dissertação busca investigar as experiências de ex-bolsistas brasileiros no Japão. O trabalho baseia-se em uma série de entrevistas realizadas com ex-bolsistas do MEXT, programa de intercâmbio acadêmico financiado pelo governo japonês, de várias gerações. Conta, também, com a etnografia de um evento da ABRAEX e nas vivências pessoais da autora. O foco da análise está na forma como a exposição dos bolsistas à sociedade japonesa moldou a percepção e as experiências desses indivíduos.

O tema central é a ambivalência da vida no Japão. Ela é ao mesmo tempo fascinante e dolorosa. O título — “Uma Antropologia dos Silêncios” — nasce do não-dito. O sofrimento, a solidão e as dificuldades se escondem por trás da imagem de uma experiência bem-sucedida no exterior. Ao longo da pesquisa, o problema do déficit de reconhecimento na sociedade japonesa aparece em diversos aspectos das experiências relatadas. Ele evidencia como a categoria de *gaijin* (pessoa de fora) pode gerar um sentimento de não pertencimento e isolamento àqueles que ela abrange. Outrossim, os bolsistas são convidados a entrar, mas não a pertencer.

Os relatos ilustram a jornada dos bolsistas. Ao transitarem entre os dois países, eles precisam negociar suas identidades. Esse espaço é marcado por hierarquias linguísticas, expectativas e narrativas contraditórias. O trabalho desmistifica a ideia de que esses relatos são apenas materiais de pesquisa; eles revelam cicatrizes ofuscadas pelo silêncio institucional. A pesquisa discorreu, por fim, sobre a tensão entre a gratidão ‘obrigatória’ imposta pela dádiva da bolsa de estudos e o sofrimento vivenciado pelos indivíduos guardados nos bastidores. Elucidando a ambivalente situação em que, independentemente da escolha — falar ou silenciar —, haverá consequências reais ou simbólicas impostas aos participantes.

No fundo, este trabalho busca quebrar o silêncio sobre essas narrativas não contadas, oferecendo um olhar sensível e crítico sobre as complexas relações entre Brasil e Japão. Em sua essência, esta dissertação serve como uma “carta de amor à juventude” da autora e de seus colegas, que encontram no texto o reconhecimento e o acolhimento que lhes faltaram no Japão, e após o retorno.

Palavras-chave:

ABRAEX (Associação Brasiliense de Ex-Bolsistas Brasil-Japão); Antropologia dos Silêncios; Dádiva; Estudos Asiáticos; Estudos Japoneses; Ex-bolsistas MEXT; Experiência Intercultural; Gaijin (外人); Gratidão; Identidade; Linguagem; Ministério da Educação, Cultura, Esportes, Ciência e Tecnologia - 文部科学省; Nihonjinron (日本人論); Reconhecimento; Silêncio; Sofrimento.

ABSTRACT

This dissertation seeks to investigate the experiences of former Brazilian scholarship recipients in Japan. The work is based on a series of interviews conducted with former scholarship recipients from MEXT, an academic exchange programme funded by the Japanese government, of several generations. It also draws on the ethnography from an ABRAEX event and the author's personal experiences. The focus of the analysis is on how the scholarship recipients' exposure to Japanese society shaped their perceptions and experiences.

The central theme is the ambivalence of life in Japan. Which is both fascinating and painful. The title — “An Anthropology of Silences” — emerges from what remains unspoken. Suffering, loneliness, and hardship often lie concealed behind the image of a successful experience abroad. Throughout the research, the problem of the deficit of recognition within Japanese society arises in various aspects of the reported experiences. It highlights how the category of *gaijin* (outsider) can generate a feeling of not belonging and isolation among those it encompasses. In this sense, the scholars are invited to enter, but not to belong.

The narratives illustrate the journey of these scholarship students. In navigating between the two countries, they are compelled to negotiate their identities. This space is marked by linguistic hierarchies, expectations, and contradictory narratives. Therefore, this dissertation demystifies the notion that these accounts are merely research material; they reveal scars overshadowed by institutional silence. Ultimately, the study discusses the tension between the ‘obligatory’ gratitude imposed by the gift of a scholarship and the suffering experienced by individuals backstage. It elucidates the ambivalent situation in which, regardless of the choice — to speak or to remain silent — participants face real or symbolic consequences.

At its core, this dissertation seeks to break the silence surrounding these untold narratives, offering a sensitive and critical perspective on the complex relations between Brazil and Japan. In essence, it serves as a “love letter to youth,” both author’s and of her peers, who find within the text the recognition and care that were absent during their time in Japan and upon their return.

Keywords:

ABRAEX (Brasília Association of Former Brazil-Japan Scholars); Anthropology of Silence; Asian Studies; Former MEXT Scholars; Gaijin (外人); Gift; Gratitude; Identity; Intercultural Experience; Japanese Studies; Language; Ministry of Education, Culture, Sports, Science and Technology - 文部科学省; Nihonjinron (日本人論); Recognition; Silence; Suffering.

CAPÍTULO 01 • INTRODUÇÃO	5
APRESENTAÇÃO DO ASSUNTO	5
SOBRE A TRADUÇÃO DE TERMOS EM JAPONÊS	9
CAPÍTULO 02 • RITUAL DA ABRAEX DE FIM DE ANO — 忘年会 (BOUNENKAI)	13
CAPÍTULO 03 • A LINGUAGEM DOS EX-BOLISTAS	34
Figura I – Escala de Hierarquia Linguística na Língua Japonesa	39
Gráfico em formato de escada	39
Figura II – Uso da Hierarquia Linguística no Idioma Japonês	40
CAPÍTULO 04 • O SER JAPONÊS	45
CAPÍTULO 05 • MINHA EXPERIÊNCIA	60
Figura III – Dormitório da Bunka, Hatsudai	61
Figura IV – <i>Hanami</i> com os bolsistas veteranos	65
Tabela I – Diálogo com colegas de sala	71
Figura VI – Mapa topográfico do centro de Tóquio	85
CAPÍTULO 06 • AS ENTREVISTAS	91
DESCRIÇÃO DAS ESCOLHAS DOS ENTREVISTADOS	91
OS DADOS	92
<i>i. A caminho do Japão:</i>	92
<i>ii. Onde o Sol Nasce:</i>	95
<i>iii. O Cotidiano que te Molda:</i>	101
Figura VII – Fotografias de Paweł Jaszczuk	108
Figura VIII – Campanha Publicitária #Nomisugi	109
Figura IX – <i>Tò-yoko kids</i> por Yusuke Nagata	118
<i>iv. A Solidão:</i>	119
<i>v. O Retorno:</i>	125
CAPÍTULO 07 • (MU[G]JON) — CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
BIBLIOGRAFIA	133

AGRADECIMENTOS

Pensei por bastante tempo não escrever nenhum agradecimento. Não pela falta de uma profunda gratidão por aqueles que me aguentaram durante os muitos ataques de nervos e choradeiras que permearam a escrita deste presente trabalho. Não. Em realidade, não saberia dizer o porquê. Talvez pelo receio que aos agradecer, essa penumbra que me perseguiu por anos após o meu retorno do Japão começasse a aflorar na vida deles – por mais irracional que isso possa soar.

Dito isso, acredito agora que esse receio seja infundado. Essas pessoas foram quem me ajudaram a manter minha sanidade nessa viagem a um momento ao qual eu não queria retornar. Dessa forma, apenas tenho o que agradecer por estarem perto de mim e por me acolherem nesses momentos difíceis. Assim, sem mais delongas, farei algumas menções honrosas e, àqueles que não tiverem o nome aqui – sejam por eu querer mantê-los no anonimato, ou outra razão – por favor, não se sintam mal. Eu provavelmente já os agradei em pessoa, e sigo grata.

Primeiramente, gostaria de agradecer o professor Luiz Eduardo Abreu. Obrigada por ter me aceitado como sua orientanda; por ter me acolhido em momentos de fragilidade e por ter sido um ótimo exemplo de pesquisador e, principalmente de educador. Sem o senhor – por bem ou por mal – eu não teria sequer ter tocado nessa experiência que consumiu meus anos formadores da vida adulta. Obrigada por ter disponibilizado um espaço seguro para que eu pudesse tratar de assuntos sensíveis e ter me dado coragem de escutar as histórias de outros.

Ao meu querido companheiro, obrigada por me ter incentivado a seguir com o mestrado quando as minhas mãos não conseguiam segurar um lápis sequer. Obrigada pelo colo e muitos chás que você me serviu nas noites em que passei em claro lendo e relendo entrevistas intermináveis. Por me ouvir quando parecia uma louca perguntando se o que estava dizendo fazia sentido. E, por revisar meus textos inúmeras vezes. Muito obrigada.

Obrigada a todos os meus interlocutores. Não colocarei seus nomes aqui – vocês sabem quem são. Obrigada por compartilharem suas experiências, suas dores e suas conquistas. Agradeço-lhes por sua confiança em mim, no meu trabalho e nas possibilidades de ele afetar as próximas gerações de bolsistas MEXT.

Por último, gostaria de agradecer ao próprio Ministério da Educação, Cultura, Esportes, Ciência e Tecnologia (文部科学省). Obrigada pela oportunidade de estudar fora. De estudar em um país que eu tanto amei e que sonhava em morar. Mesmo que tenha passado por momentos sofridos e dolorosos, foi durante a bolsa de estudos que vocês me concederam que me tornei adulta; que cresci; que me tornei quem sou hoje. Fiz muitos amigos MEXT e construímos a nossa família. Hoje, vejo-os casando e tendo seus filhos. Construindo um futuro que, sem a experiência MEXT, seria muito diferente. Nosso destino foi eternamente alterado após participar do seu programa. Pode não parecer muito, vindo de alguém que escreveu um trabalho como este, contudo reforço: eu – não, *nós* – somos quem somos por termos vivido algo tão extraordinário como a experiência que o governo japonês nos proporcionou. Por isso, estou eternamente grata.

CAPÍTULO 01 • INTRODUÇÃO

Apresentação do Assunto

Esta pesquisa não é sobre o Japão, é sobre *estar lá*.

Passei muitos anos evitando tocar em todo e qualquer tópico sobre o país — fosse pela minha incapacidade de processar os cinco anos da minha formação adulta lá, ou pelo fato de terem sido anos difíceis e eu não querer admitir isso para mim mesma. A verdade é que neguei essa parte da minha vida por um bom tempo. Na minha inocência acadêmica, tinha a esperança de pesquisar cultura popular durante meu mestrado, um tema que se alinhava com meus trabalhos anteriores no campo das artes. No entanto, por força do destino ou, talvez, por vaidade, fui convencida de que minha experiência no Japão poderia servir como base de uma “pesquisa inédita”, oferecendo uma perspectiva *única* à antropologia brasileira sobre o Japão, vista a partir de minha experiência peculiar. Meu orgulho foi alimentado pela vaidade intelectual, que, infelizmente, não correspondia à maturidade emocional que eu possuía no início desse trabalho.

Deixo claro, portanto, que este foi um trabalho doloroso e árduo, independentemente do seu resultado. Houve momentos de grande sofrimento, a ponto de me sentir fisicamente mal: vomitar, ficar de cama por semanas e necessitar de assistência psiquiátrica. A maior parte dos dados da pesquisa é composta de entrevistas com outros ex-bolsistas da bolsa MEXT (文部科学省, *monbukagakushou*, muitas vezes abreviado para *Monbusho*, *Ministry of Education, Culture, Sports, Science and Technology*)¹, pertencentes a diferentes programas e que foram agraciados em anos distintos do meu. Inicialmente, acreditava que as experiências desses bolsistas fossem bem diferentes da minha. Mas, para minha surpresa, encontrei mais semelhanças do que gostaria. Sendo assim, a análise dessas experiências se impôs como um grande desafio.

Agora, meus caros leitores, não pensem que os anos que passei no Japão foram inteiramente horríveis. Claro, houve momentos horripilantes² que não desejo a ninguém. Dias em que,

¹ Ministério da Educação, Cultura, Esportes, Ciência e Tecnologia, em português.

² Diferencio horror de terror, como fazemos nos gêneros de filmes. A introdução de Steven Jay Schneider e Jonathan Penner no livro *Horror Cinema*, de 2022, descreve, a meu ver, perfeitamente essa diferença: “[...] Horror comes after. Terror is suspense, the fear. You worry about something awful that could happen. “What’s that sound?” “Where’s my baby?” “My boyfriend?” “What’s that

enquanto observava os trens passarem pela plataforma do metrô, me questionava se não seria mais fácil dar dois passos à frente e acabar com o que eu sentia. Ou momentos em que nem a multidão de quase três milhões de pessoas na estação de Shinjuku³ era capaz de aliviar a solidão que me consumia em dias ensolarados. Ou ainda o ano em que passei em silêncio nas aulas do meu curso técnico, isolada, sem que ninguém me respondesse ou quisesse me dirigir uma palavra sequer — vale dizer que, nessa época, eu era paga para conversar em 英会話カフェ (*eikaiwa kafe*, *English Cafés*), batendo recordes em conversas de sete horas ininterruptas com os alunos que frequentavam o local. Não. Não foram apenas essas experiências excruciantes que vivi. Tive anos acadêmicos incríveis na universidade, construí amizades duradouras com pessoas de lugares que eu só conhecia por meio de filmes e livros. Visitei locais extraordinários, dignos de mitologias, e descobri um universo artístico que jamais poderia imaginar. Experiências que não troco por nada, mesmo que isso significasse não ter enfrentado o sofrimento que passei.

Talvez seja por isso que esse campo de pesquisa me chamou a atenção. A ambivalência da experiência no Japão é fascinante e horripilante. Ela é única para cada bolsista e, ainda assim, é compartilhada por todos nós. Contarei minha história brevemente para contextualizá-los:

Desde cedo, soube que meu país de origem não seria suficiente para mim. Sempre fui curiosa, atraída por tudo e por todos. Aos oito anos, fui introduzida ao mundo dos mangás (revistas em quadrinhos japonesas), o que desenvolveu meu gosto pelo desenho e pela leitura. Ao longo da pré-adolescência, continuei consumindo a cultura popular japonesa com avidez. Aos quatorze anos, como se não tivesse a realidade para enfrentar, decidi que viveria no Japão em algum momento da minha vida. Imaginava uma vida pacata em cidades afastadas dos centros urbanos, indo à escola com amigas de patinete ou bicicleta, subindo ao terraço da escola para apreciar o pôr do sol, participando de festivais escolares, comendo marmitas elaboradas e vestindo uniformes com golas de marinheiro.

itch?” “What’s that bump?” These things terrify you. The panic starts, the dread. Terror is what’s lurking behind the door — the promise of the pain. And the horror is your fear realized. Horror is the promise fulfilled.” (“[...] O horror vem depois. O terror é o suspense, o medo. Você se preocupa com algo terrível que pode acontecer. “Que som é esse?” “Onde está meu bebê?” “Meu namorado?” “Que coceira é essa?” “Que protuberância é essa?” Essas coisas te aterrorizam. O pânico começa, pavoroso. O terror é o que está escondido atrás da porta — a promessa da dor. E o horror é o seu medo se concretizando. O horror é a promessa cumprida.”) DUNCAN, Paul; MÜLLER, Jürgen, **Horror Cinema**, Cologne: TASCHEN, 2022, p. 11.

³ **Busiest railway station**, Guinness World Records, disponível em: <<https://www.guinnessworldrecords.com/world-records/busiest-station.html>>. acesso em: 28 abr. 2025.

Já no terceiro ano do ensino médio, em uma das minhas longas caminhadas de domingo, um professor de matemática — eu era daquelas alunas que participavam de olimpíadas e aulas avançadas da disciplina — me avistou, vestida com chapéu de pescador e *headphones*, e fez a pergunta mais temida por qualquer estudante: “*Quais são seus planos para o ano que vem?*”. Além de inconveniente, por nem ter passado o Carnaval⁴, tal pergunta nos força a encarar o fato de que estamos ficando mais velhos e que a responsabilidade da vida adulta logo estará batendo à porta. A maldita pergunta só fez aumentar minha vontade de sair do Brasil, mas eu não sabia como, nem para onde. Bruno, o professor, em sua prestatividade inocente e professoral, me falou sobre bolsas de estudo na Rússia em medicina e no Japão para vários cursos, ambas custeadas pelos respectivos governos. Como não tinha interesse algum em medicina, decidi investir na bolsa japonesa. E foi assim que começou uma jornada que mudaria minha vida.

Entre o curto prazo para aplicar e a imediata angústia juvenil, tudo foi resolvido de forma apressada. Nem sequer sabia a língua japonesa, mas passei com notas altas nas outras provas obrigatórias: matemática e inglês. No ano seguinte, estava em rota para o local geograficamente mais distante do meu país de origem. Uma experiência que, em retrospecto, considero a minha maior afronta parental da juventude. Foram cinco anos, de abril de 2012 a março de 2017, na terra do Sol Nascente, que marcaram o início da minha vida adulta — dos meus dezoito anos e três meses de vida aos vinte e três. Foi lá que, de certa forma, “me criei gente” dentro daquela sociedade. Agora, com quase uma década distante daquele local, revisito essa época com um olhar diferente.

Revisito-a e analiso os relatos de outros ex-bolsistas do Governo japonês em terras nipônicas. Meu objetivo inicial — após ser convencida a estudar o tema — era compreender os frutos gerados por tal bolsa, por meio das experiências dos bolsistas: como eles veem a experiência e em que aspectos ela afetou na trajetória de vida deles. Contudo, os dados me apresentaram outros pontos que me pareceram mais interessantes, como a questão do reconhecimento na sociedade japonesa, ou melhor dizendo, a existência de um déficit de reconhecimento no Japão. Esse *déficit* não se limita aos 外人 (*gaijin*, literalmente “pessoa de fora”), ele permeia entre camadas da sociedade japonesa, envolvendo questões de gênero, deficiências, entre outros aspectos sociais. A problemática do reconhecimento na sociedade

⁴ Um dito popular de conhecimento comum entre os brasileiros: *O ano só começa depois do Carnaval*.

japonesa já foi tratada por autores japoneses como Noriaki Akaishi (赤石憲昭)⁵ e Shinji Yamatake (山竹伸二)⁶, mas acredito que analisá-la em conjunto com a perspectiva dos bolsistas seja interessante. Inclusive uma ex-bolsista do MEXT antropóloga, Regina Matsue⁷, trabalhou extensamente sobre essa temática⁸. De uma maneira ou outra, o que nós bolsistas percebíamos como reconhecimento (ou a falta de) esteve relacionado à nossa inserção — ou não — na cultura japonesa.

A categoria nativa de *gaijin* é um tanto controversa. Seu significado literal é de “pessoas de fora” (外, *gai* = fora; 人, *jin* = pessoa), mas carrega consigo muito mais do que essa definição. Trata-se de uma categoria que delimita a fronteira entre o *nós* e o *eles*. Dedicarei mais tempo à descrição da relevância desse termo no Capítulo 04, justamente pela dificuldade em defini-lo de forma concisa, e por ele abranger um conjunto heterogêneo de relações cuja ideia é criar uma exterioridade perante a sociedade japonesa — o que, na minha experiência, se traduziu em um mecanismo de não-reconhecimento.

Dessa forma, é importante analisar essa categoria porque ela atravessa a experiência dos bolsistas, que são convidados a entrar, mas não a *pertencer*. Ao contrário do antropólogo, interessado em experimentar o eventual choque cultural como instrumento metodológico⁹, os bolsistas vivenciam esse mesmo choque, mas não o percebem como parte da experiência para construção de um conhecimento. Em vez disso, com frequência, esses choques causam-lhes sofrimento nem sempre sanável.

Por suposto, os bolsistas não chegam ao Japão com o olhar antropológico de quem está ali para estudar uma sociedade — chegam com o desejo de estudar, crescer, viver e participar. O conflito fica, de certa forma, posto aos bolsistas: quando as fraturas culturais emergem à

⁵ 赤石憲昭, 現代日本社会における承認問題, *社会文化研究*, v. 20, p. 7–33, 2018.

⁶ 山竹伸二, 「認められたい」の正体 承認不安の時代, 日本: Kodansha, 2011.

⁷ Infelizmente, até o momento da escrita, não cheguei a conhecê-la pessoalmente. Matsue é uma veterana pessoal em duas frentes: ela foi também bolsista do MEXT e realizou o seu mestrado na Universidade de Brasília. Em seu texto, “*Quem Se Diferencia Apanha*” (*Deru Kui Ha Watareru*): *Experiência Etnográfica, Afeto E Antropologia No Japão* (2017), há muitos pontos de intersecção com o presente trabalho que, a meu ver, são temáticas relevantes, porém pouco repercutidas.

⁸ MATSUE, Regina Yoshie, *Corpos duplamente dissidentes: a condição da migrante brasileira no Japão*, *Cadernos Pagu*, n. 65, p. e226513, 2022; MATSUE, Regina Yoshie; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes, “Quem Se Diferencia Apanha” (*Deru Kui Ha Watareru*): *Experiência Etnográfica, Afeto E Antropologia No Japão*, *Mana*, v. 23, n. 2, p. 427–454, 2017; MATSUE, Regina Yoshie, “Sentir-se em casa longe de casa”: vulnerabilidade, religiosidade e apoio social entre os migrantes brasileiros no Japão, *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, n. 5, p. 1135–1142, 2012.

⁹ WAGNER, Roy, *A invenção da cultura*, [s.l.]: Cosac Naify, 2011.

superfície — nas pressões societárias, na rigidez da hierarquia, no isolamento, nas regras não ditas, nos gestos sutis de exclusão, no *bullying* mascarado e no preconceito internalizado —, elas não surgem como material de pesquisa, mas como dores reais que deixam cicatrizes duradouras.

Como se não bastasse, esse sofrimento — por vezes oprimido — convive com a *obrigação de gratidão*. Gratidão pelo governo que lhes proporcionou uma oportunidade fantástica, pelo país que os recebeu, pelas instituições que os selecionaram, pelas descobertas feitas ao longo do caminho. Ao mesmo tempo que os bolsistas são genuinamente gratos à bolsa e às oportunidades que os proporcionaram, esse sentimento se opõe ao sofrimento vivido. A gratidão, como linguagem, está costurada nas entranhas da cultura japonesa — ela é uma parte distintiva da sociedade. Só que ela é uma língua que fala e pensa por nós, sem termos consciência. Ela molda, estrutura e limita o que pode ser dito e o que deve ser silenciado. Estabelecendo paralelos com o texto de Klemperer: “*A linguagem que escreve e pensa por você... O veneno que você bebe sem perceber e que tem seu efeito – isso não é dito com bastante frequência.*”¹⁰

Essa tensão entre a gratidão institucional e o sofrimento individual foi algo que me peguei analisando a partir das falas dos ex-bolsistas entrevistados e da minha própria experiência. Ao longo desta pesquisa, caminhei por um terreno pavimentado por ambiguidades, conflitos e opressões — mas também adornado por narrativas de crescimento, histórias de afeto e reinterpretações de vivências. Ao final, vejo esta pesquisa como uma carta de amor à minha juventude, concedendo-lhe o reconhecimento que me faltou na terra que eu amei.

Sobre a Tradução de Termos em Japonês

Ao longo do texto, haverá palavras em japonês que utilizarei para descrever aspectos da pesquisa cuja tradução direta não transmite as nuances que gostaria. Para torná-las mais acessíveis ao público romanizado, optei por escrevê-las no original, com a romanização entre parênteses e a respectiva tradução em português ou inglês. Há, contudo, algumas ressalvas que preciso explicitar.

¹⁰ No original: “‘Language which writes and thinks for you . . .’ Poison which you drink unawares and which has its effect – this can’t be said often enough.” KLEMPERER, Victor, **Language of the Third Reich**, London, England: Bloomsbury Academic, 2013, p. 63.

A primeira diz respeito ao uso de palavras em *katakana*. 片仮名, mais comumente escrito como カタカナ (*katakana*), é um dos três sistemas de escrita do japonês — e um dos dois silabários da língua, derivados de fragmentação de ideogramas chineses tradicionais. Atualmente, o uso de *katakana* equivale ao uso do *itálico* no português em muitos contextos, sendo também utilizado para registrar palavras de origem estrangeira. Neste texto, haverá momentos em que estarei apenas transcrevendo diretamente para a palavra estrangeira, como por exemplo ホテル (*hotel*), e em outros farei duas traduções, como em カレー屋 (*kareeya*, loja de *curry*).

A segunda requer uma explicação mais detalhada, que inclui uma breve contextualização histórica do sistema *Hepburn*, ou ヘボン式 (ヘボン式ローマ字, *Hebonshiki Roumaji*, Sistema *Hepburn* de Romanização). Nomeado em homenagem ao missionário estadunidense James Curtis Hepburn, o sistema teve origem no primeiro dicionário inglês-japonês — escrito por ele —, o 「和英語林集成」 (*Waei Gorin Shuusei*, *Japanese and English Dictionary with an English and Japanese Index*), publicado em 1867. Considerado o padrão¹¹ oficial de romanização do japonês ao alfabeto latino, esse sistema passou por diversas reformulações, adições e mudanças ao longo do tempo. Até o estudo realizado por Kudo¹², ele ainda não havia sido amplamente padronizado, apresentando diversas divergências de acordo com a referência utilizada.

Dito isso, optei pelo uso fonético mais próximo ao português, com o intuito de facilitar a pronúncia de palavras japonesas por falantes brasileiros. Em especial na transcrição de vogais longas, adotando a representação da vogal conforme aparece em *hiragana*¹³. De forma que, em vez de utilizar “ō” para representar o “う” (*u*) longo — como em 勉強 (べんきょう, estudo) — adoto “ou”, de modo que a transcrição fique *benkyou*, em vez de *benkyō*, conforme o sistema

¹¹ REYNOLDS, J. H., The Official Romanization of Japanese, *The Geographical Journal*, v. 72, n. 4, p. 360–362, 1928, p. 360.

¹² KUDO, Yoko, Modified Hepburn Romanization System in Japanese Language Cataloging: Where to Look, What to Follow, *Cataloging & Classification Quarterly*, v. 49, n. 2, p. 97–120, 2011.

¹³ 平仮名 normalmente escrito como ひらがな (*hiragana*), é o outro sistema silábico da língua japonesa, também derivado da fragmentação de ideogramas chineses. É o primeiro conjunto de caracteres ensinado nas escolas, sendo atualmente utilizado para palavras nativas japonesas, partículas gramaticais e terminações verbais, em conjunto com os 漢字 (*kanji*, ideogramas chineses tradicionais).

Hepburn. O mesmo se aplica, por exemplo, à palavra 炎 (ほのお, flama), que transcrevo como *honoo*, em vez de *honō*.

No caso de palavras em *katakana* que não têm tradução direta para outra língua, usarei o travessão “—” para identificar vogais longas. Já a sílaba nasal japonesa ん será representada por “n”, ainda que, por vezes, infrinja a norma gramatical portuguesa. Quanto à parada glotal, representada pelo caractere “っ” minúsculo (っ), opto pela repetição da consoante seguinte, ou pela letra “h” em interjeições expressivas, como em あっ (*ah*). E representarei os 拗音 (*youon*, ‘fonemas contraídos’), indicados pelos caracteres や (*ya*), ゆ (*yu*) e よ (*yo*) minúsculos (や・ゆ・よ), como ditongos. Assim, quando acrescentadas de silabários terminados em “i”, serão representadas como きゃ (*kya*)・きゅ (*kyu*)・きょ (*kyo*), salvo as し (*shi*) e ち (*chi*) que optei pelo uso da última vogal apenas, しゃ (*sha*)・しゅ (*shu*)・しょ (*sho*) e ちゃ (*cha*)・ちゅ (*chu*)・ちょ (*cho*). Acrescento uma ressalva, a partícula は (*ha*) — como partícula de marcação de tópico/sujeito — e を (*wo*) serão transcritas como são referidas em *hiragana*, apesar dos fonemas serem “wa” e “o” respectivamente, a fim de evitar confusões.

Para palavras cuja tradução ao português já esteja padronizada e reconhecida, como nomes de cidades ou universidades, adoto o uso do termo aportuguesado. Por exemplo, 東京 (*Toukyou*), que é traduzido como *Tokyo* em inglês e Tóquio em português, optei por manter a forma portuguesa. Já em casos em que não haja uma tradução estabelecida em português, utilizo o nome em inglês.

Essas escolhas foram feitas de forma consciente, com o objetivo de tornar a leitura mais fluida e de ajudar o leitor brasileiro a pronunciar as palavras japonesas de maneira que se aproxime do original. Sempre que um termo exigir uma explicação mais detalhada, recorrerei ao uso de notas de rodapé para contextualizar o leitor quanto às nuances e ao histórico necessários.

Antes de mergulharmos no conteúdo das entrevistas com os ex-bolsistas, acredito que seja importante apresentar-lhes um evento regular da comunidade de ex-bolsistas do Governo japonês em Brasília: a festa de fim de ano. A escolha de iniciar por esse relato não é meramente

ilustrativa, é metodológica. Após expor de onde o meu olhar parte e demarcar notas linguísticas em relação à tradução que utilizarei ao longo do texto, partirei para um exercício de aplicação concreta: observar como, em um espaço social aparentemente festivo e protocolar, os ex-bolsistas brasileiros negociam linguagens, símbolos e posições, reproduzindo e transformando raciocínios herdados do Japão.

Dessa maneira, pretendo introduzi-los à curiosa lógica na qual aqueles que foram ao Japão se situam, além de aclimatizá-los aos temas que abordarei nos capítulos seguintes. É importante lembrar que os dados apresentados aqui constituem uma porta de entrada para compreender tensões mais amplas que atravessam toda a experiência dos ex-bolsistas.

CAPÍTULO 02 • RITUAL DA ABRAEX DE FIM DE ANO — 忘年会 (BOUNENKAI)

Em 1983, o governo japonês desenvolveu um plano visando atrair mais estudantes internacionais para o país. De acordo com Ota¹⁴, o primeiro-ministro da época, Yasuhiro Nakasone, visitou diversos países do Leste Asiático e se deparou com uma situação inusitada: muitos políticos, oficiais e empresários que haviam estudado no Japão estavam insatisfeitos com suas experiências no país e, por isso, estavam recomendando que seus filhos estudassem na Europa ou nos Estados Unidos. Assim, segundo o autor, tal episódio desencadeou a criação do plano 「留学生 10 万人計画」¹⁵ (*Ryuugakusei Jyuumannin Keikaku, International Student 100,000 Plan*), que consistia, de forma geral, no plano de ação em que o Japão deveria seguir para receber, até o início do século XXI, a mesma quantidade de estudantes internacionais que a França recebia em 1983. O país alcançou sua meta em 2003. Em sequência, o governo japonês elaborou um novo plano, liderado pelo então primeiro-ministro Yasuo Fukuda, criado em 2008: o 「留学生 30 万人計画」¹⁶ (*Ryuugakusei Sanjyuumannin Keikaku, International Student 300,000 Plan*)¹⁷.

O novo plano descreve cinco passos para alcançar a meta de receber 300.000 estudantes até 2020¹⁸. O primeiro passo consiste em estratégias para “convidar” os alunos a estudarem no país. Essas estratégias incluem a realização de feiras internacionais para prospecção de alunos em diversos países, a oferta de *one-stop services*¹⁹ e a confecção de materiais de consulta nas línguas nativas dos possíveis alunos, além da promoção da ビジット・ジャパン・キャンペーン²⁰ (*Visit JAPAN Campaign*, campanha de incentivo ao turismo no Japão). O segundo passo se refere à facilitação do processo burocrático ao acesso para estudos no país. O terceiro e o

¹⁴ OTA, Hiroshi, *The International Student 100,000 Plan : Policy Studies*, 2003.

¹⁵ Plano internacional de 100.000 estudantes internacionais.

¹⁶ Plano internacional de 300.000 estudantes internacionais.

¹⁷ 検証 留学生政策 - N P O 法人 国際留学生協会 / 向学新聞, disponível em: <<https://www.ifsa.jp/index.php?1707-seisaku>>. acesso em: 10 mar. 2025.

¹⁸ 「留学生 30 万人計画」骨子の策定について：文部科学省, disponível em: <https://www.mext.go.jp/a_menu/koutou/ryugaku/1420758.htm>. acesso em: 10 mar. 2025.

¹⁹ Não encontrei uma descrição clara do que seriam esses *one-stop services*.

²⁰ ビジット・ジャパン・キャンペーン (インバウンド観光用語) | ジャパン／ワールド／リンク.

quarto dizem respeito à estadia dos estudantes internacionais, visando promover um ambiente atrativo e de bem-estar. Estes passos, em particular, serão abordados em diferentes graus de profundidade nos próximos capítulos. O quinto, e mais relevante neste momento, trata-se da promoção da integração dos estudantes na sociedade, seja ela japonesa ou em seus países de origem, após a conclusão dos estudos. Dentro das estratégias direcionadas àqueles que retornam aos seus países estão: o apoio a associações de ex-bolsistas, a melhoria dos serviços de *follow-up*²¹ e o fortalecimento da rede de *networking* dos ex-bolsistas por meio de atividades que incentivem a manutenção do contato deles com o Japão e sua cultura.

Entre a criação desses dois programas, em março de 1996, a ABRAEX - Associação Brasiliense de Ex-Bolsistas Brasil-Japão foi fundada. Segundo sua página na *web* do ano de 2007²², a associação foi fundada, entre outros objetivos, para apoiar os ex-bolsistas brasileiros, auxiliando na continuidade de suas pesquisas, na reintegração ao Brasil e na manutenção do vínculo com a cultura japonesa. Além disso, a associação tem como finalidade promover o *networking* profissional, intercâmbios com outras associações e oferecer suporte para divulgação dos trabalhos dos ex-bolsistas e organizar encontros sociais periódicos. A ABRAEX continua desempenhando esses papéis em parceria com a Embaixada do Japão e a Agência de Cooperação Internacional do Japão (JICA), tendo, inclusive, participado da seleção de novos bolsistas do programa de bolsas de estudo MEXT²³.

Dentro desses encontros sociais periódicos, estão as festas de fim de ano, conhecidas como 忘年会 (*bounenkai*). O termo significa, literalmente, “festa para esquecer o ano” e é geralmente celebrada em algum momento de dezembro por amigos, familiares ou, o que é bastante comum, com colegas de trabalho, como forma de esquecer os problemas do ano que passou e desejar a todos um novo ano melhor. Nas festas corporativas no Japão, as normas sociais tendem a ser mais relaxadas do que o habitual, sendo marcadas pelo consumo abundante de bebidas alcoólicas e comidas fornecidas pelos empregadores, ou oferecidas a descontos promocionais sazonais por parte dos estabelecimentos. Caracterizadas pelo ‘conceito’ de 飲み

²¹ Nos documentos que encontrei no site do MEXT, não encontrei uma descrição clara do que seriam os serviços de *follow-up*. Na minha experiência, o *follow-up* que recebi foi um *e-mail* após retornar, perguntando o que eu estava fazendo naquela época.

²² **Abraex - Associação Brasiliense de Ex-bolsistas Brasil-Japão**, Abraex - Associação Brasiliense de Ex-bolsistas Brasil-Japão, disponível em: <<https://web.archive.org/web/20070326070242/http://www.abraex.org.br/sobre/>>. acesso em: 10 mar. 2025.

²³ **Sobre a Abraex**, Abraex, disponível em: <<https://abraex.org.br/sobre-a-abraex/>>. acesso em: 10 mar. 2025.

ニケーション (*nomi [commu]nication*, “comunicação pela bebida [alcoólica]”), as festas de fim de ano promovem a interação entre colegas de trabalho em um ambiente mais descontraído durante um dos meses mais atarefados do ano.

O ano fiscal japonês começa em abril, de forma que dezembro é o último mês do terceiro trimestre, ao contrário do brasileiro que se alinha com o ano civil. É por volta desta época que as empresas iniciam o planejamento orçamentário para o ano seguinte. Somam-se a esse período, ditadas por normas sociais, a exigência de participação nas festas de Ano-Novo e *bounenkai*, bem como as obrigações típicas de fim de ano, como enviar os 年賀状 (*nengajyou*, cartões-postais de ano novo) a familiares, amigos e contatos de trabalho. Todos esses afazeres tornam esta época do ano bastante atarefada.

O *Bounenkai* dos ex-bolsistas em Brasília apresenta uma proposta diferenciada. Seu objetivo é incentivar o *networking* profissional entre os ex-bolsistas associados e transmitir atualizações institucionais da associação, da Embaixada e da JICA. Embora haja comida, na maioria das festas em que estive, bebidas alcoólicas não eram servidas e as normas sociais permaneciam rígidas²⁴. O evento é custeado pelos ex-bolsistas por meio de taxas de inscrição²⁵. E, assim como nas versões japonesas mais formais, o nosso *Bounenkai* (aqui me incluindo como associada) conta com discursos e apresentações. Os membros de alto escalão do conselho da associação, embaixador e convidados da JICA fazem discursos, e alguns dos bolsistas recém-chegados apresentam suas recentes experiências em terras nipônicas.

Certo dia, ao descrever o *Bounenkai* dos ex-bolsistas do Governo japonês em uma conversa com o professor Luiz Eduardo Abreu, em meio a pedidos de financiamento para custear a taxa de inscrição — que, a cada ano, só aumenta —, foi-me apontado que tal evento possui características de um ritual. Ora, considerando a linhagem acadêmica à qual pertenço²⁶, surpreendeu-me não ter percebido essa oportunidade com rapidez. Certamente, minha participação recorrente no evento gerou certa dificuldade em notar *obviedades*. Logo, decidi colocar minhas lentes de etnógrafa e ir ao *bounenkai* como uma antropóloga observadora-participante. Não conseguindo o financiamento monetário, apenas apoio moral, paguei a inscrição e me preparei para o evento que, decerto, seria “o mesmo de sempre”.

²⁴ Para padrões brasileiros.

²⁵ De acordo com minhas fontes, ocasionalmente a JICA ajuda a custear o local, mas “a Embaixada do Japão não tem verba para isso”.

²⁶ A linhagem Mauss-Louis/Luizes.

Para a minha surpresa, na festa de fim de ano de 2024, ocorreram algumas mudanças — não na estrutura do evento, mas no comportamento dos participantes, que me levou a refletir ainda mais sobre o *bounenkai* dos ex-bolsistas como uma micro representação da experiência deles diante da sociedade japonesa, tema que desenvolvo nos capítulos seguintes. A seguir, descreverei o ‘ritual’ de fim de ano da ABRAEX do ano de 2024.

Logo que as músicas e decorações natalinas começam a fazer parte da paisagem brasileira, somos lembrados de que, em poucos dias, entraremos nas últimas semanas do ano. Tal como no Japão, os últimos meses do ano no Brasil tendem a ser repletos de compromissos e obrigações sociais que nos são impostas — algumas das quais aceitamos de bom grado, outras nem tanto. Com a chegada do fim do ano, os ex-bolsistas do MEXT associados à ABRAEX²⁷ são convidados a participar do *bounenkai*, mais conhecido como o “Encontro de Networking de Ex-Bolsistas do Governo Japonês”. Quinze dias antes do evento, recebemos um *e-mail* com o convite:

“A ABRAEX convida para o Encontro de Networking de Ex-Bolsistas do Governo Japonês. Na ocasião, iremos reunir ex-bolsistas do Governo Japonês para uma proveitosa integração e troca de ideias, apresentação de experiências dos colegas recém-chegados do Japão e degustação de uma deliciosa comida japonesa. Grande oportunidade de networking e de criação de oportunidades profissionais com os associados, diplomatas japoneses e representantes da JICA. O Sr. Embaixador do Japão e o Sr. Representante da JICA também estarão presentes.” (ABRAEX, e-mail, 14 de novembro de 2024.)

Junto ao convite, recebemos a programação detalhada, incluindo o endereço do evento e horário. Há também um *link* para realizarmos a inscrição, os dados bancários para o depósito do valor exigido para a confirmação da presença e um lembrete de que “o evento é exclusivo para ex-bolsistas e, infelizmente, não será possível levar acompanhantes”.

A inscrição consiste em um formulário *online* com seis perguntas sobre 1) o *e-mail* para contato; 2) nome completo; 3) local de trabalho; 4) área de atuação; 5) programa de bolsa no qual foi bolsista (MEXT, JICA ou outro²⁸); por último, 6) modalidade ou o nome da bolsa recebida. Já o local do evento foi escolhido o mesmo do ano anterior: o auditório de um prédio comercial com pouca ocupação, situado no início do lado norte do centro da cidade. Trata-se de um local agradável, bonito e central, ao mesmo tempo isolado. A meu ver, a maior

²⁷ Nem todos os ex-bolsistas do MEXT em Brasília recebem o convite. Não consegui descobrir a razão e acredito que não faz parte do escopo da minha pesquisa.

²⁸ Não saberia informar quais seriam as possíveis bolsas em *outro*. Nos vários encontros que fui, não encontrei ninguém de outra bolsa senão a do MEXT e da JICA. Provavelmente se referem ao *Programme JET* e a programas da Fundação Japão.

desvantagem recai sobre a questão do estacionamento. O estacionamento interno não é barato, e o externo é isolado, com poucas vagas e mal iluminado. No ano anterior, os participantes que estacionaram na área externa saíram em grupos após o evento.

O cronograma, planejado com pretensão militar, é calculado por minuto. Pontualmente, o evento começaria às dezenove horas e seguiria uma programação maciça: quinze minutos iniciais para credenciamento; cinco minutos para a abertura do evento; cinco minutos de ‘saudações’ do embaixador do Japão; cinco minutos dirigidos às ‘palavras’ do representante da JICA; dez minutos para a foto oficial do evento com ambos, ‘Sr. Embaixador do Japão’ e ‘Sr. Representante Sênior da JICA’ (e os que estariam presentes); trinta e cinco minutos de apresentações dos bolsistas recém-chegados do Japão (dos programas MEXT e JICA); uma hora e quinze minutos de ‘integração e troca de ideias’ além de ‘degustação de comida japonesa’; para encerrarmos o evento às vinte e uma horas e trinta minutos, no relógio, da sexta-feira combinada.²⁹

Uma semana antes do evento, recebemos outro correio eletrônico intitulado “Ainda dá tempo. Participe do Encontro de Networking!”, nos informando que o período de inscrição havia sido prolongado por mais dois dias. Fiquei muito grata pela mudança do prazo, que passou de sábado para segunda-feira, apesar do meu pedido negado³⁰. O restante do *e-mail* manteve a mesma estrutura e informações do anterior — à parte do ajuste na data de inscrição. Em conversas paralelas com alguns ex-bolsistas, comentamos sobre o valor de inscrição, que, ao nosso ver, estava alto (R\$ 80,00), considerando a comida servida e os extras para a participação do evento, como estacionamento ou transporte. No entanto, sempre havia a possibilidade de sair do evento com uma ou três marmitas de comida, já que frequentemente sobrava bastante comida.

No dia do evento, cheguei ao local com quarenta minutos de antecedência. Naquele horário, funcionários das empresas sediadas no prédio estavam encerrando o turno, saindo para jantar, ou iniciando o expediente noturno, no caso dos vigilantes. Estacionei o carro na área externa, onde encontrei uma vaga, e me dirigi até a recepção para confirmar o local do evento. O auditório está localizado no subsolo do edifício anexo ao prédio principal, onde estão a recepção e a entrada. Nesse anexo, estavam ocorrendo outras reuniões e, ao caminhar em

²⁹ Os termos entre aspas simples (‘) se referem a termos usados no *e-mail*.

³⁰ A questão sobre financiamento acadêmico é uma discussão longa que aqui não merece espaço.

direção à escadaria que leva ao subsolo, cruzei-me com pessoas animadas que saíam ansiosas para o fim de semana. E, ao descer a escada, já podia-se ouvir o barulho de pessoas trabalhando.

A então vice-presidente da associação já havia chegado, assim como alguns funcionários da JICA e um seleto número de voluntários ex-bolsistas. Sobre estes últimos, segundo conversei com um colega, a vice-presidente convidou alguns ex-bolsistas para auxiliar na organização do espaço antes do evento. Divididos em grupos, alguns voluntários estavam preparando e organizando materiais de papelaria, como crachás, enquanto outros realizavam trabalhos braçais, como mover mesas e carregar caixas. Esta organização consistia na montagem da área de credenciamento: deslocar uma mesa longa até a escada de acesso ao auditório, organizar os crachás dos ‘associados’ em ordem alfabética sobre a mesa, posicionar uma cesta com saquinhos individuais de amendoim ao lado dos crachás e ter a lista de inscritos pronta para verificação. Outro grupo, formado por integrantes mais velhas, estava organizando a área do banquete. Naquele ano, a comida ficou limitada a uma bancada localizada no final do saguão da recepção, acompanhada de duas mesas quadradas de plástico e contava com o suporte de um garçom contratado. Os pratos com comida ficavam expostos, cobertos por filme PVC, até o momento da degustação. Nem todos os pratos foram colocados na bancada devido à falta de espaço, sendo (re)postos à medida que os anteriores fossem esvaziados. Para além do saguão, um par de ex-bolsistas voluntários organizava os presentes a serem oferecidos ao pessoal da Embaixada e JICA — panetones —, e os brindes, que incluíam livros, sacolas *tote* e panfletos, que seriam sorteados entre os presentes, no palco do auditório.

Sentei-me na terceira fileira, à esquerda do palco, local onde normalmente me sento, observando estes dois voluntários enquanto organizavam os presentes, como oferendas em um altar. Éramos os únicos no auditório, e aproveitei o momento para escrever minhas observações até então, enquanto escutava a conversa do casal. Eles comentavam sobre os boatos de que a vice-presidente já havia escolhido os dois próximos membros do conselho da ABRAEX para o ano seguinte, 2025, que será o de uma suposta eleição. Um deles havia sido abordado e sondado para uma das posições em aberto no conselho e expressava felicidade com a sua possível escolha. A eleição do conselho³¹ da ABRAEX não é uma eleição *per se*. Não há como haver um processo eleitoral de partido único. Segundo o histórico recente de diretorias, a escolha e eleição dos integrantes para o conselho revolve em torno da atual vice-presidente.

³¹ No caso da ABRAEX, o termo é intercambiável entre a diretoria e o conselho.

Do auditório, podíamos ouvir as reclamações dela direcionadas aos membros do conselho que haviam chegado com pouca antecedência. As reclamações eram compreensíveis, dado o estresse de organizar um evento envolvendo autoridades internacionais e pessoas de alto escalão (incluindo ex-bolsistas). No entanto, a partir da minha observação, pareciam infundadas, pois havia um número relativo (e atrevo-me a dizer, suficiente) de voluntários à disposição para os preparativos da ocasião. Ademais, de forma um tanto combativa, a vice-presidente recusou minha oferta de ajuda na organização, sob o pretexto de que eu “não fazia parte da ABRAEX”. Em realidade, fui convidada a ocupar uma posição no conselho, mas recusei devido a visões conflitantes com a então vice-presidente. De forma que continuo a *fazer parte* da associação, assim como qualquer outro ex-bolsista do governo japonês residente em Brasília e que se cadastrou pelo site³². Tais atitudes, que escolho interpretar como reflexos da combinação do reforço de uma posição hierárquica na diretoria, de *veterania*³³, e do estresse causado pela responsabilidade de *anfitriar* o evento, continuaram interrompendo muitas das conversas entre ex-bolsistas que chegavam ao encontro, sob o argumento de urgência da organização. Felizmente, quando o embaixador do Japão e os secretários chegaram, muitas dessas atitudes foram amenizadas.

Ao se aproximar das dezenove horas, o restante dos ex-bolsistas chegava ao evento. Após o credenciamento, apresentavam-se uns aos outros e engajavam-se em conversas sobre o Japão, suas experiências e sobre seus trabalhos ou pesquisas. Me entretive em conversas com alguns ex-bolsistas da JICA, que passaram curtos períodos no Japão. Eles são de diversas áreas de conhecimento e, atualmente, trabalham em setores privilegiados de seus respectivos campos de atuação, como em órgãos públicos tais quais IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), ANEEL (Agência Nacional de Energia Elétrica), para citar alguns deles. Reencontrei alguns veteranos que admiro e calouros, pelo contexto de ordem de serem recipientes da bolsa, que não encontrava há tempo. Por fim, um pouco antes do início da abertura do evento, encontrei o então presidente da associação que havia chegado fazia não muito tempo. Nos cumprimentamos brevemente e logo deu-se início às atividades programadas.

As cadeiras do auditório eram divididas em duas partes, separadas por um extenso corredor central que descia até o palco. Os recém-chegados ex-bolsistas sentaram-se nas

³² **Cadastro de novos membros da Abraex**, Google Docs, disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSclcpu_RwSnu3Qz_RbalyFxtjZMbTe7e3RL2fVLeNGKHWprEg/viewform?usp=embed_facebook>. acesso em: 15 mar. 2025.

³³ Condição de ser *veterano*.

primeiras fileiras do lado direito, enquanto, o lado esquerdo ficou reservado aos funcionários da embaixada e da JICA. O presidente da associação sentou-se no lado esquerdo, mais próximo do centro da plateia no auditório. A vice-presidente e assistentes permaneceram mais à direita, junto à parede próxima à escada de acesso ao palco. Sobre este, um integrante da diretoria da associação estava sentado em uma mesa com um *laptop* e ficou responsável por projetar as imagens em uma tela ao fundo. Os presentes estavam dispostos na frente dos convidados institucionais, ao lado esquerdo para o centro sobre o palco. Já os demais ex-bolsistas ficaram espalhados pela plateia. Assim como ex-bolsistas, a diretora da Escola Modelo de Língua Japonesa de Brasília e bolsistas recém agraciados com viagem marcada também estavam presentes, a despeito do que foi escrito no *e-mail*.

A mestre de cerimônia, cargo também ocupado pela vice-presidente, deu o sinal para que todos se sentassem e convocou, pelo microfone, o presidente³⁴ para proferir algumas palavras de abertura. O presidente dirigiu-se à frente do auditório, porém não subiu ao palco, permanecendo ao lado direito, na parte inferior da frente do mesmo. Nesse discurso, programado para durar cinco minutos, o presidente destacou diversos resultados dos esforços e colaborações com outras entidades, expressos no evento do ano anterior, como a realização dos seminários de ex-bolsistas que relatam aspectos do Japão em conjunto com o departamento de Letras da Universidade de Brasília³⁵, realizados durante o segundo semestre de 2024. Além de cumprimentar e agradecer ao embaixador e ao representante sênior da JICA pela presença e pelo apoio ao presente evento.

Em seguida, o embaixador do Japão em Brasília proferiu algumas palavras amistosas à ABRAEX, enfatizando o orgulho que sente por todos os ex-bolsistas presentes e pela associação que os reúne. Seu discurso foi enunciado em português, pausadamente, enquanto segurava um papel com anotações próximo ao rosto. O embaixador também não subiu ao palco; posicionou-se no corredor central, à frente da plateia. Por último, o representante sênior da JICA Brasil, de nacionalidade japonesa, também proferiu seu discurso em português, agradecendo ao embaixador, ao presidente da ABRAEX e a todos os presentes pela oportunidade e pela participação. Assim como os anteriores, ele também não subiu ao palco.

³⁴ Aqui em diante, “presidente” se refere ao “presidente do conselho da ABRAEX”.

³⁵ **SIGAA - Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas. TÓPICOS ESPECIAIS SOBRE O JAPÃO**, disponível em: <<https://sigaa.unb.br/sigaa/public/componentes/resumo.jsf>>. acesso em: 15 mar. 2025.

Após os discursos iniciais, a vice-presidente e uma ex-bolsista veterana, designada como fotógrafa oficial da ABRAEX, organizam os participantes no auditório para as fotos oficiais. A ideia inicial era capturar a memória de cima do palco, centralizando a plateia, para que ambos os lados aparecessem em uma só foto. Depois de algumas tentativas e quase ultrapassando o tempo estipulado no cronograma, decidiram que, ao invés de uma, tirariam duas fotos separadas: uma do lado direito da plateia e outra do lado esquerdo. A fotógrafa tirou apenas uma das fotos e, na outra, na qual iria aparecer, pediu a um funcionário do prédio comercial que fotografasse. Entre cada uma, o embaixador, o representante sênior e a vice-presidente mudavam de lado da plateia para aparecer em ambas as fotos. O presidente, por outro lado, se manteve no mesmo lugar e apareceu somente em uma das fotos.

Terminada a sessão fotográfica, houve a troca da mestre de cerimônia. A nova apresentadora, uma ex-bolsista também veterana, iniciou a sua fala com a introdução dos recém-chegados bolsistas do MEXT e da JICA, começando pelos da JICA. O programa de bolsas de estudo da JICA para não-*nikkeis*³⁶ (日系, *nikkei*, “não-japonês”³⁷ de descendência japonesa) é o de “Treinamento no Japão”, voltado para diversos temas específicos. Ele é destinado a técnicos de países em desenvolvimento que, segundo a descrição do programa, “*serão os pilares da construção do seu país, a aquisição de técnicas e conhecimentos e a criação de sistemas*”³⁸. São cursos de curta duração, com aproximadamente um mês, porém altamente especializados e focados em um determinado tema. A bolsa cobre as despesas aéreas de ida e volta a partir de alguns aeroportos internacionais brasileiros, além de oferecer auxílios para alimentação, despesas de subsistência, cuidados médicos, transporte e materiais do programa.

A apresentadora chama um ex-bolsista da JICA por vez ao palco. Como nos anos anteriores, a apresentação dos recém-chegados deve seguir o formato padronizado. Nos três minutos concedidos a eles, os recém-chegados falam sobre a experiência de terem sido estudantes no Japão. Isso inclui o tema do curso, como foi estar no país, o que consideraram interessante e, talvez o mais importante, o quão agradecidos estão. Como suporte à apresentação, eles têm a permissão para utilizar uma apresentação de três a quatro *slides* sobre a experiência.

³⁶ Termo abreviado.

³⁷ Entrarei em mais detalhes no Capítulo 04.

³⁸ **Treinamento no Japão | Representação no Brasil | About JICA | JICA**, disponível em: <<https://www.jica.go.jp/Resource/brazil/portuguese/office/courses/index.html>>. acesso em: 17 mar. 2025.

O primeiro *slide* costuma ser de abertura, com o nome do bolsista, o tema do programa e algumas fotos. O segundo e, caso haja um terceiro, mostram parte do trabalho realizado, os locais onde visitaram, como era a instituição de ensino e fotos com os bolsistas estrangeiros. Já o último *slide*, mais livre, geralmente traz os contatos do bolsista e uma mensagem de gratidão ao Governo japonês e a determinadas pessoas que trabalham na embaixada.

O primeiro a ser chamado, um delegado da polícia federal, optou por não apresentar *slides* nem compartilhar contatos, muito menos subiu ao palco. Ele estudou a temática de violência doméstica e de pornografia infantil, além de aspectos vinculados ao funcionamento da força-tarefa envolvida em atender às vítimas desses crimes. Sua apresentação foi rápida e concisa. No início, pediu desculpas por não poder permanecer por muito tempo no evento, mas estava grato por ter sido convidado a apresentar. Surpreendeu-me saber que a JICA promove um curso específico sobre este tema em particular. Sem entrar em muitos detalhes, a 「児童買春、児童ポルノに係る行為等の規制及び処罰並びに児童の保護等に関する法律」 (*jidou baishun, jidou poruno ni kakaru koutou no kisei oyobi shobatsu narabini jidou no hogotou ni kansuru houritsu*, Lei sobre o Controle e Punição de Atividades Relacionadas à Prostituição Infantil e Pornografia Infantil e a Proteção das Crianças) ainda é extremamente leniente³⁹ e apresenta diversas lacunas em comparação à legislação brasileira. No entanto, segundo a sua apresentação, o curso lhe foi muito proveitoso e proporcionou uma grande aprendizagem no tema.

Durante a apresentação, a segunda mestre de cerimônia foi repreendida por não ter agradecido ao embaixador e ao representante sênior pela presença na sua fala anterior. De forma que, assim que o recém-chegado concluiu a apresentação, ela fez os devidos agradecimentos e seguiu introduzindo os próximos da lista. As seguintes expositoras eram duas ex-bolsistas atualmente vinculadas ao governo brasileiro, que foram estudar a inclusão de pessoas com deficiência no Japão. Uma delas é pessoa com deficiência (PCD), e ambas apresentaram *slides* em conjunto, compartilhando suas trajetórias no mesmo tempo alocado a um participante. Voltarei a falar sobre elas mais adiante.

³⁹ Para uma leitura mais aprofundada sobre o assunto, a tese de bacharelado de Juulia Karjalainen descreve com precisão o estado atual desta legislação: **Japan's limited definition and criminalization of child pornography and its International legal obligations**, Bachelor's, Tallinn University of Technology, Tallinn, 2021.

A próxima bolsista era da área de agronomia e, como as anteriores, comentou sobre políticas de inclusão no Japão, tais como os botões do elevador na horizontal, na parede em perpendicular à porta, a fim de proporcionar melhor acesso a cadeirantes. Seu curso era voltado a e sobre mulheres na agricultura. A recém-chegada falou calorosamente sobre as iniciativas para mulheres no Japão, especialmente no setor agrícola, e destacou que, como mulher, o país do sol nascente era excepcional. Segundo ela, nós, brasileiros, teríamos muito o que aprender com essas iniciativas.

Um servidor do Ministério da Cidade e titular do desenvolvimento da Política Nacional de Cidades Inteligentes (PNCI) foi o seguinte. Os próximos bolsistas estudaram um sobre cidades sustentáveis e outro sobre armazenamento de energia elétrica. Os três apresentaram avanços nas respectivas áreas de seu curso em que o Japão está se desenvolvendo. Mostraram imagens das usinas nucleares que visitaram, parques e banheiros desenvolvidos pré-Olimpíadas e comentaram sobre a divisão de lixo na cidade onde ficaram. Por fim, o último ex-bolsista da JICA a se apresentar foi um bombeiro recém-chegado. Ele descreveu como era sua rotina durante o curso e os esquadrões com os quais realizou trabalhos e atividades em parceria. Falou com orgulho dos amigos que fez e do que aprendeu. Bombeiro atuante em Brasília, agradeceu especialmente ao representante sênior da JICA pelas duas torres de treinamento presenteadas à cidade.

Com exceção do primeiro, todos os demais ex-bolsistas apresentaram *slides* com capa, fotos pessoais, fotos sobre o campo e seus respectivos contatos. Afinal, o título do evento enfatizava o *networking*. A maioria dos palestrantes ultrapassou os três minutos de fala estipulados por pessoa e foi advertida pela vice-presidente pelo microfone durante suas apresentações. Todavia, essas intervenções não afetaram o humor dos presentes e, em geral, o clima foi animado e com comentários predominantemente positivos sobre quão maravilhosa foi a experiência de estudar no Japão. Todos expressaram *extrema* gratidão pela oportunidade. A “gratidão” ficou explícita em diversos momentos ao longo das apresentações. Curiosamente, grande parte desses agradecimentos foi direcionada à vice-presidente da ABRAEX pelo convite de palestrar, e não, como se esperaria, ao presidente da associação.

A segunda mestre de cerimônia então introduz os recém-chegados bolsistas do MEXT. Os programas de bolsa do MEXT⁴⁰ no Brasil são sete: 1) Treinamento de Professores; 2)

⁴⁰ **Bolsas de Estudo MEXT (Monbukagakusho) | Embaixada do Japão no Brasil**, disponível em: <https://www.br.emb-japan.go.jp/itpr_pt/bolsas_programas.html>. acesso em: 17 mar. 2025.

Cultura e Língua Japonesa (Letras Japonês); 3) Cultura e Língua Japonesa (para descendentes de japoneses); 4) Pesquisa (Pós-Graduação⁴¹); 5) Escola Técnica; 6) Graduação; e 7) Curso Profissionalizante. Semelhante ao programa da JICA, a bolsa oferece passagens de ida e volta, exceto pelas taxas aeroportuárias, taxas de embarque e transporte interno no Japão. A bolsa MEXT inclui um valor mensal para subsistência (alimentação, moradia, seguro de saúde e outras despesas) e a isenção das taxas acadêmicas. O programa do MEXT, também conhecido como *Monbusho*, já foi considerado uma das melhores bolsas de estudo do mundo. Neste evento, apenas dois bolsistas recém-chegados do MEXT se apresentaram.

O primeiro foi um professor de língua inglesa agraciado com a bolsa de “Treinamento de Professores”. O curso de treinamento para professores tem a duração de um ano e seis meses, incluindo seis meses de imersão e aulas em língua japonesa. O programa visa promover pesquisas em universidades japonesas na área da educação, para que seus participantes estrangeiros possam replicar os resultados nos países de origem. O recém-chegado estudou métodos de aprendizagem da língua inglesa nas escolas japonesas em comparação às brasileiras. E, da mesma forma que os anteriores, ele teve três minutos para sua apresentação e utilizou *slides*. Por fim, agradeceu à vice-presidente e à responsável pelas bolsas e pela área cultural da embaixada — que, por coincidência, é uma amiga próxima da vice-presidente, filha da diretora da Escola Modelo e ex-bolsista — pela oportunidade.

A última apresentação foi de uma estudante universitária de graduação em Letras - Japonês, agraciada pela bolsa de “Cultura e Língua Japonesa (Letras Japonês)”. Essa bolsa tem como objetivo o enriquecimento cultural e literário, e o aprimoramento da proficiência na língua japonesa de atuais alunos de Letras com habilitação em japonês. Ela passou um ano no Japão e escolheu estudar na “*universidade mais antiga do país*”⁴². Durante sua fala, compartilhou sua rotina e afirmou ter realizado um sonho. Em seguida, agradeceu de forma entusiasmada à responsável da embaixada pela bolsa e pela oportunidade de estudar no país.

Com o término das apresentações, pouco fora do horário planejado, iniciou-se a entrega de presentes ao embaixador, ao representante sênior da JICA e outras figuras relevantes ao conselho da ABRAEX. A mestre de cerimônia foi novamente substituída, e a vice-presidente reassumiu o posto. Em sua nova fala, explicou o procedimento de entrega de presentes que

⁴¹ Que inclui Mestrado e Doutorado.

⁴² Fala da recém-chegada. Na realidade, a universidade é uma das mais antigas e está entre as cinco mais antigas do Japão. Ao mérito da palestrante, a universidade em que estudou é considerada, em 2025, no *top* três de melhores universidades do Japão.

ocorreria da seguinte maneira: ao receber os presentes, tanto o receptor quanto o entregador posariam para fotos de registro no corredor central. Eles consistiam em grandes panetones festivos, embalados como presentes de Natal. Foi anunciado, por ordem, quem iria receber e o escolhido para entregar o panetone. Integrantes de alto escalão da diretoria da ABRAEX foram chamados para presentear os convidados ilustres. As fotos foram tiradas pela fotógrafa oficial e membros das respectivas instituições, que aproveitaram a ocasião como forma de registro e recordação.

Em seguida, a segunda mestre de cerimônia retorna trazendo uma meia decorativa de Natal contendo os nomes de todos os credenciados presentes, incluindo os representantes da embaixada, da JICA, da Escola Modelo, do conselho da ABRAEX e os bolsistas recém-agraciados, para realizar o sorteio dos presentes restantes. A vice-presidente, novamente, ficou responsável por narrar os procedimentos a serem seguidos. Em sua fala, instruiu que chamaria uma pessoa para retirar um nome da meia, esta anunciava o ganhador e, em seguida, tanto o ganhador quanto o presenteador posavam para uma foto com a *lembrança* recebida. O processo continuou dessa forma até que todos os itens fossem distribuídos. Nem todos conseguiram receber algo, mas, comparado com os anos anteriores, este evento contou com uma grande quantidade de objetos a serem presenteados. Estes últimos foram doados por ex-bolsistas, incluindo livros institucionais relacionados aos seus trabalhos e projetos, além de materiais promocionais das instituições presentes. Fui sorteada para ganhar uma bolsa *tote* institucional da JICA, com a inscrição “**Unindo** o mundo com os **laços de confiança**”⁴³ e o logotipo na frente, recheada de panfletos.

Apesar de não ter sido uma atividade da programação enviada, a entrega e o sorteio dos itens se estenderam por um longo tempo. Quando as atividades finalmente se encerram, chegou o momento da ‘degustação’. Todos os presentes dirigiram-se ao saguão de entrada, formando uma fila única e extensa para se servirem. Enquanto buscava meu lugar na fila, encontrei um dos ex-presidentes da associação. Ele foi bolsista há mais de quatro décadas e presidiu a associação por vários mandatos. Havia perdido a esposa no início do ano, mas ainda assim fez questão de comparecer. Em todos os eventos da ABRAEX, esse senhor sempre esteve presente, muito animado e entusiasmado, compartilhando histórias da sua época no Japão e ouvindo as peripécias dos recém-chegados. Ao saber de sua perda, comentei que nós, ex-bolsistas, estávamos ali para o que ele precisasse. Afinal, ele era o presidente da associação no ano em

⁴³ Grifo da bolsa.

que fui agraciada com a bolsa. E sinto uma profunda gratidão por toda a ajuda que tive durante as orientações prévias antes de ir ao Japão, especialmente pelo “Manual do Bolsista” (2011) que nos foi entregue. Nele havia informações que me salvaram a vida — literalmente conforme veremos adiante.

Seguimos conversando até encontrarmos o ex-vice-presidente, que havia se mudado para o exterior. Ele é uma pessoa muito atenta e calma, extremamente inteligente e fascinante para se conversar. Quando os dois começaram um diálogo mais privado, a fim de lhes dar espaço, iniciei uma conversa com uma senhora que estava atrás de mim na fila. Ex-bolsista da JICA, ela contou histórias sobre a experiência que teve e confabulamos sobre as diferenças que encontrei na minha trajetória.

Seguimos conversando e, enquanto avançávamos na fila do *buffet*, cumprimentamos o garçom e nos movemos conforme os gestos coreografados dessa espécie de dança que é se servir: ao lado esquerdo da fila, havia 箸 (*hashi*, vulgo *palitinhos*), pratos de papel e alguns talheres, sendo permitido pegar no máximo um de cada; ao passarmos pelas comidas — todas sem qualquer etiqueta informando sobre ingredientes ou possíveis alergênicos —, servimo-nos de pequenas porções; e, ao chegarmos no final da bancada, à esquerda, encontrava-se a mesa de bebida com copos já cheios para serem escolhidos. Apenas era possível repetir a ‘degustação’ depois que todos já tivessem se servido.

Não havia mesas nem assentos, comíamos em pé enquanto conversávamos. A hora da degustação é também o momento do *networking*. Entre garfadas, *hashizadas* e bebidas não alcoólicas, os ex-bolsistas e representantes das instituições se apresentam e interagem. O embaixador do Japão e o representante sênior da JICA não estão entre os mais requisitados; pelo contrário, costumam conversar com membros mais antigos da ABRAEX ou entre si. Os assuntos entre os ex-bolsistas variam desde perguntas casuais, como “*como foi a sua experiência no Japão?*”, e “*quando você foi/voltou?*”, até temas mais profundos. Como foi o caso da conversa que tive com uma das recém-chegadas, que estudou a temática de pessoas com deficiência e de saúde pública.

Perguntei a ela, que tem dificuldade de locomoção, sobre o que estudou durante o curso e indaguei se o caso ocorrido em 相模原市 (*Sagamihara-shi*, cidade de *Sagamihara*) havia sido

mencionado. Considerado um dos piores casos de assassinato⁴⁴ em série das últimas décadas do Japão, o crime ocorreu em 2016, quando um homem de vinte e seis anos matou dezenove pessoas em um centro para portadores de deficiência⁴⁵. Antes do ataque, ele já havia enviado ameaças ao parlamento japonês, declarando que mataria mais de quatrocentas pessoas com deficiência. Segundo o assassino, “*não havia razão para as pessoas com deficiência viverem*” e ele acreditava ter “*feito um favor à sociedade*”, sem demonstrar remorso. O caso repercutiu amplamente nas mídias nacionais e internacionais, levantando discussões sobre como a sociedade japonesa estava tratando as pessoas com deficiência⁴⁶. Por essa razão, eu estava curiosa para saber como o curso da JICA abordou essa questão.

Como um vento súbito antes de uma tempestade, a ex-bolsista mudou a postura que manteve durante a apresentação de animação e gratidão. Revelando como foi a experiência *real* durante esses pouco mais de vinte dias no Japão. Começou dizendo que precisaria de acompanhamento psicológico. Uma declaração completamente diferente da fala apresentada durante os *slides*. Explicou que, apesar de ter dificuldades de locomoção, nunca havia se reconhecido como uma pessoa deficiente e, muito menos, se considerado *incapaz*. Entretanto, ao chegar ao Japão, um dos seus primeiros choques foi quando lhe perguntaram onde estava sua assistente. Ora, conforme as pessoas do instituto onde realizava o curso, ela necessitava de uma — e a forçaram a aceitá-la — por considerá-la incapaz de realizar tarefas por conta própria. Não obstante, perguntavam-lhe como seu namorado a aceitava, por conta de sua deficiência.

⁴⁴ Conhecido como 「相模原障害者施設殺傷事件」 (*Sagamihara shougaisha shisetsu sasshou jiken*, massacre no centro de cuidados especiais de Sagamihara).

⁴⁵ 「津久井やまゆり園」 (*Tsukui Yamayuri En*, *Tsukui Lily Garden*), centro de cuidados a portadores de deficiências, tanto mentais quanto físicas.

⁴⁶ Para mais informações sobre o caso: 相模原殺傷事件 きょう初公判 | NHK 神奈川県のニュース, disponível em: <<https://web.archive.org/web/20200112040308/https://www3.nhk.or.jp/lnews/yokohama/20200108/1050008622.html>>. acesso em: 18 mar. 2025; **Japonês que matou 19 pessoas em centro psiquiátrico sorri para as câmeras**, ISTOÉ Independente, disponível em: <<https://istoe.com.br/japones-que-matou-19-pessoas-em-centro-psiquiatrico-sorri-para-as-cameras/>>. acesso em: 18 mar. 2025; 「津久井やまゆり園」とは？元職員が入所者を刺し19人死亡, ハフポスト, disponível em: <https://www.huffingtonpost.jp/2016/07/25/tsukui-yamayuri_n_11190408.html>. acesso em: 18 mar. 2025; HOLLINGSWORTH, Julia, **Japanese man who killed 19 at disabled facility sentenced to death**, CNN, disponível em: <<https://www.cnn.com/2020/03/16/asia/japan-knife-attack-sentence-hnk-intl/index.html>>. acesso em: 18 mar. 2025; Satoshi Uematsu: Japanese man who killed 19 disabled people sentenced to death, 2020; **Letter by man accused of mass stabbings carried eerie warning : The Asahi Shimbun**, disponível em: <<https://web.archive.org/web/20160726124743/http://www.asahi.com/ajw/articles/AJ201607260083.html>>. acesso em: 18 mar. 2025.

Para aqueles que a questionavam, parecia inconcebível que ela, uma *mera deficiente*, pudesse ter um relacionamento amoroso. Disse que ficou muito abalada por esses acontecimentos e acrescentou que, apesar dos avanços em tecnologias e em *design* acessíveis, o Brasil está *anos-luz* à frente do Japão em questões sociais voltadas à recepção e trato de pessoas com deficiência. Problemas que aqui, no Brasil, foram resolvidos na década de oitenta (1980), ainda estão sendo trabalhados no Japão.

Ao descrever essas agressões, ela se mostrou semelhante a muitos ex-bolsistas que entrevistei ao longo deste trabalho — localizados em um limbo entre a gratidão e o sofrimento. Outras ex-bolsistas que estavam por perto e que ouviram a história dessa moça acrescentaram relatos de experiências negativas que vivenciaram no Japão. No final, eu e outra ex-bolsista a abraçamos. Ela agradeceu quase chorando. Me perguntei: qual será o espaço onde pessoas como nós podem se abrir? Certamente, não em um evento de *networking*. Então, onde?

E, assim, o tempo foi passando. Conversei com outros colegas, tanto veteranos quanto calouros, à medida que, pouco a pouco, os bolsistas foram indo embora. Até que o evento chegou ao fim. Quando o relógio marcou exatamente vinte e uma horas, a vice-presidente começou a solicitar a todos que devolvessem seus crachás. Em troca, recebemos doces tradicionais japoneses dentro de uma caixinha branca. Como de costume, sobrou bastante comida e quem quisesse poderia levar quantas marmitas desejasse. Durante a desmontagem, todos que não faziam parte do grupo de voluntários selecionados pela vice-presidente se despediram e partiram.

A proposta de participar do evento com um olhar antropológico se provou frutífera. Pela primeira vez, percebi o quanto os ex-bolsistas haviam mudado. Pelo menos em sua postura *durante os networkings*. Não tenho certeza se isso foi uma reação à forma como estou processando a minha pesquisa e, consequentemente, à maneira como encarei o evento ou quais assuntos escolhi abordar com os ex-bolsistas durante o mesmo. O que ficou evidente, no entanto, foi que existe uma realidade não dita. Os assuntos — e outros que serão narrados neste trabalho — abordados foram, sem dúvida, um tanto polêmicos. Mesmo assim, acredito que, justamente por serem polêmicos, eles criaram uma abertura na fachada rígida dos ex-bolsistas. Permitindo uma pequena brecha para que aqueles que desejavam compartilhar experiências — boas ou ruins — se abrissem uns com os outros. Quem sabe o evento tenha iniciado um processo de consolidação efetiva da rede de apoio entre eles?

Sem me alongar nas minhas próprias aspirações futuras a respeito da associação, quero mencionar alguns pontos que, ao reler as minhas notas de campo, julguei relevantes. Aviso de antemão que serão apenas análises breves, com aprofundamento nos capítulos seguintes. Começarei pela questão da hierarquia. Como observado nas anotações acima, a hierarquia, fosse ela respeitada ou não, esteve presente em todos os momentos. No entanto, ela não seguia exatamente nem os padrões de hierarquia brasileiros, tampouco os japoneses.

Tomemos como exemplo a relação entre veteranos e calouros ou, respectivamente, 先輩 (*senpai*) e 後輩 (*kouhai*) — como serão referidos daqui em diante —, que é um dos aspectos marcantes da hierarquia japonesa. Lembro-me de um dia em que um dado professor, durante a aula, se referiu a um colega como *senpai*. Naquela época, os dois já trabalhavam com audiovisual e ocupavam uma hierarquia semelhante em diferentes instituições — na verdade, o professor já havia sido promovido ao cargo de chefe de departamento, ou seja, tecnicamente, estava em uma posição superior à do colega. Contudo, pelo fato de essa pessoa ser um pouco mais velha e ter sido um veterano nos tempos de escola, o professor continuou a chamá-lo pelo pronome honorífico *senpai*. Décadas haviam se passado desde que ambos haviam se formado, mas a hierarquia do *quem-veio-antes* é para sempre. “*Senpai é para sempre*”, como diziam uns colegas meus durante as festas de ex-alunos da escola de japonês. No Brasil, por outro lado, a hierarquia é negociada e se mostra visível nas desigualdades de tratamento no mundo cívico⁴⁷, seja por meio de negações de direitos ou demandas de privilégios⁴⁸. Nossa sociedade tende a ajustar as relações de poder conforme a máxima do “Você sabe com quem está falando?”, ou suas variações de “Você não conhece o seu lugar?”, e “Quem você pensa que é?”⁴⁹. Se aplicássemos o exemplo do professor japonês à lógica brasileira, seria impensável que alguém se colocasse em uma posição inferior a alguém que não ocupasse um cargo hierarquicamente superior — pelo contrário, ocorreria uma imposição de cima para baixo, dada a autoridade de ser chefe de departamento.

⁴⁷ Termo de Luís Roberto Cardoso de Oliveira. De acordo com o autor, essa desigualdade se dá pela “confusão entre direitos e privilégios” de forma que o mundo cívico brasileiro não se delimite por completo (p. 43), para uma leitura mais densa: OLIVEIRA, Luís Roberto Cardoso De, Sensibilidade cívica e cidadania no Brasil, **Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia**, n. 44, 2019.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 43.

⁴⁹ MATTA, Roberto da, **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**, 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, cap. IV.

Durante o evento, observamos claramente instâncias de ambos os tipos de hierarquia, assim como da quebra delas. A hierarquia dentro do conselho da ABRAEX demonstra tanto o rompimento da hierarquia brasileira quanto a perpetuação da hierarquia japonesa. Tomemos como exemplo a relação do presidente e da vice-presidente. A vice-presidente é membro do conselho há vários mandatos, tendo contribuído financeiramente para a associação em tempos difíceis. Os membros que frequentam os eventos reconhecem sua dedicação e o empenho em prol da comunidade de ex-bolsistas. Ao passo que é o primeiro mandato do presidente. Sob a lógica do *quem-veio-antes*, a vice-presidente ocupa um patamar superior ao do presidente dentro da ABRAEX⁵⁰, sendo talvez considerada como uma *senpai* no conselho. Contudo, na hierarquia da diretoria, o presidente está acima dela em termos de posição institucional. Essa dualidade posicional é percebida de diversas formas ao longo do evento. Pelas instituições japonesas convidadas, o presidente é agradecido e a ele são direcionadas palavras de apoio em eventuais projetos. E cabe a ele fazer o discurso de abertura do evento. Por outro lado, os ex-bolsistas, em especial os recém-chegados, agradecem o convite de participação à vice-presidente — ignorando a estrutura hierárquica de poder do conselho. Bem como, não apenas é a vice-presidente responsável pelos convites para participar de eventos, mas também é ela quem, no fim, escolhe os membros-participantes da diretoria.

Um exemplo claro de estabelecimento da hierarquia, também por parte da vice-presidente, ocorreu quando ela afirmou, em bom tom e alta voz, que somente pessoas que *fazem parte* da ABRAEX poderiam ajudar na organização do evento, enfatizando a minha suposta ignorância sobre meu lugar *dentro* da associação. Sendo o alvo desse ataque, mas sem corrigir o erro em sua fala como deveria ter feito, ela não apenas reafirmou sua própria posição hierárquica — a de quem “manda” —, mas também estabeleceu para todos ao redor a minha condição de *outsider*, alguém no qual “não faz parte”, negando meu direito — como ex-bolsista — de ser parte e *status* de associado. O poder que ela concede a si mesma, como vice-presidente, não se restringe apenas àqueles da diretoria, mas também àqueles em que ela reconhece como parte — ou não — da associação. Não seria um esforço imaginar que alguns dos meus *kouhais*,

⁵⁰ Estou desconsiderando outros fatores, como data de ida ao Japão, o tempo de permanência no país, quando voltou ao Brasil, proficiência na língua japonesa e posição hierárquica na sociedade brasileira.

residentes em Brasília, não tenham sido convidados ao *bounenkai* simplesmente por não serem *reconhecidos* pela vice-presidente⁵¹.

A questão do reconhecimento⁵² também me chamou a atenção. Destaco aqui questionamentos sobre quem pôde ser reconhecido como parte do grupo de ex-bolsistas e quem não pôde; quem foi convidado para o evento e quem foi deixado de lado. Não restringindo apenas ao episódio descrito no parágrafo anterior, mas abrange também os casos de desconsideração enfrentados pela ex-bolsista da JICA no Japão, em razão de sua deficiência, e pelos que perderam a vida no caso de *Sagamihara*. No artigo de Akaishi, o pesquisador aponta outros exemplos relacionados à falta de reconhecimento no contexto japonês. Um deles é a postura do governo japonês em relação ao Tratado sobre a Proibição das Armas Nucleares⁵³, ou melhor, sua postura ao não o ratificar. Os 被爆者 (*hibakusha*, vítimas da bomba e outros desastres nucleares) perceberam isso como falta de reconhecimento da sua própria existência⁵⁴. Por isso, ele argumenta que a questão do reconhecimento está presente na sociedade japonesa e que, como o *reconhecimento* está intimamente ligado ao *valor* da existência humana, acredita que esse tema seja crucial para entendermos os conflitos contemporâneos da sociedade japonesa. Embora não tenha dedicado um capítulo específico deste trabalho à análise dessa temática, ela está presente nas falas, no *não dito* e nos dados que trago para as discussões.

Outro ponto que eu quero reforçar é a diferença da fala dos ex-bolsistas de acordo com o seu interlocutor. Não pretendo apontar questões de formalidade e informalidade que ocorrem quando iniciamos uma conversa com conhecidos e desconhecidos. Sobre esse assunto, me aprofundarei na próxima seção sessão. O que gostaria de chamar a atenção do leitor é sobre o conteúdo das falas dos ex-bolsistas. No caso da ex-bolsista da JICA que, durante a sua apresentação perante os convidados, narrou uma história bonita e expressa de gratidão pela oportunidade de estudos em terras nipônicas. À medida que está entre os pares, ex-bolsistas, sem a presença próxima dos convidados ilustres, com uma abertura para falar com aqueles que

⁵¹ Já que a responsável pela bolsa, funcionária da Embaixada do Japão — colega próxima da vice-presidente —, mantém registros dos ex-bolsistas que voltaram pelo MEXT conforme o projeto *International Student 300,000 Plan* mencionado no início do presente texto.

⁵² Luís Roberto Cardoso de Oliveira usa o termo “consideração” ao falar de “reconhecimento” no caso brasileiro. Contanto, o termo originalmente de Hegel continuou a ser usado por Charles Taylor e Axel Honneth. Dessa forma, usarei os dois termos, “reconhecimento” e “consideração”, de forma intercambiável.

⁵³ 核兵器禁止条約 (*kakuheiki kinshi jyouyaku*, Treaty on the Prohibition of Nuclear Weapons, **TPNW**)

⁵⁴ 赤石, 現代日本社会における承認問題, p. 9.

possam entender sua experiência, a narrativa muda. Pensando bem, ninguém quer *parecer ingrato perante aqueles que lhes deram uma dádiva*.

Dito isso, essa ex-bolsista não foi a única que mudou a narrativa ao longo da minha pesquisa. Eu me reconheço neste lugar. No começo, havia um certo tipo de medo e vexame se eu falasse que passei por algum *perrengue* sequer no Japão. No Brasil, temos isso de “Cavalo dado não se olha os dentes” ou “Não se reclama de barriga cheia”, de forma que a gratidão tem que estar acima da crítica. E, por normas sociais, quase ninguém fala sobre seus sofrimentos resultantes de experiências desafortunadas.

Houve pessoas que me questionaram, ora, se estava sofrendo tanto, por que não voltei antes? Mas não é tão simples assim. Nem tudo da minha experiência no Japão foi ruim. No caso dessa moça, suponho que foi algo similar. Na apresentação, ela narrou que aprendeu coisas que não sabia, viu as possibilidades que podem ser aplicadas no Brasil. Estava animada com o futuro e com as perspectivas que possam ficar disponíveis às pessoas com deficiência aqui no Brasil. E, acredito, uma das razões por ter ido ao *networking* foi justamente prospectar parcerias para realizar esses novos projetos. Lembremos que ela passou menos de um mês no Japão, ao contrário dos interlocutores das entrevistas que realizei. E mesmo assim, carrega consigo um sentimento de sofrimento devido à falta de reconhecimento durante sua estadia. Além de psicólogos e psiquiatras, quem faria o esforço de entendê-la pelo que tem a dizer sobre esse outro lado da moeda japonesa, senão aqueles que tiveram experiências similares? Quem também esteve lá na condição de estudante bolsista?

Acredito que なすび (*Nasubi*, “berinjela”, apelido de 浜津 智明, Hamatsu Tomoaki) articula sobre o estado mental de uma forma que ressoou profundamente comigo. Nasubi, que ficou conhecido como o participante do “primeiro grande *reality show*” da televisão japonesa, foi filmado (sem saber que estava sendo exibido) completamente nu e sem acesso a comida, tendo que participar de concursos por correspondência para sobreviver durante quinze meses. Em 2023, foi lançado o documentário *The Contestant*⁵⁵, que detalha o desenvolvimento do programa, sua execução e as cicatrizes psicológicas deixadas. Nele, Nasubi afirma:

“[...] [P]oderia ter escapado, se realmente quisesse, pois a porta para fora não estava trancada... Você sabe de pessoas que foram mantidas em cativeiro... Psicologicamente, você sente que, ao invés de escapar ou fazer algo radical, ficar

⁵⁵ *The Contestant*, [s.l.]: Misfits Entertainment, 2023.

*onde está, não causando problemas, é a opção mais segura para sobreviver. É um estado psicológico muito estranho. Você perde a força de vontade de escapar.”*⁵⁶

O sofrimento na sociedade japonesa é um elemento recorrente, vivenciado por japoneses e por estrangeiros. O que a situação de Nasubi tem em comum, de maneira crua, com a dos bolsistas é a sensação de submissão a uma lógica obrigatória de gratidão. Nasubi entrou no programa acreditando que seria sua chance de mudar de vida e se tornar uma celebridade no Japão — afinal, era o sonho dele e de tantos outros jovens aspirantes que haviam visto outros se tornarem famosos do dia para a noite na televisão⁵⁷. Ele foi escolhido entre muitos. Como poderia, então, ser ingrato?

Minha análise poderia ser prolongada discorrendo sobre os aspectos mais ritualísticos do evento, como a iniciação dos recém-chegados à posição de entre-cultura — não pertencentes nem aqui nem acolá, em um intermédio *quasímodo* cultural —, o significado dos presentes entregues como oferendas — compradas com o dinheiro das inscrições e não doadas como brindes — aos convidados ilustres, ou até mesmo a questão da ordem da programação. Mas quero me ater aos temas que desenvolverei com maior profundidade nos capítulos seguintes, reservando estes assinalados como possíveis futuros artigos. Seguirei, então, com a análise da linguagem utilizada pelos ex-bolsistas, que se alterou a partir da fusão de horizontes com a sociedade japonesa. Percebo que não se trata apenas de preferências linguísticas, mas de padrões *culturais* internalizados que reorganizaram a forma deles de pensar e de se relacionar com o mundo — e é a partir desse ponto que darei continuidade no capítulo seguinte.

⁵⁶ *Ibid.*, 39 min 15 sec.

⁵⁷ 「進ぬ！電波少年」 (*Susunu! Denpa Shounen*) foi o programa do qual Nasubi participou. Mas, o seu antecessor, 「進め！電波少年」 (*Susume! Denpa Shounen*), é considerado o programa de televisão lendário da televisão japonesa, responsável por alavancar a carreira de jovens que participaram de competições inusitadas, como mochilões pela Eurásia e encontros arriscados com a máfia — conquistando fama (e, por vezes, infâmia) na mídia japonesa.

CAPÍTULO 03 • A LINGUAGEM DOS EX-BOLSISTAS

「君が言うような
淋しさは感じないけど
思い出した
ここは東京」⁵⁸

Aqueles que passaram muito tempo em outro lugar, seja outro país ou outra região distante, longe do que chamamos “terra natal”, não voltam os mesmos — se é que retornam. Percebi isso assim que voltei ao Brasil em 2017. As pessoas ao meu redor me chamavam de “gringa” por ter morado fora do país por bastante tempo e pela forma na qual me expressava. Eu mesma não havia notado que falava de maneira diferente dos outros até que as constantes inquisições sobre o meu local de origem — mesmo estando na cidade onde nasci e cresci — começaram a me incomodar. Passei muito tempo tentando compreender a razão da dificuldade que tenho em articular as múltiplas línguas que coexistem na minha cabeça. Essa percepção começou a mudar quando iniciei as entrevistas com outros ex-bolsistas — mais especificamente, quando passei a transcrevê-las.

Transcrevendo, consegui comparar a minha fala às de meus interlocutores e percebi que muitos deles apresentavam padrões linguísticos semelhantes aos meus, especialmente aqueles que viveram mais de dois anos no Japão e que aprenderam a língua japonesa. Não apenas aprenderam os padrões linguísticos — eles os internalizaram. Percebo, em nossos diálogos, inversões de sujeito e predicado (como se disséssemos “está cheia, a geladeira”), o uso constante de *né* (ね, *ne*)⁵⁹, a presença de onomatopeias no meio das frases e a ausência de restrições quanto ao uso do nosso poliglotismo — usamos as palavras que achamos mais apropriadas ao contexto, independentemente da língua principal da conversa.

Comecemos nossa análise pela questão dos padrões. O linguista Edward Sapir argumenta que “*uma vez que o padrão de expressão se solidifica, nós inconscientemente moldamos nosso comportamento de acordo*”⁶⁰. Dita assim, a afirmação pode parecer um tanto

⁵⁸ “A solidão de que você fala, não a sinto, mas me lembrei: aqui é Tóquio”. SAKANACTION, ムリイカ.

⁵⁹ Que é muito similar ao uso do “né” do português brasileiro.

⁶⁰ No original: “*Once a pattern of expression becomes solidified, we unconsciously run our behavior pattern into that mold.*” SAPIR, Edward, **The psychology of culture: a course of lectures**, 2nd ed. with introduction by the editor. Berlin ; Hawthorne, N.Y: Mouton de Gruyter, 2002, p. 110.

óbvia. No entanto, o que me interessa neste momento é compreender o processo de solidificação desses padrões — e suas repercussões na fala dos ex-bolsistas. Não podemos afirmar com precisão *porque* determinado padrão se estabelece de uma forma específica. Seguindo a fala de Sapir, não há um único fator responsável pelo desenvolvimento e consolidação de formas de expressão — seria ingênuo pensar assim⁶¹. Essas formas são moldadas por convenções históricas, sociais e culturais, mas sua repetição as torna invisíveis aos falantes; ou seja, eles não percebem que as estão usando. Tampouco a origem desses padrões costuma ser relevante: não precisamos conhecer a origem do termo *vêi* no português falado em Brasília, para que ele se consolide como um “vício” linguístico entre os brasilienses. Assim, gostaria de especular sobre *como* esses “vícios”, ou recorrências linguísticas, se desenvolveram nas falas dos ex-bolsistas que entrevistei (e, por consequência, na minha) após viverem no Japão.

As recorrências linguísticas não dizem respeito apenas à repetição automática de termos. Elas revelam como experiências de imersão em outra *cultura* podem reorganizar a forma como falamos. E, por consequência, como nos relacionamos com o mundo. O que percebi ao transcrever as entrevistas foi que os “vícios” de linguagem adquiridos no Japão não se limitavam ao vocabulário, mas à lógica por trás do pensamento desenvolvido por eles enquanto se expressavam. Durante a estadia, os bolsistas têm contato com outros bolsistas de várias partes do mundo. Por esse motivo, a mistura de línguas ao longo das conversas se torna um terreno comum na busca de melhor expressão e interação eficaz.

A questão do poliglotismo presente nas falas dos ex-bolsistas é intrigante. A mudança de línguas no meio da conversa é conhecida como *code-switching*⁶². Os falantes se expressam utilizando palavras de acordo com a necessidade ou o significado desejado, independente da língua principal da conversa, sem que isso comprometa o ritmo ou a fluidez da interação⁶³. Como base, os bolsistas — em geral — são esperados a falar pelo menos duas línguas: a materna — no caso dos brasileiros, o português — e o inglês. Há um movimento recente para exigir, no mínimo, o nível N3⁶⁴ de proficiência em japonês para os aspirantes à bolsa (MEXT). Contudo, de acordo com meus interlocutores, nos processos seletivos pelos quais passaram, foi exigido

⁶¹ *Ibid.*, p. 112.

⁶² Termo atribuído ao linguista Roman Jakobson por ter elaborado a ideia de “*switching [sub]codes*”. **Structure of Language and its Mathematical Aspects**, 2. ed. Providence: AMS, 1961, cap. Linguistics and Communication Theory.

⁶³ Talvez, cabe aqui desenvolver o termo “*translanguaging*”.

⁶⁴ Nível linguístico que equivale ao conhecimento de um aluno no ensino fundamental. Ele é o nível mediano no teste de língua japonesa, JLPT (*Japanese-Language Proficiency Test*), composto de cinco níveis: o N5 sendo o mais baixo, e o N1 o mais alto.

apenas o inglês. Sendo assim, podemos presumir que meus interlocutores são, no mínimo, bilíngues — e, entre aqueles que passaram mais de dois anos no Japão, políglotas.

Diferentemente do uso de palavras estrangeiras no meio de uma frase — como os jargões da moda, por exemplo, o uso do termo *coaching* em vez de “treinamento”⁶⁵ ou “orientar” —, que se tornam padrões em contextos específicos, o *code-switching*, a meu ver, é um processo profundamente relacionado à identidade etnonacional⁶⁶ do falante. Ou seja, minha hipótese é que, a partir do momento em que se aprende uma língua, os padrões culturais e sociais da comunidade dos falantes vão sendo internalizados pouco a pouco. Essa internalização afeta diretamente a percepção identitária do sujeito multilíngue.

Houve também a imersão cultural no caso dos ex-bolsistas. Eles viveram no meio da sociedade de falantes da língua japonesa, expostos aos costumes e participando — em diferentes graus — do sistema de relações existente naquele contexto. Assimilaram comportamentos, gírias e modos de pensamento das pessoas ao seu redor e criaram laços afetivos. A repetição desses registros culturais após o retorno ao Brasil me faz pensar que, por termos criado um vínculo emocional com a língua japonesa, apenas o código linguístico que possuíamos ao partir já não nos basta para expressarmo-nos.

Dessa forma, ao retornarmos à afirmação de Sapir — de que moldamos nosso padrão de comportamento conforme o padrão de expressão —, percebemos que a ligação que nós, ex-bolsistas, formamos com a língua japonesa carrega implicações que vão além do âmbito linguístico. Um dos sinais mais evidentes dessa relação é a gratidão expressa ao Governo japonês, constantemente reiterada nos discursos proferidos em eventos institucionais da embaixada e de seus colaboradores.

Antes de discorrer sobre a gratidão na fala dos ex-bolsistas, gostaria de esclarecer minha posição como antropóloga neste estudo. A antropologia tem criado, historicamente, relações assimétricas com seus objetos de estudo. Isto é, o antropólogo, ao ir a campo, costuma estudar

⁶⁵ Ou, “oferecer treinamento”.

⁶⁶ Termo extraído do texto de Gal e Irvine. O exemplo que oferecem é o de uma de suas interlocutoras, que se sentia em conflito entre os vínculos emocionais com as línguas húngara e alemã. Esta interlocutora reconheceu a entrevistadora como seu par, justamente por entender ambas as línguas. Acredito que muitos dos meus interlocutores também se sentiam à vontade para transitar entre línguas durante nossas entrevistas por um motivo semelhante ao da moça mencionada pelas autoras. GAL, Susan; IRVINE, Judith T., **Signs of difference: language and ideology in social life**, Cambridge: Cambridge University Press, 2019, p. 93.

uma sociedade a partir de uma posição de *superioridade*⁶⁷ — ou, ao menos, assimetricamente privilegiada — em relação àqueles que observa, mesmo quando estuda um grupo ao qual pertence. Curiosamente, neste caso, a lógica se inverte. A posição de superioridade daquele que estuda não se aplica. O que, talvez, se aproxime da noção de *choque cultural* descrita por Roy Wagner⁶⁸, só que nesse caso, o choque se dá perante uma sociedade na qual nos é exigida uma submissão hierarquizada. Assim, meu ponto de vista como antropóloga-participante parte não de uma autoridade externa, mas de uma experiência situada numa posição percebida como inferior. Além disso, não me deparei no campo com um “Outro distante”, sob o qual poderia projetar reflexões sobre a minha própria realidade. Mas com um *outro que habita em mim* — constituído pela convivência prolongada que tive no Japão e pela interiorização de formas de expressão que passaram a moldar meu modo de estar no mundo.

Volto à questão da gratidão. Esse sentimento não deriva de um impulso espontâneo à dívida resultante do recebimento da bolsa por parte dos ex-bolsistas. Trata-se de um padrão cultural enraizado na língua japonesa e imposto aos falantes — por consequência, aos bolsistas. O uso do 謙讓語⁶⁹ (*kenjyugo*, linguagem humilde) no cotidiano é exemplo dessa imposição. *Kenjyugo* é um dos níveis de linguagem honorífica existentes no japonês. Nela, o falante se posiciona em inferioridade em relação ao interlocutor, elevando simbolicamente a posição do outro, em detrimento da sua própria, como forma de demonstrar respeito e deferência. Pensemos, a título de comparação, em um exemplo do contexto brasileiro: um cidadão apaixonado se coloca em uma posição de inferioridade simbólica diante da pessoa amada ao convidá-la para sair. Ainda que ele eleve a pessoa amada, em detrimento de sua posição, a linguagem florida — como “jogo-me a teus pés”, “sou teu servo”, “renuncio tudo por ti”, ou um dos muitos versos da música da banda Barão Vermelho, “Por você”⁷⁰ — configura-se em uma súplica amorosa, não um gesto de gratidão. O uso do *kenjyugo* no contexto japonês está ligado a estruturas sociais que *exigem* esta forma de autodepreciação como marca de respeito, não como expressões espontâneas.

⁶⁷ “Superior”, entre aspas, reforço. Historicamente falando, a antropologia foi criada por sociedades que se pensavam superiores a fim de estudar sociedades ditas primitivas. Uso o termo para figurar a relação de ‘acadêmico’, aquele que estuda, e o ‘estudado’, submetido à posição de *objeto*.

⁶⁸ WAGNER, **A invenção da cultura**, cap. III.

⁶⁹ Vide Figuras I e II.

⁷⁰ BARÃO VERMELHO, *Por Você*.

Na língua japonesa, há cinco formas⁷¹ honoríficas, desconsiderando a 最高敬語⁷² (*saikou keigo*, forma imperial) que está — de certo modo — obsoleta: 丁寧語 (*teineigo*, forma polida), 美化語 (*bikago*, forma elegante), 謙讓語 I (*kenjyougo-1*, forma humilde I), 丁寧語 ou 謙讓語 II (*teichougo* ou *kenjyougo-2*, forma cortês ou humilde II) e 尊敬語 (*sonkeigo*, forma respeitosa). Elas podem ser divididas em três grandes grupos para facilitar o entendimento. O conjunto destas formas honoríficas é conhecido como 敬語 (*keigo*, linguagem honorífica).

⁷¹ A tradução literal é “linguagem”, mas o uso no texto ficaria muito confuso, então optei pelo termo “forma” para me referir às *formas de fala*.

⁷² A forma honorífica imperial, ou 最高敬語 (*saikou keigo*, literalmente “forma honorífica máxima”) está inclusa na Figura I, mais por sua relevância cultural, do que por seu uso efetivo na prática contemporânea.

Figura I – Escala de Hierarquia Linguística na Língua Japonesa

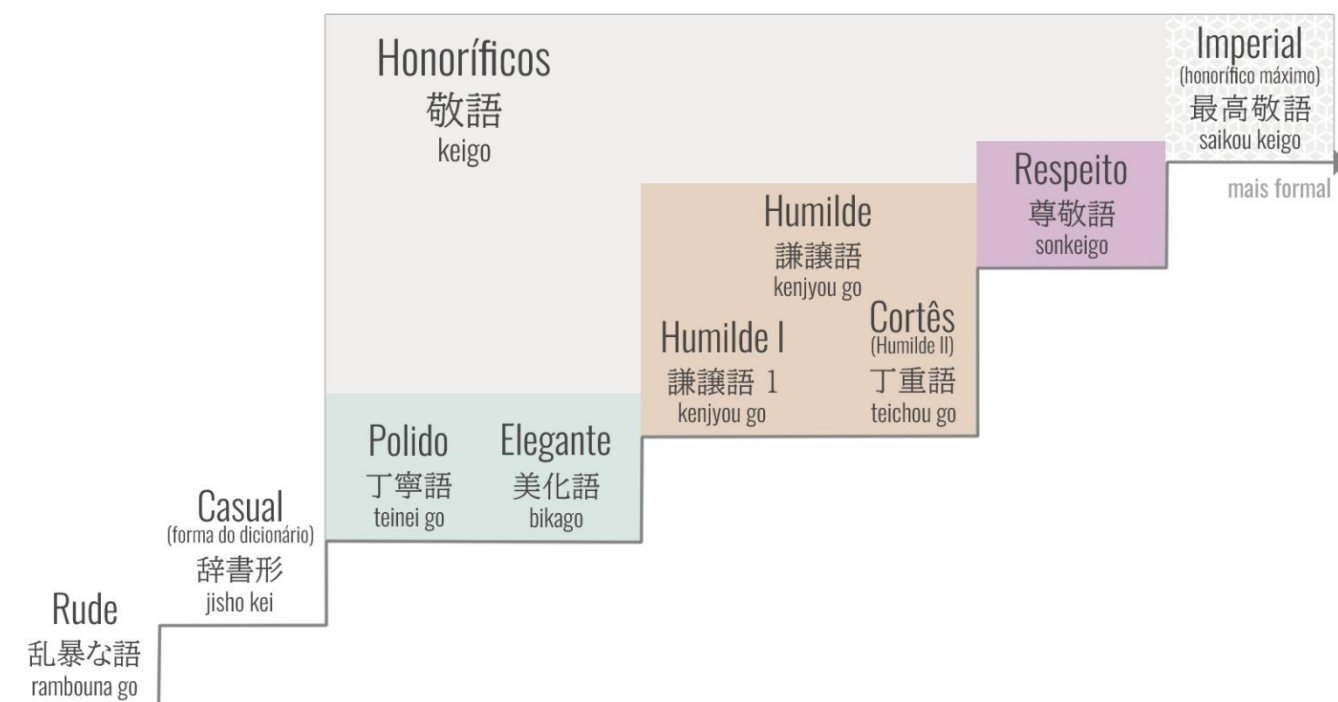
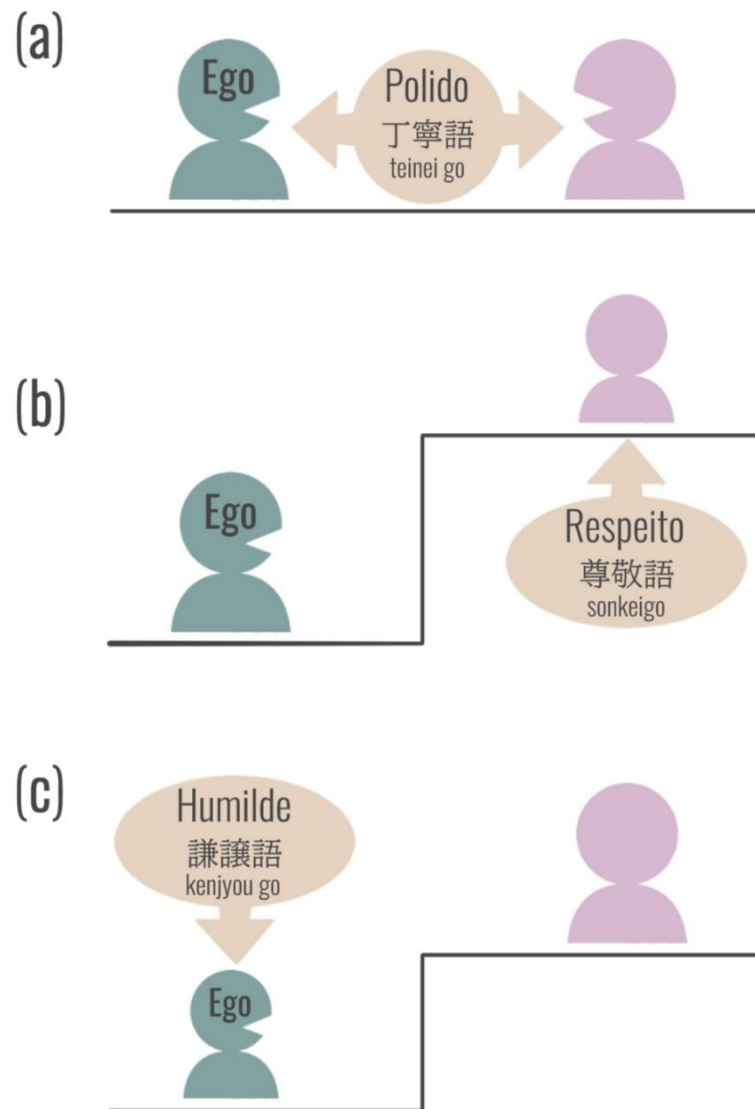
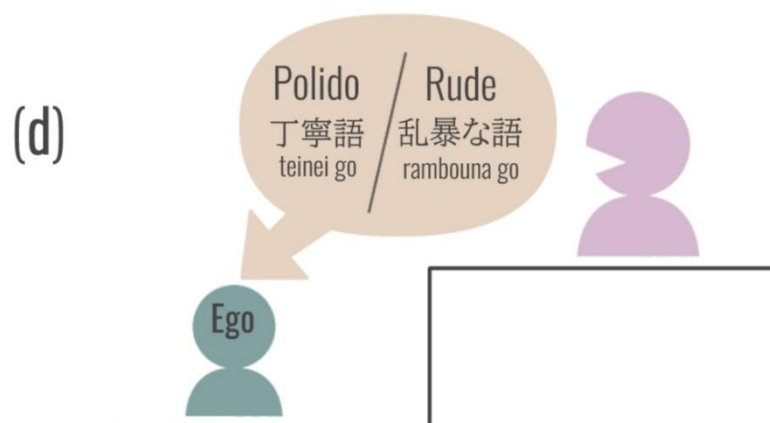


Gráfico em formato de escada. Quanto mais elevada a forma de linguagem estiver, maior o grau de formalidade. As formas “polida” (丁寧語) e “elegante” (美化語) estão no mesmo patamar, contudo não pertencem à mesma categoria abrangente. No entanto, é possível agrupá-las dentro das formas linguísticas “polidas”. **Fonte:** elaborada pela autora (2025)

Em ordem ascendente de formalidade, temos: a forma polida — 丁寧語 (*teineigo*), a forma humilde — 謙讓語 (*kenjyougo*), e a forma respeitosa — 尊敬語 (*sonkeigo*). O uso de cada uma depende de *quem é o interlocutor*, em outras palavras, depende da posição do interlocutor em relação ao *Ego* (o falante), como apresentado nos esquemas da Figura II. No contexto de trabalho, *Ego* utiliza o *teineigo* ao falar com colegas do mesmo departamento que ocupam cargos equivalentes ou que tenham tempo de carreira semelhante (**a**). Quando *Ego* se dirige a seu chefe, é imprescindível que recorra à forma respeitosa para se referir ao seu superior (**b**) e à forma humilde ao falar de si mesmo (**c**). O chefe de *Ego*, por sua vez, jamais empregará a forma humilde ao conversar com pessoas *abaixo* hierarquicamente dele. Provavelmente, fará uso de formas polidas, casuais ou até mesmo rudes ao engajar com seus subordinados, dependendo do grau de formalidade exigido pela situação (**d**).

Figura II – Uso da Hierarquia Linguística no Idioma Japonês





Fonte: Elaborada pela Autora (2025)

Trazendo essa hierarquia linguística ao caso em análise, e levando em consideração os pontos discutidos acima, é possível observar que os discursos proferidos diante do embaixador japonês, de representantes de instituições governamentais japonesas e de outras figuras de prestígio seguem padrões formais de etiqueta esperados por parte desses interlocutores exemplares. O comportamento dos ex-bolsistas se adequa à situação, ajustando sua fala em relação à posição social de quem os escuta — neste caso, hierarquicamente superior — e ao contexto em que estão inseridos, como recipientes de uma dádiva institucional. É importante ressaltar que, mesmo quando pertencemos a uma identidade social (como a de “acadêmico”), isso não significa que reproduzimos o comportamento estereotipado de forma homogênea — como se todos os acadêmicos, por exemplo, utilizassem palavras difíceis. Isto é, não incorporamos automaticamente o estereótipo perfeito dessa identidade. Assim, os estereótipos — ou registros — associados aos modos de fala não são fixos: são atualizados e reapropriados em diferentes contextos por sujeitos com trajetórias e historicidades próprias.

Nesse sentido, os discursos realizados na festa de fim de ano da ABRAEX operam dentro de um registro específico: o da deferência aos interlocutores exemplares, sustentado por formas linguísticas de gratidão. Só que esse *bounenkai* da ABRAEX representa uma tradução — tanto linguística quanto cultural — de um comportamento originalmente japonês para o português e para o contexto brasileiro. E, como nos lembra a máxima, *toda tradução é também uma traição*. Os registros japoneses de hierarquia e gratidão, incorporados nos discursos e eventos formais, nem sempre fazem sentido para os brasileiros. Isso se manifesta em agradecimentos dirigidos a pessoas “erradas” do ponto de vista das normas japonesas, por exemplo. Ao passo que, para os participantes japoneses, a tradução do *bounenkai* pode parecer

desfigurada ao ser *abrasileirada* — algo que se assemelha a uma réplica *à la Quasímodo*: reconhecível, porém distorcida. Esse descompasso gera ruídos na comunicação entre as partes, insuficiente por um lado — uma vez que a hierarquia está mais estabelecida culturalmente no Japão — e limitante do outro — visto que a repetição de agradecimentos genéricos a instituições, em vez de a pessoas específicas, perde significado no contexto brasileiro. Não obstante, essa imposição da gratidão em contextos formais obscurece as experiências de sofrimentos vivenciados pelos ex-bolsistas, que não podem expressar plenamente essas vivências⁷³ sem arriscar uma punição simbólica — ou real — como exclusão social, profissional e institucional.

Convenientemente, para todo palco, há um bastidor. O que os ex-bolsistas comentam entre si quando não há autoridades por perto é diferente do que é articulado nos discursos *oficiais* e públicos. Trata-se de dois sistemas distintos de circulação de palavras⁷⁴, nos quais o segredo referente às experiências de sofrimento no contexto japonês (relativas às relações entre bolsistas e a sociedade japonesa, e não direcionadas especificamente ao Governo japonês) é mantido nos bastidores: nas entrevistas privadas, nos sussurros, bem longe dos olhos das autoridades⁷⁵.

O que é dito publicamente e o que é mantido em espaços reservados reforçam, na minha perspectiva, estruturas de duplo vínculo⁷⁶. Não se trata aqui do duplo vínculo como uma situação paradoxal em que o sujeito é submetido a mensagens contraditórias que exigem respostas simultâneas e mutuamente excludentes — como no clássico exemplo do comando *seja espontâneo*. Mas sim de uma situação em que, independentemente da escolha entre o que pode ser dito e o que deve ser mantido em segredo, o falante será submetido a alguma forma de consequência. Nesse cenário, tanto falar quanto se calar implica um custo simbólico, ou real⁷⁷.

⁷³ Nem oferecer melhorias ao sistema como forma de *feedback* — previsto no Plano internacional de 300.000 estudantes internacionais, descrito anteriormente.

⁷⁴ ABREU, Luiz Eduardo, A troca das palavras e a troca das coisas: Política e linguagem no Congresso Nacional, *Mana*, v. 11, n. 2, p. 329–356, 2005.

⁷⁵ Cabe aqui lembrar o exemplo da ex-bolsista da JICA, que durante o momento do *networking* no *bounenkai* da ABRAEX, conseguiu compartilhar com seus pares a experiência de violência que sofreu no Japão — uma narrativa distinta daquela havia apresentado minutos antes diante das autoridades japonesas.

⁷⁶ BATESON, Gregory, *Steps to an Ecology of Mind: Collected Essays in Anthropology, Psychiatry, Evolution, and Epistemology*, [s.l.]: University of Chicago Press, 2000.

⁷⁷ Um exemplo seria as consequências que sofri ao vocalizar minhas desafortunadas experiências no Japão à vice-presidente, quando propondo alterações no *Manual do Bolsista*, que resultou na minha exclusão de eventos promovidos pela embaixada e do trabalho como professora de língua na Escola Modelo.

Os ex-bolsistas⁷⁸ demonstram receio de possíveis repercussões no meio onde há pessoas que podem compreender suas vivências — que compartilham uma identidade etnonacional e uma experiência multilíngue que moldou seu modo de ver e relacionar-se com o mundo. Percebi esse temor na postura positiva de muitos dos entrevistados diante da possibilidade de editar ou censurar trechos de suas falas ao longo da entrevista como condição para participarem da pesquisa. Muitos optaram por censurar longas passagens de seus relatos, por terem receio de que possam ser identificados e, com isso, sofrer algum tipo de penalidade.

Não é que estes ex-bolsistas não sejam gratos pela bolsa — pelo contrário. No entanto, a impossibilidade de falar sobre experiências negativas vividas durante o período em terras nipônicas tem impacto direto sobre sua saúde física e mental. Sentimentos de solidão e *autoculpa* por se sentirem presos entre a gratidão e a possível interpretação de ingratidão apenas reforçam o sofrimento individual. O silêncio, neste caso, opera como uma violência e punição simbólica internalizada, que os leva ao adoecimento. Muitos entrevistados relatam crises de ansiedade, pensamentos suicidas, solidão e, especialmente os mais jovens, dificuldades de reintegração após o retorno. Quando lhes é dada a oportunidade de se abrirem, em um ambiente seguro e distante de possíveis punições, os ex-bolsistas conseguem se expressar e aliviar⁷⁹ a necessidade de fala.

Ao não limitar o tempo destinado às entrevistas, percebi que, independentemente da época em que foram ao Japão ou retornaram, todos os entrevistados demonstraram a necessidade de compartilhar suas experiências. Interessantemente, a maioria esperava que a entrevista durasse no máximo meia hora e se surpreendia ao perceber que passaram muito mais tempo, às vezes horas, narrando e revisitando suas vivências.

A bolsa de estudos pelo governo japonês representa, sem dúvida, uma conquista e uma oportunidade de melhoria de vida. Por outro lado, a gratidão expressa pela dádiva recebida é moldada por uma expectativa performativa diante das instituições de alteridade — e não de uma expressão espontânea, porém sincera, por parte dos ex-bolsistas. A linguagem da gratidão que internalizamos — como bolsistas, durante nossa estadia no Japão — é, nas palavras de Victor Klemperer⁸⁰, uma língua que fala e pensa por nós. Ela limita o que pode ou não ser dito e o local de fala, reforçando uma estrutura de duplo vínculo. Falar sobre nosso sofrimento publicamente representa um risco real de punições — enquanto calar impõe um peso à nossa

⁷⁸ Do MEXT, em especial.

⁷⁹ Pelo menos por um momento.

⁸⁰ KLEMPERER, *Language of the Third Reich*.

saúde e sanidade mental. Os ex-bolsistas se veem, assim, diante de um limbo entre o que podem dizer e o que precisam omitir — entre o discurso público e o bastidor, entre a gratidão institucional e o sofrimento individual.

Por esse purgatório linguístico, os bolsistas atravessam não só uma experiência individual e única, mas navegam por águas onde o pertencimento se entrelaça à exclusão como duas margens de um rio. A bolsa de estudos passa a ser mais do que uma oportunidade para mudança de vida: é uma inserção ritualística em fronteiras invisíveis que separam quem é de dentro e quem *permanece* de fora. Se, até aqui, os trouxe até as margens deste limbo, agora é preciso mergulharmos. Pois o desafio de compreendermos o local de fala destes brasileiros no Japão, nos conduz inevitavelmente à categoria *gaijin*. É nesse ponto que se torna necessário desfiar o emaranhado de lógicas profundamente enraizadas na própria concepção do que é *ser japonês*.

CAPÍTULO 04 • O SER JAPONÊS

As entrevistas me confrontaram por serem mais do que relatos — elas me fizeram encarar meu reflexo no espelho. Havia algo nas pausas, nos silêncios, nos 「ね」 (*ne*), nos desvios de olhar e nas risadas tragicômicas que não apenas ecoava o que eu havia vivido, mas me impelia a revisitar minha própria experiência. Durante aquelas conversas, pude ver o país em que morei através dos olhos de meus interlocutores. Compreendi que a forma como eu percebia certas situações — análogas às narradas por eles — poderia ter sido interpretada de inúmeras maneiras, formando uma gradação de pontos de vista. Meu horizonte se alargava a cada entrevista. Eu fui me transformando. Em alguns momentos, senti que para alguns dos meus interlocutores, esse movimento foi recíproco.

Dito isso, reconheço que não posso afirmar que compreendo a totalidade dessas experiências — tampouco a minha. Acredito que a compreensão é humana — e, como tudo o que é humano, limitada. O que busco, neste capítulo, é tatear os contornos desse gradiente de horizontes entrelaçados, reconhecendo suas ambiguidades e respeitando cada polo.

Neste percurso, percebi que muitas das falas não se revelavam apenas nas palavras vocalizadas. Havia um mar de significações nos gestos não verbalizados, nos temas evitados e em frases removidas das transcrições — e, em tantas outras histórias que só puderam ser compartilhadas *fora das gravações*. Ao escutar e reescutar os áudios, fui percebendo que esta pesquisa exigiu algo simples e profundo: que eu escutasse. Escutasse as palavras e os silêncios. As reticências. O *longing*. O 懐かしい (*natsukashii*, cuja tradução mais próxima seria “nostálgico”). O perdido na memória. As entrevistas não foram apenas oportunidades e instrumentos de produção de dados — foram encontros. Marcados por empatia, por reconhecimento mútuo e, sobretudo, por acolhimento.

A complexidade dessas narrativas me impulsionou a explorar conceitos-chave que atravessam a experiência dos bolsistas. Por isso, antes de começarmos a discutir o conteúdo das falas e o que elas trouxeram à superfície, gostaria de retomar um tema do começo deste trabalho: a definição de *gaijin*. Ou melhor dizendo, a impossibilidade de definição concreta do que esse termo abrange. Como disse anteriormente, ela é uma categoria controversa que atravessa a experiência dos bolsistas. O seu significado literal é de *pessoas de fora* (外, *gai* = fora; 人, *jin* = pessoa), ou seja, trata-se de uma delimitação de fronteiras, entre o *nós* e o *eles*.

Muitas vezes, o termo é entendido como uma abreviação de 外国人 (*gaikokujin*), referindo-se a pessoas originárias de outros países — sendo que 国 (*koku*) significa “país”⁸¹. Na prática, *gaijin* categoriza tanto os estrangeiros quanto aqueles que, mesmo nascidos no Japão, não são considerados japoneses plenos — seja por ascendência mista, por possuírem um parente não-japonês, por manterem nacionalidade dupla ou simplesmente por não corresponderem à imagem esperada do ‘japonês completo’. Isso nos leva à seguinte questão: o que seria, afinal, um ‘japonês *completo*’? Ou melhor dizendo, o que significa ‘*ser japonês*’?

Yoshio Sugimoto⁸², sociólogo japonês e ex-redator de um dos maiores jornais nacionais do Japão, o 毎日新聞⁸³ (*Mainichi Shinbun*), desenvolveu uma equação para nos ajudar a pensar nesta definição: $N = E = C$. De acordo com ele, por muitas décadas, pesquisadores japoneses e estrangeiros⁸⁴ têm se ocupado em identificar a essência do *Japaneseness*, o que levou à criação do gênero literário 日本人論 (*nihonjinron*) — 日本人 (*nihonjin*, pessoas japonesas) e 論 (*ron*, “teoria” ou “doutrina”). O que todas essas pesquisas têm em comum é que, em seu centro, estaria “*um conjunto de diretrizes de valores que os japoneses supostamente têm*”⁸⁵. E, mais importante ainda, é a tendência desta literatura de utilizar-se intercambiavelmente das dimensões nacionalidade (N), etnicidade (E) e cultura (C) — ou seja, como elas fossem sinônimos, para descrever a essência do *japonês*.

Tendo isso em mente, gostaria de percorrer rapidamente sobre cada letra da equação, começando por N — a nacionalidade. Esta, pela ótica do direito brasileiro, é a condição jurídica e política que vincula um indivíduo a um Estado. Ela pode ser originária (por nascimento) ou adquirida (conhecida por “naturalização”). Quando a nacionalidade é ligada ao território de

⁸¹ Há literatura, entretanto, argumentando que o termo *gaijin* precede o termo *gaikokujin*, mas não achei relevante entrar no mérito desses termos neste projeto. Em vez disso, optei por focar na aplicação do termo *gaijin*.

⁸² SUGIMOTO, Yoshio, Making Sense of Nihonjinron, **Thesis Eleven**, v. 57, n. 1, p. 81–96, 1999.

⁸³ O *Mainichi Shinbun* é um dos maiores jornais nacionais do Japão e um dos mais antigos do país — fundado no período *Meiji* (ou, “Governo Iluminado”). Yoshio Sugimoto começou a trabalhar no jornal logo após ele receber um Prêmio *Pulitzer*, em 1960 — sendo, até hoje, o único periódico japonês a conquistar tal premiação. Yoshio Sugimoto | About | La Trobe University, disponível em: <<https://scholars.latrobe.edu.au/y2sugimoto>>. acesso em: 27 jun. 2025.

⁸⁴ Aqui, o autor inclui a obra clássica da antropologia estadunidense, “O crisântemo e a espada” de Ruth Benedict. E a pesquisadora Kana Yamamoto reforça esse ponto. YAMAMOTO, Kana, **The Myth of “Nihonjinron”, Homogeneity of Japan and Its Influence on the Society**, [s.l.: s.n.], 2015, p. 2.

⁸⁵ No original, “[a] set of value orientations that the Japanese are supposed to have”. SUGIMOTO, Making Sense of Nihonjinron, p. 82.

nascimento do indivíduo, ela é chamada de *jus soli* (territorial). No Brasil, adota-se o critério do *jus soli* com exceções — também chamada de territorial temperada —, pois há situações em que esse vínculo com o Estado se dá por meio da ascendência, ou “por sangue” (*jus sanguinis*). Por exemplo, filhos de diplomatas estrangeiros em missão nascidos no Brasil não adquirem automaticamente a nacionalidade brasileira, pois nesses casos aplica-se o *jus sanguinis*. Já filhos de brasileiros que nasceram fora do território nacional podem ter nacionalidade originária brasileira, também com base no *jus sanguinis*.⁸⁶

Os requisitos para a nacionalidade japonesa, definido pelo 法務省⁸⁷ (*Houmushou*, Ministério da Justiça [do Japão]) e similar aos conceitos adotados no Brasil, estabelecem a condição pela qual uma pessoa se vincula ao Estado japonês. Conforme estabelecido na 「国籍法・昭和25年法律第147号」⁸⁸ (*Kokuseki Hou - Shouwa 25 nen Houritsu dai 147 gou*, Lei da Nacionalidade - Lei nº 147 de 1950), a nacionalidade japonesa pode ser concedida por nascimento, pelo reconhecimento de filhos (認知された子の国籍の取得, *ninchisareta ko no kokuseki no shutoku*) e pela naturalização (帰化, *kika*). A abordagem mais prevalente é a do *jus sanguinis*, seja pelos filhos de cidadãos japoneses no momento do nascimento do bebê ou por filhos reconhecidos por um pai ou mãe japonês (referindo-se ao reconhecimento de filiação). Há, contudo, a exceção do *jus soli* para uma criança nascida em território japonês em que ambos os pais são desconhecidos ou não possuem nacionalidade. Na atual legislação japonesa, a posse de dupla nacionalidade não é permitida, sendo obrigatória a seleção de nacionalidade resultando na perda da japonesa caso a estrangeira seja escolhida ou a seleção não seja feita dentro do prazo estabelecido.

As razões dadas para exigência da escolha de nacionalidade, de acordo com o *Houmushou*, são 1) pelo possível surgimento de conflitos diplomáticos decorrentes de obrigações de cada país; e 2) o risco de que, ao serem registrados como pessoas diferentes em cada nação, os indivíduos possam casar-se e constituir famílias em diferentes localidades, prejudicando as relações familiares. Há, contudo, situações raras de dupla nacionalidade japonesa que surgem no nascimento — por exemplo, para filhos de japoneses com estrangeiros

⁸⁶ Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, Capítulo III - Da Nacionalidade, Art. 12.

⁸⁷ 法務省：国籍 Q & A, disponível em: <<https://www.moj.go.jp/MINJI/minji78.html>>. acesso em: 3 jul. 2025.

⁸⁸ Nationality Act (Act No. 147 of 1950) // 国籍法（昭和二十五年法律第一百四十七号）.

(que devem optar por uma cidadania até os 22 anos de idade) e para filhos de nacionais japoneses nascidos em um país onde o *jus soli* é prevalente, como o Brasil. Os 日系 (*nikkei*, termo que atualmente denomina “emigrantes japoneses e seus descendentes”⁸⁹) ou 二世⁹⁰ (*nisei*, literalmente 二 = segunda, 世 = geração) se referem a pessoas com ascendência japonesa que não nasceram no Japão⁹¹.

Apesar de a comunidade *nikkei* estar presente em vários países, de acordo com o 海外 日系人数推計 (*kaigai nikkei ninzuu suikei*, Estimativa do Número de *Nikkei* no Exterior) de outubro de 2023⁹², o Brasil ocupa a liderança em número de *nikkei* fora do Japão. Não só isso, eles foram responsáveis pelo desenvolvimento da agricultura e diversos setores de serviço na terra tupiniquim, com isso a pesquisadora Célia Sakurai reflete em relação aos *nikkei*-brasileiros que: “[a] grande questão que atravessa as décadas seguintes à [Segunda] [G]uerra [Mundial] não é a de ser ou não ser brasileiro, mas é de como se tornar (ou não), brasileiro”⁹³. Em outro texto, ela advoga que a designação “nipobrasileiro” surge como um termo mais adequado, pois reflete melhor a fusão cultural da vida deles no Brasil⁹⁴.

Há, por outro lado, os trabalhadores temporários brasileiros de origem japonesa denominados 出稼ぎ (*dekasegi*, em português decasségui), que ‘retornam’ ao Japão em busca de melhoria de vida e sucesso financeiro⁹⁵. Eles enfrentam não apenas preconceitos, mas também dificuldades relacionadas ao sentimento de pertencimento no Japão, mesmo com as

⁸⁹ O que é “Nikkei”? | Descubra Nikkei, disponível em: <<https://discovernikkei.org/pt/about/what-is-nikkei/>>. acesso em: 29 jun. 2025.

⁹⁰ 二世 (*nisei*) são a segunda geração, filhos de imigrantes japoneses; 三世 (*sansei*) são a terceira geração, os netos de imigrantes; 四世 (*yonsei*) são a quarta geração, os bisnetos de imigrantes, e assim por diante.

⁹¹ Essa categoria é mais explorada na Dissertação de Mestrado de Camila Aya Ischida, **A experiência nikkei no Brasil: uma etnografia sobre imaginários e identidades**, Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2010.

⁹² MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF JAPAN, **Estimated Number of Japanese Abroad (October 2023) - 海外日系人数推計 令和 5 年 (2023 年) 10 月 1 日現在**, [s.l.]: Ministry of Foreign Affairs of Japan, 2024.

⁹³ SAKURAI, Célia, Mais estrangeiros que os outros?: Os japoneses no Brasil, **TRAVESSIA - revista do migrante**, n. 44, p. 5–10, 2002, p. 9.

⁹⁴ INTER-AMERICAN DEVELOPMENT BANK (Org.), **Cuando Oriente llegó a América: contribuciones de inmigrantes chinos, japoneses y coreanos**, Washington, D.C.: Banco Interamericano de Desarrollo, 2004, cap. 7.

⁹⁵ KEBBE, Victor Hugo, Ser japonês, ser nikkei, ser dekassegui: contornando metáforas de parentesco e nação, **Revista de Antropologia da UFSCar**, v. 6, n. 1, p. 63–80, 2014, p. 73.

questões de nacionalidade mencionadas acima. A trajetória de um dos meus interlocutores entrevistados, descendente de japoneses agricultores de batata no sul do país, ilustra essas nuances. Em especial quando fala sobre o tratamento que teve, “[*ir como bolsista MEXT na década de 80] dava um status... um pouco fora da curva*” daqueles que iam como *dekasegi*. Ele observou que o tratamento era muito contrastante. De acordo com ele, *fora* da universidade quando estava *sozinho*, por ter traços japoneses, mas nem sempre compreender o que lhe era falado, era frequentemente visto sob a ótica negativa associada aos *dekasegi*. Contudo, dentro do ambiente universitário e no cotidiano com pessoas que sabiam da sua condição, seu *status* de bolsista garantia um tratamento diferenciado.

Nunca me esqueci do comentário de minha *roommate* brasileira, 三世 (*sansei*) e bolsista do MEXT de curso técnico, em uma das nossas conversas sobre o Japão durante a nossa moradia compartilhada, parafraseando-a: “*No Brasil, eu sempre me via como japonesa, tive que vir até o Japão para me reconhecer como brasileira*”. Esse comentário não só se reflete nas conversas que tive com outros amigos *dekasegi* no Brasil e nas entrevistas com bolsistas descendentes, como também ecoa na observação de Sakurai, na qual aponta que “*no contexto japonês, a tendência [dos nipo-brasileiros] é de se afirmar a sua ‘brasilidade’ usando símbolos que denotam a sua condição de serem do Brasil*”⁹⁶. Minha *roommate* não só fazia questão de incluir nos seus trabalhos escolares elementos brasileiros, como ela organizou encontros durante a Copa do Mundo Brasil 2014, se mantendo acordada na madrugada durante todo o jogo do 7-1⁹⁷.

Podemos, então, compreender que quando o imaginário do 日本人論 (*nihonjinron*) fala de nacionalidade (N), ela por si própria não restringe a ideia de ‘japonês completo’. São necessárias mais variáveis para que a nossa equação, $N = E = C$, faça sentido. Um ponto de intersecção entre as duas primeiras letras, N e E, seria os 半 (Ha-fu, *half [japanese]*). Estes indivíduos de herança mista, por sua própria existência, desafiam as concepções⁹⁸ do ‘japonês completo’ atrelados à nacionalidade e à etnicidade. O caso da *Miss Japan* de 2015, Ariana Miyamoto, acusada de não ser japonesa o suficiente por ter ascendência mista, é um exemplo

⁹⁶ SAKURAI, Mais estrangeiros que os outros?, p. 10.

⁹⁷ O dia 8 de julho de 2014 ficou marcado de maneira negativa no inconsciente coletivo da população brasileira. Durante uma das partidas da semifinal da Copa do Mundo, sediada no Brasil, a seleção brasileira foi *destruída* pelo time da Alemanha, derrotada por sete gols a um.

⁹⁸ YAMAMOTO, The Myth of “Nihonjinron”, Homogeneity of Japan and Its Influence on the Society, p. 5.

notável. Ela nasceu e cresceu no Japão, detém a nacionalidade japonesa, possui ascendência japonesa, no entanto, muitos não a aceitavam como se fosse *realmente* japonesa — especialmente quando o assunto era representar a beleza do país⁹⁹.

Atualmente, há um movimento de japoneses birraciais que propõem o uso do termo ダブル (double, dobro) como reação à ideia pejorativa de *serem menos que* um indivíduo. Muitos nasceram e foram criados em território japonês, possuem nacionalidade japonesa, mas, muitas vezes, não são reconhecidos como japoneses em sua etnicidade. Projetos e filmes por japoneses de *mixed roots* (raízes mistas) — outro termo usado por integrantes deste grupo — relatam a complexidade vivida por eles, como o filme “*Hafu – the mixed-race experience in Japan*” (2013)¹⁰⁰ e o projeto “*Hāfu2Hāfu*”¹⁰¹.

Por suposto, passamos para a letra E — Etnicidade. Diferente da percepção comum, o Japão não é etnicamente homogêneo. Historicamente, o arquipélago japonês revela a presença de grupos étnicos distintos, como os アイヌ¹⁰² (*Ainu*) no Norte e os 琉球 (*Ryukyuan*, também conhecidos como *Lewchewan*) no Sul, e a maioria da população, os 大和¹⁰³ (*Yamato*). Além destes grupos, o país manteve longas interações com seus vizinhos da Ásia continental. No

⁹⁹ *Ibid.*; NEWS, A. B. C., **Meet the Japanese Beauty Queen Who’s Fighting Online Backlash**, ABC News, disponível em: <<https://abcnews.go.com/International/bi-racial-japanese-beauty-queen-fights-online-backlash/story?id=30984407>>. acesso em: 10 jul. 2025; JULES, Anny, **Miss Universe Japan 2015: Biracial Miss Japan Accused of not Being Japanese Enough**, Latin Post, disponível em: <<https://www.latinpost.com/articles/44356/20150324/bi-racial-miss-japan-accused-of-not-being-japanese-enough.htm>>. acesso em: 10 jul. 2025; **The Face of Japan Is Changing, But Some Aren’t Ready**, Kotaku, disponível em: <<https://kotaku.com/the-face-of-japan-is-changing-but-some-arent-ready-1691234262>>. acesso em: 10 jul. 2025.

¹⁰⁰ **Hafu: The Mixed-Race Experience in Japan**, [s.l.]: Hafu Film Project, 2013.

¹⁰¹ **Hāfu2Hāfu - A Worldwide Photography Project about Mixed Japanese Identity**, Hāfu2Hāfu, disponível em: <<https://hafu2hafu.org/>>. acesso em: 4 jul. 2025.

¹⁰² Ditos como descendentes dos 蝦夷 (*Emishi*), grupo que existia nas ilhas ao norte, também referenciados como tribos *não-Yamato* do norte.

¹⁰³ Antigamente, os povos do arquipélago japonês eram referidos pelos chineses como 倭人 (*wajin*, 倭 = *Yamato*, 人 = pessoa). Minha hipótese é que, para se desvincular de prováveis conotações negativas do povo *Yamato*, e afirmar uma imagem mais positiva da sua identidade, o ideograma 倭 foi posteriormente substituído por 和 (*wa*), que significa “harmonia” ou “paz”. O novo ideograma, atualmente, determina “*estilo japonês*” em palavras como 和服 (*wafuku*, roupas japonesas), 和菓子 (*wagashi*, doces japoneses) ou 和室 (*washitsu*, estilo de quarto japonês). O que, possivelmente, reforça a ideia de que os descendentes do povo *Yamato* sejam os ‘japoneses completos’, especialmente quando consideramos que o termo 和人 (*wajin*) é usado para se referir à etnia majoritária do Japão.

decorrer da história, houve tensões e conflitos que resultaram em invasões do Japão à China¹⁰⁴, Coreias¹⁰⁵ e outros países com pressuposto de unificação¹⁰⁶ que operaram dentro do discurso de *Nihonjinron*. Isso, sem contar com trocas com os habitantes de outras ilhas do Pacífico. Como Yamamoto ressalta no seu artigo de 2015:

*"Em 1989, o governo japonês informou que oficialmente não há minoria étnica no Japão; no entanto, o país tem sua história profundamente relacionada a estrangeiros da Ásia continental. Por exemplo, há evidências de trabalhadores migrantes no período pré-histórico e de um grupo chinês oficialmente admitido pelo governo durante a dinastia Edo (Asano, 1993). Além disso, Ishiro (2002) disse que é muito recente o fato de o Japão ter se tornado um país que contém todas as regiões que tem hoje. Por exemplo, a região de Tohoku, a região norte, não estava incluída em um país antigo centrado na parte sul, assim como Okinawa e Hokkaido só foram integradas após o século XIX. Portanto, isso significa que deve haver alguma variação entre as culturas de diferentes regiões. Logo, não se pode dizer que o Japão é um país homogêneo com apenas uma cultura e um grupo étnico ao longo de sua história."*¹⁰⁷

Já o pesquisador Victor Kebbe propõe uma adição à ideia do *sangue japonês*. Sua discussão é baseada no 戸籍謄本 (*koseki touhon*, cópia oficial do registro familiar), que na perspectiva da construção do sistema familiar baseado no 家¹⁰⁸ (*ie*, casa/família/linhagem), “o sangue japonês não necessariamente é uma substância herdada unicamente através da Biologia, mas sim algo construído com base nas relações que asseguram a manutenção e

¹⁰⁴ Como, por exemplo, as Guerras Sino-Japonesas, a primeira no Período Meiji (1894-1895) e a segunda no século XX. O ano de 2025 marca 80 anos da vitória chinesa na *Guerra de Resistência contra a Agressão Japonesa* (também conhecida como *Segunda Guerra Sino-Japonesa*). Essa guerra incluí eventos marcantes como a invasão da Manchúria, em 1931, e o *Massacre de Nanquim* (ou *Estupro de Nanquim*), em 1937.

¹⁰⁵ Em 1910, o Japão anexou o império Coreano, por meio de um tratado, o 韓国併合ニ関スル条約 (*kankoku heigou seki suru jyoyaku*, Tratado de Anexação Japão-Coreia).

¹⁰⁶ Ou, *anexação* ao território japonês.

¹⁰⁷ No original: “In 1989, the Japanese Government reported that there is no ethnic minority in Japan officially; however, the country has its history deeply related to foreigners from continental Asia. For instance, there are the evidences of migrant workers in the pre-historic period, and that of a Chinese group officially admitted by the government under Edo dynasty (Asano, 1993). Moreover, Ishiro (2002) said that it is quite recent that Japan had become a country, which contains all the regions, which it has today. For instance, Tohoku region, the north region, was not included in an ancient country centering on the south part, and Okinawa and Hokkaido were only integrated after 19th century. So this implies that there should be some variation between cultures in different regions. Therefore, it cannot be said that Japan is a homogeneous country with only one culture and one ethnic group throughout its history.” YAMAMOTO, *The Myth of “Nihonjinron”, Homogeneity of Japan and Its Influence on the Society*, p. 2.

¹⁰⁸ O trabalho do antropólogo Alan Macfarlane contém uma elaboração histórica sobre a prevalência da perpetuação da 家 (*ie*, casa/família/linhagem) sobre os laços consanguíneos na sociedade japonesa pela ótica inglesa. ‘Japan’ in an English Mirror, *Modern Asian Studies*, v. 31, n. 4, p. 763–806, 1997, p. 790–792.

continuidade da instituição familiar”¹⁰⁹. Em outras palavras, a *pureza étnica japonesa*, tão divulgada nos últimos séculos, acaba tendo delimitações um tanto nebulosas que não são limitadas pelas mitocôndrias e sangues que correm nas veias.

E, por último, **C** — Cultura. Na disciplina antropológica, a definição de *cultura* talvez chegue a ser tão polêmica quanto às definições que estamos abordando. Para não me aprofundar além do escopo deste trabalho, pontuarei rapidamente alguns dos ícones do imaginário popular daquilo que se entende por cultura japonesa a fim de questioná-los em sua originalidade. Para isso, lhes compartilho uma história.

Eu tive uma disciplina na escola técnica onde falávamos sobre publicidade. Na aula, o professor contava-nos sobre sua juventude durante a バブル経済時代 (*baburu keizai jidai*, época da bolha econômica)¹¹⁰ (1986 a 1991), a época — de acordo com ele — mais criativa da publicidade japonesa. Os *shopping centers* eram coisas de ‘outro mundo’, dizia ele. Havia moças bem-vestidas que cumprimentavam todos que entravam no estabelecimento, outras que os recepcionavam nos elevadores, e os produtos vendidos eram do mais alto padrão. Relatos que se assemelham aos dos meus interlocutores que estudaram nesta época no Japão. Como um dos entrevistados relatou essa fartura:

“Durante essa época, o Japão começou a estimular o consumo. [...] Quando você chegava no shopping, tinha uma bola gigante cheia de bolinhas. Todo mundo que ia lá, os atendentes do shopping davam uma bolinha. Eles rodavam e pegavam uma bolinha. A bolinha mais comum era, sei lá, 五千円 (5000 ienes). Você ia ao shopping, você ganhava o dinheiro para gastar lá”.

Em meio às descrições dos anúncios da Bolha, meu professor comentou que as lojas de 着物 (*kimono*, 着 = *ki*, vestir e 物 = *mono*, coisa) eram chamadas de 呉服¹¹¹ (*gofuku*). 呉 (*Go*, em

¹⁰⁹ KEBBE, Ser japonês, ser nikkei, ser dekasegui, p. 72–73.

¹¹⁰ Daqui em diante, referirei a bolha econômica japonesa apenas por バブル (*Bubble*, Bolha).

¹¹¹ 「呉服」とは中国・呉の機織りの作る服という意味であったが、のちに絹織物の総称となる。また木綿・麻布製品類は「太物」と称した。江戸末期には衣料品類を扱う者をまとめて呉服商と呼ぶようになる。(「gofuku」 toha chuugoku・kure no hataori no tsukuru fuku toiu imideattaga, nochi ni kinuorimono no souchou to naru. mata momen・mafu seihinrui ha 「taimono」 to shoushita. edo makkini ha iryouhinrui wo atsukaumono wo matomete gofuku shou to yobu youni naru, “Wu-fu” significava roupas feitas por tecelões em Wu, na China, mas depois se tornou um termo genérico para tecidos de seda. Os produtos de algodão e linho eram chamados de “taimono” (太物). No final do período Edo, aqueles que comercializavam artigos de vestuário eram

português *Wu*) foi uma das regiões chinesas que comandaram a dinastia dos Três Reinos, e 呉服 (*gofuku*) seriam as 服 (*fuku*, roupas) produzidas na dinastia 呉 (*Wu*). Com o passar do tempo, essa denominação foi sendo escanteada para dar lugar a *kimono*, e *gofuku* passou a ser o nome que se dá aos panos que são usados para produzir esta vestimenta *tradicional*.

Ainda hoje, a autoria e a originalidade dos *kimonos* como os conhecemos são um tópico de debate. Há argumentos de que *gofuku* se refere apenas a técnicas de tecelagem providas da dinastia chinesa antiga, enquanto outros afirmam ser um estilo de roupa e de moda em si. Meu professor japonês afirmava ser esta última perspectiva, corroborada também por minha amiga chinesa, graduanda em moda na 文化服装学院 (*Bunka Fukusou Gakuin*, Bunka Fashion College), em Tóquio. Para fins de argumento, é notável que um dos maiores ícones do imaginário da cultura japonesa, o *kimono*, tenha sua originalidade debatida até os dias atuais.

Um outro exemplo, que particularmente me surpreendeu bastante, foi o 寿司 (*sushi*). Em Tóquio, há um museu que considero o melhor que fui na terra do sol nascente, o 江戸東京博物館 (*Edo Toukyou Hakubutsukan*, *Edo-Tokyo Museum*) que ficava a uma estação de onde eu morava. Como o nome já diz, o conteúdo centrava-se no período 江戸 (*Edo*) (1603 - 1868) até a atual Tóquio. Na parte do museu onde mostrava a mudança da capital, de 京都 (*Kyouto*, Quioto), e a construção de *Edo* (atual Tóquio), havia a seção de comida. O *sushi*, ao contrário do que experienciamos hoje nos restaurantes refinados e com as mais variadas e sofisticadas etiquetas de consumo, o museu o colocava como uma comida da classe trabalhadora desenvolvida para os curtos horários de almoço destinados aos operários braçais enquanto construía o que viria a ser a nova capital. Lá, explicavam que o tamanho das peças era maior¹¹², equivalente aos salgadinhos de lanchonetes que temos no Brasil, feitas para não precisarem de talheres e para serem consumidas rapidamente — além de proverem calorias suficientes com o arroz para sustentar a labuta das obras. Este se tornou extremamente popular e, eventualmente,

chamados coletivamente de comerciantes de kimono). アジア動向報告編集委員会, 国際秩序の行方とアジアの対応, 東京: 公益財団法人 国際文化会館, 2023, p. 47.

¹¹² “A cerca de três vezes maior que o tamanho atual”. No original, 「② 酢飯の大きさは現在の約 3 倍と大きかった。」 (② *Sumeshi no ookisa ha genzainoyaku 3bai to ookikatta*). AKANO Hirofumi, The evolution of sushi and the power of vinegar, *Journal for the Integrated Study of Dietary Habits*, v. 31, n. 4, p. 201–206, 2021, p. 202.

foi *gourmetizado* e, conseqüentemente, o tamanho das peças foi diminuindo. Mas com a invenção da *esteira* para servir *sushi*, o 回転寿司 (*kaiten zushi*, *sushi* “de rotação”) redemocratizou o acesso a esta culinária.

É interessante notar que o *sushi* que descrevi, também conhecido como 早寿司 (*hayazushi*, *sushi* rápido), é tido como o *prato japonês*, quando pensamos na culinária do país. Contudo, o 熟鮓 (*narezushi*, ou nos ideogramas: 馴鮓), uma versão fermentada¹¹³ do que se tornaria o *sushi* moderno, tem seus primeiros relatos no Sudeste Asiático entre a China e a Índia, região onde Camboja, Vietnã, Tailândia, Laos e Mianmar estão situados. Há outros elementos da culinária japonesa que têm suas origens debatidas, e algumas até aceitas como apropriação de outros países, como o doce açucarado 金平糖 (コンペイト, *konpeito* ou *confeito*), os empanados 天麩羅 (天ぷら, *tempura*), até mesmo o tradicional bolo カステラ (*castella*) e o 豚カツ (とんかつ, *tonkatsu*, costeleta de porco empanado), famoso nos sanduíches.

Tendo tudo isso em mente, a decisão da UNESCO em 2013 de fazer o 「和食」 (*washoku*, comida no *estilo japonês*¹¹⁴) como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade¹¹⁵ leva à reflexão sobre como a *cultura* japonesa, em especial a culinária, é vista de fora do arquipélago. Ademais, a definição dada pela instituição me chama ainda mais a atenção: “*Washoku é uma prática social baseada em um conjunto de habilidades, conhecimentos, práticas e tradições relacionadas à produção, ao processamento, à preparação e ao consumo de alimentos*”¹¹⁶. A designação da “comida no *estilo japonês*” como patrimônio da humanidade aprofunda os questionamentos sobre o que se atribui à *cultura japonesa*. Afinal, se 和 (*wa*) está alinhado ao povo 大和 (*Yamato*), que constitui a etnia majoritária do Japão, mas a culinária que é reconhecida fora do continente não é originária do arquipélago, até que ponto o imaginário popular global pode reforçar preceitos e uma narrativa hegemônica de um país e sua cultura?

¹¹³ Geralmente com salmoura ao invés de vinagre.

¹¹⁴ Vide nota 110, na página 44.

¹¹⁵ **Washoku, traditional dietary cultures of the Japanese, notably for the celebration of New Year - UNESCO Intangible Cultural Heritage**, disponível em: <<https://ich.unesco.org/en/RL/washoku-traditional-dietary-cultures-of-the-japanese-notably-for-the-celebration-of-new-year-00869>>. acesso em: 8 jul. 2025.

¹¹⁶ “Washoku is a social practice based on a set of skills, knowledge, practice and traditions related to the production, processing, preparation and consumption of food”.Ibid.

Yamamoto acredita que essas teorias da identidade japonesa têm perpetuado mitos que estão presentes até os dias de hoje¹¹⁷. O *Nihonjinron* pode ser definido como uma ideologia moldada por estruturas determinadas pelas relações que o Japão estabelece com o mundo externo. Ora enfatiza a homogeneidade — como no final do século XX —, ora mobiliza discursos de miscigenação seletiva, a depender do contexto e dos objetivos estratégicos. Essa ideologia se desenvolve ao redefinir a identidade japonesa *conforme* a necessidade.

À luz do passado, talvez possamos vislumbrar um Japão disposto a aceitar pessoas de outros países como parte de sua população. Tal desejo torna-se mais urgente diante da baixa natalidade que vem alcançando recordes nos últimos anos — marcando menos de 700 mil nascimentos em 2024¹¹⁸ — e o surgimento, em 2021, do cargo de *ministro da solidão*, criado para enfrentar a *crise da solidão* recorrente no país. Apesar dessa hipótese — e desejo pessoal —, o Japão vivenciado pelos entrevistados não estava disposto a reconhecer esta possibilidade. Pelo contrário, os bolsistas foram rotulados como *gaijin* e alocados nos papéis sociais que essa categoria impõe.

As reações ao recente aumento do turismo, impulsionado pela desvalorização da moeda local, e a mobilização de discursos pró-nacionalistas¹¹⁹, revelam — a meu ver — a volatilidade das fronteiras simbólicas construídas na relação com o mundo externo. Multiplicaram-se

¹¹⁷ YAMAMOTO, The Myth of “Nihonjinron”, Homogeneity of Japan and Its Influence on the Society, p. 6.

¹¹⁸ Esse recorde foi alcançado pela primeira vez desde o início do registro, iniciado em 1899. Embora parte da mídia japonesa reportou que o número de nascimentos caiu “para menos de 720 mil” em 2024 — a queda em relação ao ano anterior —, os dados oficiais indicam um número ainda mais baixo. De acordo com o relatório, 令和 6 年（2024 年）人口動態統計の年間推計 (*reiwa 6 (2024) jinkou doutai toukei no nenkan suikei, Estimativa Anual das Estatísticas Demográficas de 2024*), publicado pelo 厚生労働省 (*Kousei Roudoushyou, Ministério da Saúde, Trabalho e Bem-Estar*) o número total de nascimentos caiu para 686.061 em 2024.

Relatório oficial: 厚生労働省, 令和 6 年（2024 年）人口動態統計の年間推計, 令和 6 年（2024 年）人口動態統計月報年計（概数）の概況, 2025.

Notícias: **Number of Japanese Births Continues to Fall in 2024**, nippon.com, disponível em: <<https://www.nippon.com/en/japan-data/h02331/>>. acesso em: 17 jun. 2025; **Japan’s annual births fall to record low as population emergency deepens**, CNN, disponível em: <<https://www.cnn.com/2025/06/05/asia/japan-birth-rate-record-low-intl-scli>>. acesso em: 17 jun. 2025; TAKENAKA, Kiyoshi, Japan’s births fell to record low in 2024, **Reuters**, 2025; **Japan’s birth rate fell for a ninth consecutive year in 2024 to hit a record low**, AP News, disponível em: <<https://apnews.com/article/japan-births-children-population-decline-marriage-37c1a83afb9f90c6ce6affd527829826>>. acesso em: 17 jun. 2025; NEWS, KYODO, **Births in Japan in 2024 fall to record low of 721,000**, Kyodo News+, disponível em: <<https://english.kyodonews.net/news/2025/02/19a2d1ef3508-births-in-japan-in-2024-fall-to-record-low-of-721000.html>>. acesso em: 17 jun. 2025.

¹¹⁹ **Sanseito: How a far-right “Japanese First” party gained new ground**, disponível em: <<https://www.bbc.com/news/articles/cly80nnjnv5o>>. acesso em: 21 jul. 2025.

(novamente), nas fachadas de lojas e restaurantes, placas com os dizeres “Não aceitamos ○○ ○○¹²⁰”, ou mesmo 「外人方お断り」 (*gaijinkata okotowari*, não são permitidos *gaijin*), evocando — com o devido peso histórico — memórias das restrições linguísticas¹²¹, tal como as documentadas por Klemperer¹²² no contexto do Terceiro *Reich*. O estrangeiro — *foreigner* — torna-se sinônimo de ameaça. Mesmo quando residente, mesmo quando fluente na língua, mesmo quando filho de casal interracial com ascendência japonesa — e até mesmo quando se encontra no país a convite do próprio governo, com bolsa custeada por recursos públicos. Ou seja, ele não é apenas alguém de fora — ele é alguém que é *mantido* fora.

Apesar de essas placas não serem tão comuns a ponto de vermos em todas as esquinas, mesmo antes da pandemia do Covid-19, o tratamento dispensado a quem é taxado como *gaijin* nas buscas por moradia, na seleção de emprego e na entrada em certos locais seguem uma lógica semelhante: “*essas pessoas não são japonesas, logo não conhecem nossos costumes e não vão nos respeitar ou agir da maneira que gostaríamos*” — reiterando o discurso do *Nihonjinron*. Como mencionei anteriormente, na segunda vez em que procurei moradia após sair do dormitório, fui recusada em mais de oitenta residências por ser estrangeira — o que me forçou a optar entre duas residências de procedência questionável em uma área desfavorável de Tóquio.

¹²⁰ Na língua japonesa, o 「○○」 (ou 丸々, *marumaru*) funciona como um *placeholder* ou um espaço em branco para indicar um insulto ou para indicar algo sem explicitá-lo. Neste caso, “Não aceitamos ○○○○”, o *marumaru* está indicando um tipo de ‘estrangeiro’, seja ele ‘chinês’, ‘coreano’ ou ‘estrangeiros’ em geral. Optei por incluir *marumaru* para incluir todos os usos ao invés de exemplificar um a um.

¹²¹ É importante ressaltar que, ao visitarmos *blogs*, fóruns *online* e assistirmos a vídeos no *YouTube* sobre o tema da restrição de entrada de determinadas pessoas em estabelecimentos no Japão, percebemos que há vários comentários, em japonês e em inglês, legitimando as atitudes dos proprietários dos estabelecimentos por razões diversas — seja pela “*liberdade de expressão*”; “*porque tal povo não conhece nossos costumes*”; “*porque não é discriminação, é autodefesa*”; “*é por que eles querem oferecer o melhor serviço que podem, mas não sabem se comunicar em determinada língua*” ou ainda, “*porque eles têm o direito de proibir a entrada de XYZ por conta de um passado histórico*” — entre tantas outras.

Além disso, há comentários que condenam as manifestações de protesto contrárias a tais placas, alegando que os manifestantes estariam impedindo o funcionamento do comércio — “*Eles [os protestantes] deviam ser presos*”, dizem alguns.

De todo o modo, todos esses argumentos ignoram o fato de que o Japão assinou, em 1995, a Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial (*International Convention on the Elimination of All Forms of Racial Discrimination - ICERD*). Logo no início das obrigações dos Estados signatários, a ICERD declara: “A proibição contra a discriminação racial é absoluta. Não há nenhuma circunstância em que uma derrogação seja permitida, e atrasos não são tolerados.” (“*The prohibition against racial discrimination is absolute. There is no circumstance under which a derogation is allowed, and delays are not tolerated*”). UNITED NATIONS COMMITTEE ON THE ELIMINATION OF RACIAL DISCRIMINATION (CERD), *International Convention on the Elimination of All Forms of Racial Discrimination*, 1965.

¹²² KLEMPERER, *Language of the Third Reich*.

Alguns dos meus interlocutores também relataram dificuldades semelhantes na busca por alojamento, mesmo apresentando todas as credenciais que possuíam: estudavam em universidades renomadas, tinham bolsas do MEXT e, alguns, falavam fluentemente a língua. Ainda assim, ouviam a justificativa “...mas é estrangeiro”¹²³. O mesmo é ilustrado no documentário *Hafu*¹²⁴, em que um casal interracial, formado por um estrangeiro com uma japonesa mista, comentou ao mostrar a casa alugada deles.

Alas, não está no escopo deste trabalho realizar um juízo de valor, ou então, decidir se determinadas atitudes são ou não racistas. Já foi esclarecido que o conceito de “raça” no Japão não corresponde ao que utilizamos no Brasil. Outro ponto é que a discriminação por etnia é formalmente vedada pela constituição japonesa (de 1946, no Artigo 14): 「すべて国民は、法の下に平等であつて、人種、信条、性別、社会的身分又は門地により、政治的、経済的又は社会的関係において、差別されない」¹²⁵ (“*Todas as pessoas são iguais perante a lei e não deve haver discriminação nas relações políticas, econômicas ou sociais por causa de raça, credo, sexo, status social ou origem familiar*”). Entretanto, não encontrei nenhuma legislação penal que criminalize condutas racistas. “*Pelo contrário, o governo japonês insiste que racismo não existe no Japão*”¹²⁶. Há, por suposto, a 「本邦外出身者に対する不当な差別的言動の解消に向けた取組の推進に関する法律」¹²⁷ (*honpougai shusshinsha nitaisuru futouna sabetsuteki gendou no kaishou ni muketa torikumi no suishin nikansuru houritsu*, “*Act on the Promotion of Efforts to Eliminate Unfair Discriminatory Speech and Behavior against*

¹²³ “*Falava todas as credenciais... mas é estrangeiro*”, disse um de meus interlocutores que realizou seu doutorado em Tóquio.

¹²⁴ **Hafu: The Mixed-Race Experience in Japan.**

¹²⁵ (subete kokumin ha, hou no shita ni byoudoude atsute, jinshu, shinjyou, seibetsu, shakaiteki mibun mataha monchinyori, seijiteki, keizaiteki mataha shakaiteki kanke inioite, sabetsusarenai). A constituição japonesa e leis estão disponíveis online nos seguintes sites: **THE CONSTITUTION OF JAPAN**, disponível em: <https://japan.kantei.go.jp/constitution_and_government_of_japan/constitution_e.html>. acesso em: 16 jun. 2025; **Japanese Law Translation**, disponível em: <<https://www.japaneselawtranslation.go.jp/en/>>. acesso em: 16 jun. 2025.

¹²⁶ “*On the contrary, the Japanese Government insists that racism does not exist in Japan*”. YAMAMOTO, **The Myth of “Nihonjinron”, Homogeneity of Japan and Its Influence on the Society**, p. 1.

¹²⁷ “Lei para a Promoção de Esforços pela Eliminação de Discursos e Condutas Discriminatórias contra Pessoas Originárias de Fora do Japão”, em português, da normativa aprovada em 2016. Vale notar que a redação da lei delimita como alvo das proteções apenas as “pessoas originárias de fora do Japão” (本邦外出身者), não considerando minorias étnicas que historicamente habitam o arquipélago, como os povos アイヌ (*Ainu*) e 琉球 (*Ryukyuu*, “okinawanos”), como os filhos de casais interraciais com ascendência japonesa.

Persons with Countries of Origin other than Japan”), de 2016. Uma lei que possui um caráter meramente educativo¹²⁸ na prevenção de atos discriminatórios — buscando a desviar-se de confronto direto com acontecimentos no concreto e sem estabelecer medidas repressivas¹²⁹, como a tipificação criminal de tais atos.

Recentemente, em julho de 2020, a cidade de Kawasaki na província de Kanagawa se tornou o primeiro município japonês a promulgar uma ordenança com penalidade financeira contra reincidência em discurso de ódio (ヘイトスピーチ, *hate speech*). A norma prevê multas de até 500.000 円 (ienes) para infratores que disseminem discurso de ódio em espaços públicos. Trata-se da primeira legislação no Japão a prever penalidades punitivas para esse tipo de conduta¹³⁰. Contudo, essa ordenança só foi estabelecida após uma série de manifestações contra os 在日韓国人 (*zainichi kankokujin*, coreanos residentes no Japão antes de 1945 e seus descendentes) especialmente no distrito de Sakuramoto na cidade de Kawasaki, em 2020. Apesar de já terem ocorrido diversos incidentes *online* e presenciais — como protestos públicos com faixas pedindo a *purificação do Japão* —, a medida só foi idealizada após uma moradora local, etnicamente coreana, submeter uma petição formal ao conselho municipal de Kawasaki para revogar a autorização de protesto desses grupos. Esse foi um dos catalisadores para a idealização da punição. Afinal, mesmo com a lei de 2016, por falta de uma penalidade, muitos não se sentiam na obrigação de segui-la. A insatisfação da comunidade coreana local, somada à omissão do Estado japonês em combater o discurso de ódio por meio de consequências reais, impulsionou o município a criar uma regulamentação punitiva¹³¹.

¹²⁸ HIGAKI, Shinji, The Hate Speech Elimination Act: A Legal Analysis, *in*: HIGAKI, Shinji; NASU, Yuji (Orgs.), **Hate Speech in Japan: The Possibility of a Non-Regulatory Approach**, Cambridge: Cambridge University Press, 2021, p. 248.

¹²⁹ *Ibid.*, p. 250.

¹³⁰ NEWS, KYODO, **Japan city enacts 1st ordinance criminally punishing hate speech**, Kyodo News+, disponível em: <<https://english.kyodonews.net/news/2019/12/bc1a826d32be-kawasaki-enacts-japans-1st-bill-punishing-hate-speech.html>>. acesso em: 16 jun. 2025; **Japan's 1st ordinance making hate speech punishable with fines enacted in Kawasaki - The Mainichi**, disponível em: <<https://mainichi.jp/english/articles/20200702/p2a/00m/0na/020000c>>. acesso em: 16 jun. 2025; **Ordinance penalizing hate speech enacted in Kawasaki City - @JapanPress_wky**, disponível em: <https://www.japan-press.co.jp/modules/news/?id=12622&pc_flag=ON>. acesso em: 16 jun. 2025; **Milestone or Minor Progress? Japan's Strongest Antihate Law Takes Effect in Kawasaki**, nippon.com, disponível em: <<https://www.nippon.com/en/in-depth/d00648/>>. acesso em: 16 jun. 2025.

¹³¹ UNITED NATIONS COMMITTEE ON THE ELIMINATION OF RACIAL DISCRIMINATION (CERD), **Concluding observations on the combined seventh to ninth periodic reports of Japan**, Geneva: United Nations, 2014; HIGAKI, The Hate Speech Elimination Act: A Legal Analysis; SATO, Yumiko, **Online Platforms Are Missing a Brutal Wave of Hate**

Dito isso, pelo que observei nas entrevistas e na minha própria experiência, essas iniciativas culminam em formalidades, sem efeitos reais na materialidade da exclusão vivida pelos bolsistas e outros *gaijins*. É importante frisar que há estrangeiros — especialmente aqueles que se colocam em posição de autoridade — argumentando, em jornais de renome nacional e canais de ampla audiência, que a discriminação histórica que ocorre no Japão seria um *direito* do povo japonês. De forma que os *estrangeiros* não entendem a cultura local — mas *eles*, sim, a compreenderiam. Um desses autores chegou a afirmar que não possui qualquer sentimento negativo em relação a determinado povo, pois, segundo ele, “fala a língua” — embora, em sua biografia no jornal *The Japan Times*, conste de que “sabe falar a língua da América Latina”, sem atentar-se ao fato de que a América Latina é uma região composta por uma multiplicidade de línguas.

Não obstante, nesta extensa contextualização¹³², atravessamos conceitos, categorias e ambivalências que constituem a identidade japonesa e moldam o olhar sobre aqueles considerados *de fora*. Os efeitos de ser categorizado como *gaijin* não se restringem a teoria: estão nas pequenas interações, nos rituais habituais, nos silêncios e nas portas que se abrem — nas muitas outras que se fecham e nas que são meramente ilustrativas. Parte, como retribuição àqueles que se disponibilizaram a conceder entrevistas, e parte como uma necessidade de explicitar uma experiência concreta – sentida no corpo, martelada pelo cotidiano e repetida nas relações diárias –, compartilho agora a minha própria trajetória como bolsista. Meu percurso foi um *patchwork* de contrastes profundos: tufões e desertos, cumes eufóricos e abismos tortuosos. É nesse terreno, entre o céu e o precipício, que o esqueleto da teoria ganha carne.

Speech in Japan, TIME, disponível em: <<https://time.com/6210117/hate-speech-social-media-zainichi-japan/>>. acesso em: 17 jun. 2025; **Milestone or Minor Progress?**

¹³² O documentário *Being Japanese* (日本人とは), de 2021, do diretor e *YouTube influencer* Greg Lam, é um trabalho interessante. Nele, Lam viaja pelo Japão, de norte a sul, entrevistando diferentes pessoas japonesas enquanto reflete sobre a identidade japonesa e o que é ser japonês. Tenho a pretensão de analisar este documentário com mais profundidade em um futuro artigo. **Being Japanese** (日本人とは), [s.l.]: Life Where Im From Films Inc, 2021.

CAPÍTULO 05 • MINHA EXPERIÊNCIA

Minha experiência, como disse anteriormente, foi ambivalente. Recheada de picos altos e vales profundos. Irei descrevê-la da forma mais concisa que sou capaz no presente momento, apontando alguns dos desafios e dificuldades que marcaram épocas de sofrimento, bem como experiências positivas e enriquecedoras pelas quais sou eternamente grata. Começarei por onde paramos.

O dia em que cheguei a Tóquio houve um tufão¹³³. Cheguei no final da manhã e o sol brilhava. No aeroporto, Sakai-san, o representante da 文化外国語専門学校¹³⁴ (*Bunka Gaikokugo Senmon Gakkou, Bunka Institute of Language*), me aguardava na área de desembarque. Era um senhor de meia-idade, que falava inglês razoavelmente, e pediu que me despedisse de meus colegas bolsistas brasileiros de outros programas para que pudéssemos nos dirigir ao dormitório. Fui a única a chegar naquele horário. Depois soube que os outros bolsistas ou já haviam chegado ou estariam chegando no dia seguinte. Pegamos uma pequena van, que parecia uma caixinha de tão quadrada, até o meu dormitório. A pedido de meus pais, fiquei em um alojamento destinado apenas para mulheres, no distrito de Shibuya, em Hatsudai¹³⁵. Eu fui a única bolsista do MEXT a me instalar lá.

Ao chegarmos, Sakai-san parou a van perto da única árvore em frente à porta do dormitório. Um casal de idosos veio nos receber. Sakai-san me orientou a tratá-los como お父さん (*otou-san*, pai, na linguagem honorífica¹³⁶) e お母さん (*okaa-san*, mãe, na linguagem honorífica) durante a minha estadia no dormitório. Ele se despediu de mim, dizendo que voltaria outro dia para me ajudar com as documentações antes do início das aulas na semana seguinte. O casal me ajudou a levar as malas até meu quarto, localizado no sexto andar do prédio. O edifício parecia uma caixa de sete andares — contando com o térreo — rodeada por uma grade. Podia-se ouvir os barulhos do silêncio da metrópole, de tão quieto que era o local.

¹³³ 台風 (*taifuu*, tufão) “.... [é] uma tempestade deve atingir velocidades de vento de pelo menos 119 km/h”. **Tufão, furacão, ciclone: qual é a diferença?**, National Geographic, disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/tufao-furacao-ciclone-qual-e-diferenca>>. acesso em: 28 abr. 2025.

¹³⁴ Daqui em diante, será referida como “Bunka”.

¹³⁵ A página do dormitório. Na minha época, era destinado apenas para mulheres. **STUDENT HOUSES | EN/BUNKA INSTITUTE OF LANGUAGE**, disponível em: <<https://www.bunka-bi.ac.jp/en/campuslife/>>. acesso em: 28 abr. 2025.

¹³⁶ Verificar *sonkeigo*, na Figura I.

Figura III – Dormitório da Bunka, Hatsudai



O plano arquitetônico do quarto é o mesmo do que morei. Eu mudei a escrivaninha para perto da janela, e na parede da cama para fora, havia uma saída de emergência para um balcão com escadarias retráteis que só poderiam ser usadas em casos extremos de desastres ou emergências. **Fonte:** STUDENT HOUSES | EN/BUNKA INSTITUTE OF LANGUAGE

Minha primeira impressão foi de que eu havia chegado ao dormitório antes das outras alunas. O casal me deixou sozinha, e comecei a organizar a minha moradia para o próximo ano. Meu quarto era espaçoso, com cerca de 11 *tatami* (畳, *jyou*) ou aproximadamente 18 m², que contava com a cozinha privativa e o banheiro. Este continha uma privada, pia e uma mini banheira — um pouco maior que a privada — num espaço quadrado. Da janela, via-se uma vista agradável para fora do prédio, e o ambiente era bem silencioso. Era tão longe de qualquer espaço verde que passei um ano pensando que não havia inseto sequer em Tóquio.

Pela tarde, o casal me chamou à portaria. Nenhum dos dois falava inglês, então nossa comunicação se baseou em mímica e meus primários conhecimentos de japonês, adquiridos em meses de Kumon — que, em outra oportunidade, será alvo de críticas pesadas quanto à sua

metodologia. Eles haviam pedido a uma aluna chinesa do departamento de Moda da Bunka¹³⁷, que falava inglês, para me ajudar a fazer as compras urgentes nesse primeiro dia e para me explicar como chegar nos lugares. A aluna, com quem não mantive contato após esses dias iniciais, mostrou-me a loja de conveniência logo ao lado do dormitório, descendo a rua. Havia um orelhão entre os dois prédios — onde poderia ligar para meus pais avisando da minha chegada. Ela me guiou pelas ruas estreitas até uma loja de 100 ienes (na época, 105 ienes com imposto), comprei uma faca que me serviu durante todos esses cinco anos, uma tábua de cortar de plástico, alguns talheres e um prato.

Seguimos até a estação de Hatsudai. No caminho, ela me mostrou uma casa de chá お洒落 (*oshare*, charmosa e estilosa), que gostava de frequentar. Ao chegarmos à estação, pegamos a linha de metrô Keio, e logo tive a minha primeira experiência caótica na estação de Shinjuku. Gostaria de dizer que foi algo que me lembro com clareza, mas eu estava tão desorientada com os barulhos dos alto-falantes, anúncios de lojas e multidões passando por mim, que me foquei em seguir os rápidos passos da minha guia até — o que depois fui descobrir ser — a saída norte da estação. O céu havia desabado. O dia ensolarado fora substituído por rajadas de vento e chuvas diagonais de uma estação a outra. Ainda bem que o parentesco recém-estabelecido no dormitório contribuiu, nesse primeiro momento, para a boa vontade dos “pais” do dormitório que nos emprestaram guarda-chuvas. Não que ajudassem muito: os pingos desciam quase na horizontal, nos deixando ensopadas de qualquer forma.

Fomos até 歌舞伎町 (*kabukichou*, o distrito de entretenimento¹³⁸ de Shinjuku) para irmos à ドン・キホーテ (*Don Quijote*), apelidada de ドンキ (*Donki*), uma loja de desconto

¹³⁷ 文化服装学院, *Bunka Fukusou Gakuin*. A primeira escola de moda do Japão e, por muitos anos, considerada a terceira melhor escola de moda do mundo.

¹³⁸ Kabukichou é o famoso *Red-Light District* de Shinjuku, conhecido pela enorme quantidade de bares e entretenimentos destinados ao público adulto. Um pouco antes de minha chegada, teve início uma tentativa de gentrificação da área, a fim de torná-la mais segura e reduzir a influência dos grupos de ヤクザ (*Yakuza*), ou máfias. A iniciativa foi nomeada de 「歌舞伎町ルネッサンス」 (*Kabukichou Runessansu*, Renascença de Kabukichou) e — ainda está em andamento — tem como pilares: 1) Projeto de Limpeza, que visa tanto a limpeza física quanto a “limpeza” de criminosos e drogas sintéticas do distrito; 2) Projeto de Revitalização, cujo objetivo é criar uma *nova* área de cultura e entretenimento; e, 3) Projeto de Desenvolvimento Urbano, focado em melhorias na infraestrutura local.

Para ler mais sobre o projeto: 歌舞伎町ルネッサンスとは, 新宿区, disponível em: <https://www.city.shinjuku.lg.jp/kusei/tokumei01_001037.html>. acesso em: 29 abr. 2025.

das mais variadas coisas — de vegetais a eletrônicos e deus-lá-sabe-o-quê. Comprei uma panela e uma frigideira, e voltamos ao dormitório. Na loja de conveniência ao lado, comprei macarrão, pão de forma e óleo para o meu jantar. Passei o resto da noite pensando como seria a minha vida ali, me questionando se havia feito a escolha certa. No dia seguinte, liguei para os meus pais pelo orelhão. Eles estavam preocupados, pois haviam ouvido sobre um tufão em Tóquio e, como eu não havia dado notícias, não sabiam se estava bem. Foi assim que descobri que a tempestade enfrentada era apenas uma das muitas turbulências que vivenciaria. Depois desse dia, os tufões no Japão não me assustaram mais.

Alguns dias depois, Sakai-san retornou e me levou, junto com um bolsista da Espanha — que também não estava hospedado em dormitório junto com os demais —, para resolvermos nossas documentações. Nesse primeiro momento, as burocracias do sistema japonês não me chamaram a atenção. Sakai-san resolveu tudo por nós, e apenas assinamos onde ele nos indicava. Muito diligente, ele também nos ajudou a escolher como escrever nossos nomes em japonês (utilizando os silabários *hiragana* e *katakana*), forma pela qual deveríamos assinar aqui em diante. Em pouco tempo, saímos do 区役所 (*kuyakusho*, conselho regional) com nossas carteirinhas de 外国人登録¹³⁹ (*gaikokujin touroku*, o equivalente ao Registro Nacional de Estrangeiros - RNE) e de 国民健康保険¹⁴⁰ (*kokumin kenkou hoken*, Seguro Nacional de Saúde). Só voltei a ver o Sakai-san e o bolsista quase uma semana depois, nas aulas de alfabetização na Bunka.

E, para uma descrição aprofundada sobre a história do distrito e a iniciativa: 歌舞伎町ルネッサンス, DISCOVERY KABUKICHO ～ 歌舞伎町情報発信サイト ～, disponível em: <https://www.d-kabukicho.com/kabukicho_renaissance/>. acesso em: 29 abr. 2025.

De acordo com os relatos dos entrevistados, nos últimos anos — especialmente pós-pandemia — Kabukichou tem se tornado refúgio para jovens em situação de vulnerabilidade propensos à prostituição, ao uso de drogas e a diversos tipos de abusos. Apelidados de 「トー横キッズ」 (*To-yoko Kids*), são adolescentes que se reúnem nos arredores do prédio 新宿東宝ビル (*Shinjuku Touhou Biru*, *Shinjuku Toho Building*). A abreviação *To-yoko* pode ser escrita como 東横 (*touyoko*), significando literalmente “ao lado do prédio Toho”. O edifício é conhecido pela enorme cabeça do personagem Godzilla instalada no terraço, visível já na entrada do distrito. Curiosamente, a construção do Shinjuku Toho está intimamente ligada à iniciativa da Renascença de Kabukichou. Contraditoriamente, acabou se tornando um símbolo das dificuldades sociais que essa mesma iniciativa tem enfrentado. Retomarei brevemente a discussão sobre os *To-yoko Kids* no Capítulo 06.

¹³⁹ Alien Registration Card, em inglês.

¹⁴⁰ Esse serviço foi descontinuado em 2024, como parte do esforço de unificação com o sistema de identificação digital マイナンバーカード (*My Number Card*). 国民健康保険制度, disponível em: <https://www.mhlw.go.jp/stf/seisakunitsuite/bunya/kenkou_iryuu/iryuukenkou/koukikourei/index_00002.html>. acesso em: 29 abr. 2025.

A amizade que construí com quatro outros bolsistas, incluindo o espanhol mencionado, se mantém até os dias de hoje. Nós cinco fomos alocados a 八組 (*hachi kumi*, 8ª turma), a turma mais básica — éramos da ralé da escola. Nossa turma abrigava outros alunos não-bolsistas, majoritariamente chineses e taiwaneses. Foi lá que conheci uma amiga muito querida. Infelizmente, devido às restrições com o exterior impostas pela China, temos enfrentado cortes em nosso contato. Essa amizade me é muito especial, pois, à época, não sabíamos a língua uma da outra. Nosso vínculo foi se estreitando aos poucos, à medida que aprendíamos a nos comunicar em japonês. Foi como uma nova oportunidade de criar amigos de “infância”. Éramos adultos falando como crianças.

Em geral, meu período na Bunka foi muito bom, apesar da minha dificuldade pessoal em aprender línguas. A metodologia de ensino linguístico da Bunka é extraordinária. A escola produz seus próprios materiais didáticos, e os professores se comunicam com os alunos exclusivamente em japonês — mesmo com os iniciantes. Aprendíamos como bebês, engatinhando em nossa jornada linguística. O método funciona tão bem que fui do zero até alcançar um nível de competência literacia equivalente ao de um estudante de ensino médio japonês em apenas um ano. Surpreendeu-me, ao voltar ao Brasil, que nem as escolas de idiomas nem o Governo japonês divulguem a metodologia e os materiais didáticos da Bunka. Não foi apenas o ensino que se destacou, a Bunka se propunha a nos inserir na *cultura* japonesa. Nossa professora nos apresentava diariamente curtos vídeos de notícia sobre o que estava acontecendo no país e nos fazia debater entre nós, utilizando o vocabulário e a gramática que possuíamos até aquele momento. Isso rendeu muitas gafes e comentários, lembrados até hoje.

Figura IV – *Hanami* com os bolsistas veteranos



Fonte: Acervo pessoal, fotografia, 2012.

Também fizemos viagens guiadas pela escola. Fomos a 長野 (*Nagano*), visitamos 温泉 (*onsen*, banhos termais) e conhecemos a *Tokyo Disneyland*. Participamos dos festivais culturais em conjunto com a escola de moda, celebramos o 花見 (*hanami*, contemplação das flores de cerejeira) com bolsistas que haviam chegado em anos anteriores, cantamos em karaokês e passamos noites aprendendo a cozinhar, muitas vezes falhando miseravelmente, e assistindo filmes japoneses na casa do espanhol — que não morava no dormitório e podia receber visitas. Foi um ano cheio de aventuras. Eu ainda me recuperava de uma crise alérgica forte e, por isso, minha alimentação estava bastante restrita. Isso, no entanto, não me impediu de sair com meus novos amigos. O que, de fato, me impedia de ir a baladas ou festas noturnas foi a minha idade.

Apesar de já ter atingido a maioridade no Brasil, naquela época o Japão considerava vinte anos como a idade apropriada para o início da fase adulta. Esse início da vida adulta no Japão é marcado pela celebração do 成人の日 (*Seijin no Hi*, literalmente “Dia da Maioridade”). Atualmente, a celebração tem como significado 「成人の仲間入りを祝う日」 (*seijin no nakamairi wo iwau hi*) ou seja, “o dia para celebrar a entrada [dos jovens] no grupo dos adultos”. Mas, quando o ritual moderno foi instituído, em 1948, seu mote era: 「大人になったことを自覚し、自ら生き抜こうとする青年を祝い励ます」 (*otona ni nattakoto wo jikakushi*,

mizukara ikinukou to suru seinen wo iwai hagemasu), que pode ser traduzido como “celebrar e encorajar os jovens que tomam consciência de terem se tornado adultos e que buscam viver por si próprios”. Tratava-se de uma maneira de incentivá-los — e, de empurrá-los — a assumir responsabilidade e a participar ativamente da sociedade. Afinal, era um ritual instituído no contexto pós-guerra, quando o país necessitava de recursos humanos.

O ritual de passagem é tradicionalmente celebrado na segunda segunda-feira de janeiro, em centros comunitários locais, sendo aberto ao público residente de cada distrito. Em algumas cidades do interior, é comum realizar uma cerimônia alternativa em agosto, para aqueles jovens que moram nas cidades grandes e retornam temporariamente às cidades natais durante as férias. No evento, os jovens participantes se vestem com suas melhores roupas, muitos em *kimono* de mangas longas — remetendo às tradições mais antigas¹⁴¹. No ano em que me completei vinte anos de idade, morava em 生田 (*Ikuta*), em 多摩区 (*Tama ku*, distrito de *Tama*) em Kanagawa, e recebi o convite para participar do evento local. Acabei não participando, pois nem dos meus amigos, nem meu ex-namorado quiseram me acompanhar. Na época, eu não sabia o que era ser *realmente* independente.

Em 2022, o Japão reduziu oficialmente a idade legal da maioridade de vinte para dezoito anos. Contudo, muitas municipalidades não aderiram imediatamente às celebrações para os recém-dezoito. Na cidade de Tóquio, os vinte e três municípios especiais — conhecidos formalmente como 東京都区部 (*Toukyou tokubu*), também chamados de 旧東京市 (*kyuu Toukyou shi*, antiga cidade de Tóquio), 23 区 (*ni jyu san ku*, 23 distritos) ou, de forma mais usual, 特別区 (*tokubetsu ku*, municípios especiais) — optaram por realizar a cerimônia para aqueles que completaram dezoito anos. Como, no geral, a decisão sobre a idade para a celebração ficou a critério dos governos municipais, alguns optaram por manter a comemoração para os jovens que completam vinte anos, havendo, inclusive, discussões sobre uma possível mudança no nome da data para refletir melhor essa nova realidade.

Com a mudança na idade legal, outros aspectos da vida civil também foram alterados: a partir dos dezoito anos, os jovens não precisam mais dos guardiões para alugar uma residência e nem para assinar contratos de telefones; também, podem solicitar passaportes com duração

¹⁴¹ 「成人の日」とは？意味や由来、振袖に込められた願い, ワゴコロ, disponível em: <<https://wa-gokoro.jp/event/annual-events/812/>>. acesso em: 22 maio 2025.

de dez anos; ser selecionados como membros de júri; aplicar para empréstimos; e, realizar procedimentos de mudança de sexo. Além disso, houve o aumento da idade mínima de casamento dos dezesesseis aos dezoito anos. Por outro lado, consumir bebidas alcoólicas, fumar e participar de jogos de aposta continuam permitidos apenas para maiores de vinte anos¹⁴².

Pela lógica vigente da época, ainda me faltavam dois anos — o que me colocava em uma situação de dependência. Fui, por exemplo, forçada a pedir que uma bolsista da Letônia assinasse o contrato do meu telefone celular por mim. Essa dependência de outros, por conta da idade, me trouxe muitos problemas. Eu não conseguia alugar casa, assinar contratos de água e energia, trocar de celular, entre outros. E, de certa forma, não podia ficar à mercê da boa vontade de jovens que haviam acabado de chegar ao Japão — sem contar que a minha veterana direta (outra bolsista brasileira) também não era maior de idade lá, e, portanto, não conseguiria ajudar a caloura nessa função — como a hierarquia japonesa propõe. Essa situação criou um ambiente propício a relações não saudáveis.

Em meio a festivais de primavera, comecei um relacionamento com outro bolsista, três anos mais velho, vindo da Polônia. O começo foi bem legal, como muitos relacionamentos são. Ele conhecia mais da cultura popular japonesa e me apresentou a referências de jogos e animes que eu provavelmente não teria conhecido sozinha. Por outro lado, durante os quatro anos e onze meses de relacionamento, o *legal* decaiu ao *abusivo*. Na minha juventude, inexperiente com relacionamentos longos, pensava que o que estava vivendo era normal. O orgulho juvenil de não querer admitir a falta de experiência e, por consequência, de questionar o que estava acontecendo, me colocou em uma posição de submissão, vulnerável a abusos verbais, emocionais e sexuais, cujas marcas me acompanham até hoje.

A outra opção, como eu via naquele momento, era seguir os passos do meu veterano bielorrusso. Ele era alguns anos mais velho que eu e, até hoje, julgo ser uma das pessoas mais inteligentes — academicamente falando — que já conheci. No ano dele, os bolsistas estavam acima da média, mesmo para os padrões do MEXT. Dois fatores culminaram nesse acontecimento: primeiro, a linha de corte da seleção do MEXT foi particularmente alta; segundo, aconteceu o incidente de Fukushima, o que provavelmente reduziu ainda mais o número de aprovados dispostos a ir. D., o veterano bielorrusso, foi um dos selecionados que seguiram com

¹⁴² 2022 年に変わる“大人の定義” 成人式は 18 歳？ 20 歳のまま？ (2022 年 1 月 4 日), [s.l.: s.n.], 2022; 成人年齢引き下げで“変わること、変わらないこと”(2022 年 1 月 10 日), [s.l.: s.n.], 2022.

a ida ao Japão. Ele ajudava todos sempre que podia. Quando minha bisavó faleceu, no final de abril do meu primeiro ano, ele saiu da escola técnica onde estudava e foi até a Bunka para me consolar. D. era uma pessoa gentil e bondosa, uma alma doce que projetava o oposto com sua aparência de delinquente e sobrelha cortada. Perdi a conta de quantas tardes passei na casa dele jogando *Tekken* e vendo filmes japoneses de ヤンキー (*yankee*, delinquente).

O caso dele foi o mais extremo que tive ciência durante o tempo que estive lá — por sorte. Apesar de ser um doce, D. tinha dificuldades em fazer amizades com japoneses, o que levava a ficar muito tempo sozinho. Após a minha mudança do dormitório da Bunka e, por consequência, da escola, o percurso até a casa dele passou a levar mais de três horas só de ida. Somados aos compromissos da escola técnica e aos perrengues que eu enfrentava, acabei não passando o tempo que gostaria com ele. D. entrou em uma severa depressão. Não saía mais de casa e, após muitas faltas, foi jubulado da escola. Como consequência, perdeu a bolsa e foi deportado. Isso não considerando que ele morava em uma 事故物件 (*jiko bukken*, imóvel estigmatizado).

Jiko bukken, ou 心理的瑕疵物件 (*shinriteki kashi bukken*, imóvel com estigma psicológico), são propriedades onde ocorreu algum acidente ou morte. Geralmente, apenas pelas aparências, não é possível identificar que são imóveis estigmatizados, pois são reformados até ficarem como eram antes do incidente. De acordo com a legislação japonesa, somente nos casos de suicídio e assassinato as imobiliárias são obrigadas a informar os possíveis inquilinos sobre o histórico da residência — muitas vezes encontram alguém para morar no local por um mês para não terem que informar sobre a situação da casa ao inquilino seguinte. Essas empresas se aproveitam dos incrédulos e dos estrangeiros para *limpar* a casa das energias negativas ou espíritos, ao passo que os inquilinos se beneficiam dos aluguéis baratos e bem localizados.

Tenho um amigo que viveu por quase uma década em vários *jiko bukken*, se mudando após o período de limpeza terminasse, e ele não sentiu nenhum efeito psicológico que pudesse ter sido provocado por esses históricos. Porém, de acordo com a tradição local, esses lugares contêm uma energia negativa que *poderá ser* transferida ao inquilino¹⁴³ — o que, talvez, tenha

¹⁴³ Apesar dessa crença, a cultura de casas assombradas é famosa e popular no Japão. Além da filmografia digna de Shirley Jackson, a fascinação por casas estigmatizadas é forte o suficiente ao ponto de ter um *site* onde é disponibilizado locais em que ocorreram incidentes e a explicitam a causa dos mesmos. 大島てる 大島てる物件公示サイト, 大島てる 大島てる物件公示サイト, disponível em: <<https://www.oshimaland.co.jp>>. acesso em: 2 maio 2025; TOYODA Masaaki, 事

sido o caso de D.. Lamentavelmente, não consegui manter contato com ele após seu retorno. Mas a impressão que ficou foi a de que eu não queria passar pelo mesmo que ele — e fiz o que pude para evitar esse fim. Hoje, percebo que enxerguei no meu *senpai*, um reflexo do que poderia me tornar. Seguramente, devido ao ambiente em que estava inserida, com muita facilidade poderia ter seguido seus passos.

A 日本工学院八王子専門学校¹⁴⁴ (*Nihon Kougakuin Hachioji Senmon Gakkou*, *Nihon Kogakuin College of Hachioji*) foi a escola técnica escolhida pelo MEXT para meus estudos em audiovisual, ou *Broadcast and Film* (título do meu curso à época¹⁴⁵). O campus ficava no topo de uma montanha na cidade de Hachioji e era compartilhado com a 工学院大学 (*Kougakuin Daigaku*, *Kogakuin University*). Era enorme — o equivalente a uma *Tokyo Disneyland*. Tínhamos à nossa disposição estúdios de filmagem de médio porte, câmeras de ponta, computadores novos para edição de vídeo e áudio, uma carpintaria — tudo o que poderíamos precisar para realizar nossos trabalhos. O curso era dividido em três partes: passávamos o primeiro semestre transitando entre os diversos setores da produção audiovisual (câmera, áudio, cenário, luz, edição, produção); no semestre seguinte, escolhíamos um dos grupos de setores para nos aprofundarmos; e, por fim, passávamos o último ano nos especializando na área escolhida.

Minha primeira semana em Hachioji foi desapontadora. Cheguei bastante animada para estudar audiovisual — era meu sonho. Estava pronta para aprender as técnicas de 特撮 (*tokusatsu*, efeitos especiais) que via nos filmes de monstros gigantes. Esperava aprender a construir *sets* em miniatura, técnicas de ilusão de ótica e efeitos especiais práticos, como escrevi na redação enviada ao MEXT. Em vez disso, deparei-me com uma turma de alunos que estavam lá interessados em aprender a produzir os バラエティ番組 (*baraeti bangumi*, programas de variedade).

故物件に関わる諸問題, *Journal of Humanities and Natural Sciences*, Tokyo Keizai University, v. 35, 2014.

¹⁴⁴ 日本工学院八王子専門学校 | 多彩な業界めざせる日本工学院 八王子キャンパス, disponível em: <<https://www.neec.ac.jp/hachioji/>>. acesso em: 2 maio 2025.

¹⁴⁵ 「放送・映画科」 (*housou eiga ka*, “departamento de transmissão/cinema”, literalmente). Hoje, o título do curso mudou para 「放送芸術科」 (*housou geijyutsuka*, “departamento de artes de transmissão”, literalmente).

Estes *shows* surgiram durante o período da バブル (Bolha).¹⁴⁶, como resposta à banalização dos noticiários. Naquele momento, o Japão era visto como a terra do futuro — próspera, excessiva, voltada ao consumo e à fartura. Ninguém queria assistir a noticiários repletos de notícias deprimentes sobre guerras, assaltos e mortes. Para atrair a atenção do público, os noticiários começaram a fazer uso de artifícios visuais e sonoros, como textos em cores *neon*, sons engraçados e imagens ilustrativas durante as reportagens. Com o tempo, esses artifícios deixaram de ser suficientes. Então, para manter a atenção do público, os canais de televisão começaram a produzir blocos como “As 10 melhores padarias de Tóquio”. Esses quadros temáticos fizeram sucesso e, gradualmente, foram ficando mais longos. Tão longos, que acabaram ocupando o *prime time* — horário nobre com maior audiência —, deixando de ser apenas inserções para se tornarem grande parte da grade da televisão japonesa.



Figura V – Cenas dos trinta segundos iniciais

¹⁴⁶ Vide nota 109, p. 46.

Cenas dos trinta segundos iniciais de 有吉ゼミ (*Ariyoshi Semi[nar]*), programa de variedade da 日本テレビ (*Nippon Television*). Programa de alta audiência, transmitido às segundas-feiras no horário nobre das 19h. Este foi o do dia 25 de agosto de 2025, segue lutadores de 相撲 (*sumô*) preparando seus alimentos antes de um campeonato. **Fonte:** Cenas do programa. “グルメすぎる相撲部屋!伝説のちゃんこ長&おかわり連発で大ピンチ!? 題”, 2025

Para que não pareça que não houve esforço interpessoal da minha parte, contarei um caso. No meu primeiro dia de aula, arrumei meu cabelo, vesti-me com antecedência e saí de casa uma hora mais cedo do horário necessário, para chegar à escola a tempo sem qualquer atraso. Estava animada. Foram quase duas horas entre trens e ônibus até a escola. Ao chegar, fui diretamente à secretaria de alunos estrangeiros para confirmar a documentação e o local da aula. Localizei a sala, escolhi um lugar na fileira da frente, organizei meu estojo e caderno novo sobre a mesa, pronta para me apresentar aos colegas. Até então, não havia tido contato frequente com japoneses próximos à minha idade e estava empolgada com a possibilidade de criar novas amizades. A primeira pessoa que chegou foi uma menina. Apresentei-me conforme aprendemos na Bunka. Acredito que ela tenha estranhado meu sotaque e, talvez, meu rosto — claramente não era japonesa. Tentei puxar assunto, perguntei o que ela gostava de assistir. O diálogo foi tão chocante que me lembro *verbatim*:

Tabela I – Diálogo com colegas de sala

(Eu): どんな映画が好きですか? <i>Donna eiga ga suki desu ka?</i> (Que tipo de filme você gosta de assistir?)	Pergunta educada, utilizando a forma polida destinada a pessoas da mesma hierarquia.
(Aluna): 映画は見ない。 <i>Eiga ha minai.</i> (Não assisto filmes.)	Resposta no formato linguístico casual. Sem requerer o conhecimento prévio da hierarquia social a partir da idade. O は (<i>ha</i>) aqui é a partícula de marcação de tópico/sujeito descrita na página 7, se pronuncia como “ <i>wa</i> ”.
(Eu): じゃ、どんなドラマが好きですか? <i>Jya, donna dorama ga suki desu ka?</i> (E então, que tipo de série/seriado você gosta?)	O uso de “ <i>jya</i> ” no começo da frase aqui, é usado no contexto <i>sobre</i> uma situação ou condição ¹⁴⁷ . No caso: “[você não assiste filmes] <i>logo/jya</i> ...”. Optei por traduzir como “e então”.
(Aluna): ドラマも見ない。 <i>Dorama mo minai.</i> (Não assisto séries.)	A resposta segue no formato anterior, sem a adaptação a regras sociais.

¹⁴⁷ LOCKSLEYU, Japanese Particle combination では (de *wa*) and じゃ (*ja*).

(Eu): アニメは見ますか？ <i>Anime ha mimasuka?</i> (Você assiste a animes?)	
(Aluna): アニメ見ない。 <i>Anime minai.</i> (Não vejo animes.)	Idem.
(Eu): えっと...どうしてここに勉強しに来ましたか？ <i>Etto... doushite koko ni benkyou shi ni kimashita ka?</i> (Hum... Por que você veio estudar aqui?)	“Etto” é uma interjeição usada em momentos constrangedores, ou como um espaço de tempo para pensar.
(Aluna): バラエティ番組で働きたいから。 <i>Baraeti bangumi de hatarakitai kara.</i> (Porque quero trabalhar com programas de variedade.)	
(Eu): あ、そうなんですか。 <i>A, sou nan desu ka.</i> (Ah, entendi.)	Em realidade, “ <i>sou nan desu ka</i> ” está em formato de uma pergunta — equivalente ao “ <i>is that so?</i> ”, do inglês. Mas em português, não encontrei um paralelo que encaixaria aqui. De forma que traduzi como “ <i>entendi</i> ”.
(Aluna): (silêncio)	O silêncio aqui indica o corte na conversa.

Fonte: Elaborada pela autora (2025)

Ela cortou o assunto, e então esperei o próximo colega chegar. Uma variação do mesmo diálogo continuou com os cinco colegas seguintes, até que desisti. Comecei a pensar que eu não estava expressando bem ou que havia alguma coisa errada que não conseguia compreender. Em seguida, os professores chegaram e se apresentaram, precisei me esforçar para acompanhar suas falas. Como a única estrangeira da sala, também fui apresentada a todos os colegas e aos docentes. Pedi que falassem um pouco mais devagar comigo, pois tinha começado a aprender japonês no ano anterior. Felizmente, ao longo do dia, tive a oportunidade de conversar sobre cinema com um aluno um pouco mais novo que eu. Apesar de ser a mais nova do meu grupo de bolsistas, os alunos de escola técnica geralmente ingressam logo depois do ensino médio, como alternativa à universidade. Havia também alunos mais velhos que decidiram mudar de carreira; na minha classe havia dois desses, o restante era composto por recém-graduados do ensino médio. D.K., o amante de cinema, tornou-se meu único amigo no curso. Só que isso durou apenas alguns meses. Uma amizade entre homem e mulher, ao menos entre aqueles que frequentavam a escola, não era bem-vista. D.K. passou a ser alvo de *bullying* por ser meu amigo e por almoçarmos juntos. Aproveitando a escolha dos grupos de setor, ele acabou se

distanciando de mim. Assim começou a época mais solitária do meu tempo no Japão: ninguém me dirigia a palavra e tampouco respondia quando eu tentava conversar.

Tentei fazer outras amizades na escola, mas em vão. Entrei em dois サークル (*saakuru*, *circle*, clubes de atividades): o de シミュレーション (simulação) e o de artes. Me alistei no clube de simulação assim que ele abriu inscrições para novos membros. Jogávamos jogos de tabuleiro após as aulas, duas vezes por semana. Foi bem divertido enquanto durou, mas não consegui ficar muito tempo. Percebi que os outros membros se sentiam muito incomodados com a minha presença — afinal, era mulher e, ainda por cima, *estrangeira*. Eles eram o que, no Japão, chamam de オタク (*otaku*) e, como o estereótipo dita, eram pessoas com dificuldades para se comunicar com pessoas do *gênero oposto*. Nesse caso, era evidente que não gostavam da minha participação nas atividades do clube. Fosse pela agressividade na fala de alguns membros, fosse pela ausência de outros quando eu estava presente. Apenas um deles foi gentil comigo o tempo inteiro e ele teve paciência para explicar as regras dos jogos usando um japonês mais acessível. Já no clube de artes, tive mais sorte. O pessoal de artes me acolheu, tanto os professores e assistentes quanto os alunos. Foi uma pena eu só ter ingressado no segundo ano, mas foi justamente por conta desse grupo que continuei meus estudos na universidade. Falarei disso mais para frente.

Houve três incidentes dos quais me lembro durante o tempo na Kougakuin. O primeiro ocorreu na aula introdutória de edição de áudio. A professora responsável por esse setor era a única mulher do departamento de audiovisual. Estávamos passando por esta fase inicial de familiarização com os setores de produção, e éramos divididos em pequenas turmas compostas por uns dez alunos. Ao chegarmos à sala de áudio, a professora pediu para que nós sentássemos e pegássemos os *laptops*, a fim de darmos início à aula. Seguindo a instrução, escolhi um assento disponível, peguei o *laptop*, retirei-o da caixa e o liguei, estava pronta para receber as próximas instruções. Ao invés de instruções, fui surpreendida por um grito e uma bronca da professora, que me repreendeu por ter ligado o computador sem sua autorização — exigindo que eu o desligasse e o guardasse. Não entendi o que havia feito de errado e me surpreendeu o fato de ter sido repreendida com tanta grosseria, em voz alta e diante dos colegas, simplesmente por ter ligado o *laptop* como preparo para o começo da aula. Após guardar o computador, fomos instruídos a retirá-lo da caixa e posicioná-lo sobre a mesa. A professora passou os próximos

trinta minutos dando instruções de como ligar o computador. Esse incidente me fez repensar a minha escolha principal de me especializar em edição de áudio, optando por iluminação.

Ao comentar o caso com colegas do trabalho e amigos de meus veteranos — incluindo japoneses —, eles consideraram a atitude da professora inesperada e desproporcional. A passagem do tempo me permitiu olhar para esse incidente com outra lente. Sigo, no entanto, concordando com o comentário da desproporcionalidade. As questões de gênero no Japão seguem sendo tratadas levianamente e como tabu por parte da sociedade geral. A professora era uma pessoa de idade *mais avançada*, além de ser a *única* mulher do departamento naquele momento. É de amplo conhecimento que, após o casamento, as mulheres são desencorajadas a seguir com suas carreiras no contexto japonês — ainda mais se tiverem filhos. Portanto, seria razoável supor que os percalços de continuar a carreira, somados à sua condição de *mulher*, tenham influenciado os modos em que essa professora opera em um departamento predominantemente masculino. Pensando assim, reforços frequentes de sua posição não seriam atípicos. O que não justifica o パワーハラ (*pawaahara*, ou パワーハラスメント, *power harassment*) que sofri.

O segundo incidente ocorreu com o chefe do departamento de *Broadcast and Film*. Especializado em iluminação, ele ofereceu a oportunidade de entregar relatórios como forma de complementar a nota de algumas disciplinas, reconhecendo a dificuldade da língua japonesa para falantes leigos. Como ninguém no departamento falava inglês, meus relatórios eram escritos em japonês, com a permissão de escrever palavras de origem inglesa em alfabeto latino. No começo, eu me esforçava ao escrevê-los. Demorava para escrever os ideogramas e silabários corretamente e verificava várias vezes o uso dos termos antes de entregar. Seguia as dicas da novela 「ドラゴン桜」¹⁴⁸ (*Dragon Zakura*, 2005), que recomendava escrever frases curtas com palavras simples ao escrever textos, minimizando possíveis erros.

Minha escrita não era suficiente para os padrões do professor. Ele exigia que eu reescrevesse cada relatório do zero, no mínimo três vezes, sob diversos pretextos: a caligrafia não estava bonita o suficiente; os traços estavam muito arredondados; o texto não seguia a forma do dicionário¹⁴⁹; as letras “i” do alfabeto latino não deveriam ter o ponto (*tittle*); entre

¹⁴⁸ ドラゴン桜 (*Dragon Zakura*), Japão: TBS (Tokyo Broadcasting System), 2005.

¹⁴⁹ Vide Figura I.

outras justificativas que variavam do ridículo ao pertinente. Nunca me esqueci de um relatório que precisei reescrever oito vezes.

Após o sétimo pedido de reescrita, cheguei chorando à aula extra de matemática — cuja presença era necessária para conseguir pontos adicionais para uma possível transferência para a universidade. Um dos veteranos da Bunka, um colombiano que estudava engenharia em outro departamento da Kougakuin, me acolheu. Eu não dormia bem havia semanas, e nada do que eu fazia parecia ser bom o suficiente para o chefe do departamento. Como ninguém falava comigo nas aulas regulares e eu encontrava apoio apenas nas aulas extras — onde via outros bolsistas poucas vezes por semana —, entrei em desespero. No curto intervalo entre o fim das aulas da escola técnica e o início das aulas extras, o acolhimento do veterano me deu forças para suportar as pressões e o isolamento. Em retrospecto, acredito que o chefe de departamento buscava me moldar aos padrões de comportamento e escrita que ele considerava ideais, a partir da perspectiva da sociedade japonesa e, especialmente, de um homem japonês. Para mim, essas exigências se traduziram em falta de reconhecimento e em práticas de *bullying*. Eu era uma jovem mulher, estrangeira e *outsider*; ele, um professor, contudo, homem e *japonês*.

No meu último ano na Kougakuin, o veterano colombiano já não estava mais no *campus*. Ele havia ingressado em uma universidade pública conceituada de engenharia em Tóquio — por meio da extensão da bolsa. Eu encontrava outros bolsistas do meu ano da Bunka nas aulas extras de programação que ocorriam uma ou duas vezes por semana. Já estava estudando integralmente no setor de iluminação. Nele, havia dois professores: um mais velho, que era gentil comigo e que compartilhava indicações de livros japoneses sobre folclore e filmes antigos nos quais havia trabalhado; e o outro, mais jovem, que idolatrava meninas de quatorze a vinte e um anos de grupos de アイドル (*aidoru*, ídolos), chegando a comprar e distribuir CDs excedentes entre os alunos do setor.

Em resumo, os *aidoru* japoneses são celebridades do mundo do entretenimento que, em geral, dançam, cantam e atuam. As companhias de agenciamento de *aidorus*, nos últimos anos, têm sofrido com muitas controvérsias nas mídias japonesas: como a acusação *post-mortem* do ジャニー 喜多川 (Johnny Kitagawa), fundador da 株式会社ジャニーズ事務所 (*Johnny & Associates, Inc.*, ou apenas ジャニーズ, *Jyani-zu, Johnny's*), de pedofilia a aliciamento de

menores¹⁵⁰ – acusações que antes eram mantidas nos bastidores como um “segredo aberto”¹⁵¹. 秋元康 (Yasushi Akimoto), produtor e criador das maiores bandas femininas de *aidorus*, incluindo a AKB48, não tem escapado de controversas. Os アイドルグループ (*aidoru group*, grupos de ídolos) que produz são compostos por meninas entre doze anos de idade até “se graduarem” por volta dos vinte e um a vinte e cinco¹⁵².

Sem entrar em mais detalhes, a maneira pela qual os fãs participam e contribuem para esses grupos são: compra de ingressos para shows por meio de loterias, compras de *merchandise* própria de cada grupo – como bastões de luz, leques ou fotos únicas de câmeras *polaroids* –, participação em 握手会 (*hakushu kai*, eventos pagos de encontros com os *aidorus*, literalmente “eventos para apertar a mão”) ou pela compra de CDs. Para grupos grandes, como o AKB48, muitas vezes as eleições relativas aos membros são realizadas pela venda de CDs¹⁵³. Por exemplo, se a *aidoru* “A” quer ganhar uma dada votação, os fãs dela têm que comprar muitos CDs de singles da “A”. No caso, meu professor fazia isso, gastava mais do que eu ganhava no mês de bolsa para comprar CDs das *aidorus* de que gostava, e doava os excedentes aos alunos.

Voltando à situação, a disciplina era prática e direta. Montávamos diferentes *setups* conforme os mais variados projetos e aprendíamos a planejar a iluminação para diversas

¹⁵⁰ ジャニーズ事務所・藤島ジュリー社長が「話したこと」と「話さなかったこと」——性加害を生んだ構造的問題（松谷創一郎） - エキスパート, Yahoo!ニュース, disponível em: <<https://news.yahoo.co.jp/expert/articles/c87e9d7cf3434cc9286b297b481c839b5dde2fbc>>. acesso em: 29 ago. 2025; ジャニーズ事務所のメディアコントロール手法「沈黙の螺旋」は破られるのか：朝日新聞 GLOBE+, 朝日新聞 GLOBE+, disponível em: <<https://globe.asahi.com/article/14867336>>. acesso em: 29 ago. 2025; ジャニー喜多川氏「性加害問題」の課題——「救済と保護の両立」議論を阻むメディアの“呪い”（松谷創一郎） - エキスパート, Yahoo!ニュース, disponível em: <<https://news.yahoo.co.jp/expert/articles/69f6d90b314e00fe722086705f22d76f0e0f3164>>. acesso em: 29 ago. 2025; ジャニー喜多川氏の性加害問題でジャニーズ事務所社長が謝罪 加害は「知らなかった」：朝日新聞 GLOBE+, 朝日新聞 GLOBE+, disponível em: <<https://globe.asahi.com/article/14908175>>. acesso em: 29 ago. 2025; 故ジャニー喜多川による性加害問題について当社の見解と対応 | ジャニーズ事務所 | Johnny & Associates, disponível em: <<https://web.archive.org/web/20230514125352/https://www.johnny-associates.co.jp/news/info-700/>>. acesso em: 29 ago. 2025.

¹⁵¹ Documentário BBC | Predador: o escândalo secreto do pop japonês, [s.l.: s.n.], 2023.

¹⁵² Recentemente, houve *aidorus* que chegaram até os trinta sem se “graduar”.

¹⁵³ AKB48 Popularity “Fanned” by its General Election, nippon.com, disponível em: <<https://www.nippon.com/en/column/g00203/akb48-popularity-fanned-by-its-general-election.html>>. acesso em: 29 ago. 2025.

ocasiões — desde os programas de variedades até filmagens ao ar livre. Como as tarefas eram objetivas, eu não demorava para realizá-las e ficava aguardando as próximas instruções. No entanto, muitas vezes, não havia outras atividades planejadas para aquele dia. Minha agilidade e foco eram malvistas pelos colegas que levavam o dia inteiro para realizar tarefas de trinta minutos. O professor mais velho, atento à minha capacidade, me permitia desmontar e montar refletores ou organizar o depósito de iluminação — que, a meu ver, era um ambiente imundo, povoado com poeiras e insetos que haviam desenvolvido estruturas de parentesco complexas. Já o professor mais novo me repreendia por terminar em pouco tempo as tarefas que me eram atribuídas.

Cansada das repressões do professor mais jovem, do silêncio dos colegas diante das minhas tentativas de interação e da indiferença com que fui tratada nos trabalhos em grupo, tive um momento de explosão ao final do segundo ano. Tranquei todos os colegas do setor no depósito de iluminação e vomitei tudo o que precisava dizer: sobre a indiferença, o silêncio, as repressões pela incompetência deles. Tudo. Reconheço que não foi a melhor forma de lidar com a situação, mas eu já não aguentava mais os *japoneses*, o 日本人論 (*Nihonjinron*), as noites sem dormir, as reescritas intermináveis, o país em que estava e tudo que ele implicava. Após esse grito, os colegas passaram a falar comigo, mas já faltavam poucos meses para a formatura.

Tenho lacunas na minha memória desses anos na Kougakuin. Sou capaz de lembrar *flashes* de determinados acontecimentos, mas, no geral, há um grande vazio. Recordo que comecei a trabalhar no período da noite em um カラオケ館 (*Karaoke Kan*, uma cadeia de locais de karaokês), no distrito de Yoyogi, durante os fins de semana. Também, encontrei um trabalho em um *English Café* em Shibuya. Lembro que apliquei para este último アルバイト (do alemão *arbeit*, *part-time job*) após um dos cinco amigos bolsistas ter encontrado um *bico* similar.

*“English Café, ou café de conversação em inglês, é um local onde pode-se praticar falar inglês em um ambiente descontraído, semelhante ao de uma cafeteria”*¹⁵⁴. Frequentar um

¹⁵⁴ 「英会話カフェは、カフェやそれに近いカジュアルな雰囲気のなかで『英語を話す練習』が出来る場です。」 (*Eikaiwa kafe ha, kafeya soren ni chikai kajyuaruna funiki no nakade “eigo wo hanasu renshuu” ga dekiru ba desu*). 英会話カフェとは？英語上達に効果あり？【徹底調査しました】 | **English With**, English With, disponível em: <<https://english-with.com/what-is-eikaiwa-cafe/>>. acesso em: 2 maio 2025.

English Café se tornou uma opção popular no Japão para aqueles que buscam aprender a língua. Afinal, o valor da mensalidade de aulas de inglês tradicionais tende a ser mais alto do que o custo de frequentar um *English Café* por uma ou duas horas semanais. Enquanto a hora neste tipo de café custa entre 500 a 1.000 ienes — geralmente incluindo café ou chá à vontade —, uma escola de inglês cobra cerca de 10.000 ienes mensais, além da taxa de matrícula e eventuais gastos com materiais didáticos. Outrossim, trabalhar em um *English Café* tende a ser um dos *bicos* mais comuns entre os estudantes internacionais. Eles recebem o salário em dinheiro físico no mesmo dia e não têm contrato de trabalho formalizado — burlando os possíveis impostos, tanto por parte dos estudantes quanto dos donos dos estabelecimentos.

Lembro que, muitas vezes, dormia na casa de amigos em 西池袋 (*Nishi Ikebukuro*) entre os turnos de trabalho, pois era mais próximo do expediente do que minha casa. Esses momentos eram algumas das oportunidades, fora os encontros de Natal e aniversários, em que conseguia vê-los. Após o ingresso nas escolas técnicas, nossos horários mudaram significativamente e isso dificultou o acesso à nossa rede de apoio. Bem, pelo menos o meu acesso.

Eu trabalhava bastante e custeava uma boa parte dos mantimentos da casa. Não por escolha. Eu acreditava que estava dividindo essas despesas com meu ex. As contas e o contrato de aluguel estavam em nome do polonês. Mesmo tendo tentado encerrar nosso relacionamento algumas vezes, eu sabia que ainda estava dependente dele por conta da idade. Mudar de residência também implicaria em um grande gasto. Foi sorte conhecer, por meio das atividades culturais do centro desportivo de Hatsudai durante meu período no dormitório, uma moça que me arranhou uma マンション¹⁵⁵ (*mansion*, unidade em um complexo de apartamentos) reformada, grande e barata. Além disso, eu não estava em um momento emocionalmente estável para lidar com todos os pormenores que o término do relacionamento acarretaria.

¹⁵⁵ マンション (*manshon*), muitas vezes traduzido como “mansão”, no contexto japonês não se refere a uma construção residencial grande e luxuosa como o nome tende a implicar. De acordo com o portal SUUMO (スーモ), uma plataforma online para busca de residências, o *manshon* equivale a um apartamento em um complexo condominial construído com uma estrutura resistente a fogo, geralmente concreto reforçado — algo mais próximo, por suposto, do termo “condomínio” (コンドミニアム, *condominium*). Ao passo que, o アパート (*apaato*) costuma a ser construído de materiais semi-resistente a fogos, como madeira, e geralmente possui até dois andares. マンションとは | SUUMO 住宅用語大辞典, disponível em: <<https://suumo.jp/yougo/m/mansion/>>. acesso em: 16 maio 2025.

Felizmente, nos raros finais de semana em que não trabalhava, meus amigos próximos costumavam passar na casa que eu compartilhava com meu namorado e uma amiga — inicialmente, uma marroquina e depois uma brasileira, ambas bolsistas. Após os primeiros meses na escola técnica, o amigo espanhol desistiu do curso por “motivos pessoais” e retornou ao seu país. Quando voltou ao Japão para visitar amigos, ficou hospedado na nossa casa, assim como outros convidados. Natais e outras confraternizações, como os jogos da Copa do Mundo de 2014, também eram celebrados ali. A sala era grande o suficiente para colocarmos 布団 (*futon*, colchão) e tínhamos uma mesa que acomodava um bom número de pessoas — mesmo que de forma apertada. Eu comprava todos os presentes de Natal para os convidados e organizava a comida. Na época, parecia importante manter uma tradição e ter uma desculpa para reunir os amigos, independentemente das implicações religiosas que esta data possa ter para cada um.

Assim, o tempo foi passando. Após os dois anos de sofrimento, considerei mudar de carreira para as ciências exatas — mais especificamente, para a engenharia — por acreditar que a minha dificuldade de interação social com os colegas japoneses derivava da premissa de serem *pessoas das artes*. Afinal, meus amigos bolsistas das áreas de exatas não pareciam sentir o sofrimento excruciante que eu estava vivendo — ou, ao menos, eu não fui capaz de reconhecer essa dor neles à época. Todos os dias eu considerava largar o Japão e desistir da bolsa, como fez o amigo espanhol. O orgulho me impedia. Eu havia sido agraciada com a melhor bolsa de estudos do mundo, como poderia deixar tudo para trás? Como enfrentaria meus pais, mentores e colegas depois de abandonar essa oportunidade? Não me parecia uma opção. Eu preferia morrer.

Por ironia, foi justamente o *peçoal das artes* — do clube de artes — que me salvou. O professor assistente do grupo me perguntou quais eram meus planos após a graduação. Respondi que estava pensando em aplicar à 東京藝術大学 (*Toukyou Geijutsu Daigaku*, *Tokyo University of the Arts* — também conhecida como 東京芸大, *Toukyou Geidai*, ou apenas 芸大, *Geidai*), mas a bolsa MEXT não cobria a transferência para o segundo ano, como exigido pela universidade — apenas para o terceiro. Assim, havia a alta probabilidade de que eu precisasse arcar com um ano de mensalidade, ou de que a extensão não fosse aceita pela bolsa. Como eu já estava de saco cheio do Japão, cogitava retornar ao meu país e ingressar em uma universidade de engenharia, abandonando de vez o campo das artes. Esse professor, M., recomendou que eu

visitasse a 横浜美術大学 (*Yokohama Bijutsu Daigaku, Yokohama University of Art and Design*) — onde lecionava escultura — para conversar com uma amiga dos tempos de universidade, que dava aula no curso de ilustração.

Fui visitá-la como minha única opção de universidade, pois já havia ido à 多摩美術大学, *Tama Bijutsu Daigaku, Tama Art University* — conhecida por 多摩美, *Tamabi*) no オープンキャンパス (*Open Campus*) de verão daquele ano com outro amigo bolsista e o *santo não bateu*¹⁵⁶. O *Open Campus* é um evento organizado por escolas e universidades para prospectar alunos. Geralmente, são eventos festivos com demonstrações de trabalhos de alunos e oportunidades de conversar com professores dos cursos. O professor de audiovisual da Tamabi foi extremamente arrogante ao falar comigo. Não apenas utilizava uma linguagem de cima para baixo¹⁵⁷, inferiorizando o possível futuro aluno, como também, pelos termos que usava, demonstrava que considerava um privilégio *ser aceito por ele* no curso. Nossa conversa não durou dez minutos, embora eu tivesse esperado quase uma hora para ser atendida. Após essa interação, encontrei meu amigo e expliquei que, depois de dois anos com professores como aquele, não aguentaria mais outros dois anos sob tratamento semelhante. Então, apesar de a Tamabi ser uma das escolas de artes mais conceituadas do Japão, decidi não considerar a possibilidade de ingressar nela.

Lembro-me da minha primeira impressão da *Yokohama Bijutsu Daigaku*, apelidada de 浜美 (*Hamabi*). Estava chovendo naquele dia. Fiz o caminho da Kougakuin até Machida, e de lá até Aobadai de trem. Havia saído mais cedo da escola técnica, após um dia letivo curto, e decidi visitar a universidade sem horário marcado. Ao chegar à estação de Aobadai, procurei o ônibus que me levaria até a escola. Perguntei ao motorista qual seria a parada mais próxima da universidade, e ele respondeu que me avisaria quando chegássemos. O tempo foi passando, e o ônibus continuava adentrando o subúrbio de Aobadai. Paramos em uma estação que não havia nada, só mato. O motorista olhou para mim e disse que a universidade estaria no topo da escadaria do outro lado da rua. Desci do ônibus, atravessei a rua e, subindo os degraus de pedra que apontavam para o topo das árvores e ao céu chuvoso, cheguei à escola.

¹⁵⁶ Expressão brasileira usada para descrever uma sensação de antipatia ou falta de afinidade que ocorreu entre duas pessoas. Nesse caso, minha falta de afinidade com o professor de audiovisual da Tamabi e, por consequência, com a própria universidade.

¹⁵⁷ Vide Figura II, exemplo (d).

Do topo da escadaria, era possível ver alguns prédios baixos à direita e um campo gramado à esquerda. À frente, havia um poste com um mapa e avisos destinados aos estudantes. Ao verificar o mapa do *campus*, percebi que se tratava de uma universidade relativamente pequena, quando comparada à Kougakuin e à Tamabi. O prédio central, 本館 (*honkan*), abrigava a biblioteca no último andar, algumas salas de professores nos andares intermediários — juntamente com algumas salas de aula —, e, no andar inferior, estavam localizadas a diretoria, secretaria e a enfermaria da escola. Fui até a secretária para me apresentar e verificar a possibilidade de conversar com a professora do departamento de ilustração — cujo nome havia esquecido — que o professor M. havia me recomendado procurar.

Fui encaminhada a uma pequena sala de espera ao lado da diretoria e informaram que uma professora do departamento estaria disponível para conversar comigo. Na época, eu não sabia se era a mesma professora que havia sido recomendada. Fiquei sentada com meu portfólio nas mãos, recitando mentalmente as questões que pretendia levantar. Alguns minutos depois, chegou uma moça de saia longa, cabelo preso em um rabo de cavalo, agasalhada com uma *écharpe* e um sorriso doce no rosto. Ela parecia uma boneca. Apresentou-se como professora do curso de Ilustração e explicou que a chefe do departamento não se encontrava no momento. Sua voz era baixa e melódica. Apresentei-me e expus minhas intenções. Mostrei o meu portfólio — construído ao longo dos últimos três meses — e comentei que nunca havia tido aula de desenho, perguntando se isso seria um problema.

Dois fatores me deixaram insegura: o primeiro, e mais relevante, dizia respeito ao fato de eu não vir das artes clássicas. Meu histórico acadêmico até então estava voltado à produção de mídias de comunicação por meio do audiovisual. Ilustração sempre fora um *hobby*, reservado a momentos de lazer ou tédio. A resposta veio em uma voz suave e delicada. Após observar meu portfólio, a professora me disse que não era necessário ter domínio de perspectiva ou outras técnicas para ingressar no curso de ilustração. Ela mesma tinha dificuldade em desenhar em perspectiva. E, acrescentou, respondendo a outra dúvida, que eu poderia pegar matérias de escultura durante o curso de ilustração — devido à estruturação da universidade. Eu tinha tido alguma experiência com esculturas na infância, mas, apesar do forte interesse, não sabia se isso seria o suficiente para entrar em uma universidade de artes. A conversa fluiu com leveza. Eu me encantei pela professora e pela luz no fim do túnel tortuoso que essa universidade parecia oferecer. Candidatei-me à escola como única opção de extensão da bolsa para graduação — e fui aceita.

Naquela época, para um aluno ser elegível à extensão da bolsa do MEXT — da escola técnica (専門学校, *senmon gakkou*) para o bacharelado — era necessário cumprir alguns critérios: o GPA (*Grade Point Average*, média de notas escolares) deveria estar acima de 2,8 em um total de 3; era preciso manter, no mínimo, 95% de presença; e ser aceito na universidade de sua escolha. Podíamos escolher até duas universidades para solicitar a transferência¹⁵⁸. As áreas de estudos entre o curso técnico e o da universidade precisavam ser compatíveis, visto que a transferência só poderia ser feita para o terceiro ano da universidade. Ouvi falar de casos excepcionais em que bolsistas foram aceitos no segundo ano, com a bolsa custeando os três anos subsequentes — mas são casos raros, e há uma chance de terem que se manter durante o último ano sem bolsa alguma. Além disso, era necessário, junto aos formulários, históricos escolares e comprovantes de elegibilidade das provas das possíveis futuras universidades, redigir uma carta de motivação argumentando a razão pela transferência e porque deveríamos ser contemplados com a extensão. Por último, tenho uma vaga lembrança de que eram necessárias cartas de recomendações de professores, mas me faltam memórias desse período.

De acordo com os ex-bolsistas de *senmon gakkou* entrevistados, a extensão da bolsa tornou-se mais complexa nos últimos anos. Não seria mais possível, por exemplo, aplicar para universidades privadas, como foi o meu caso. De modo geral, relataram que o processo se tornou mais rígido, sem que tenham entrado em muitos detalhes. Por esses motivos, muitos que pretendiam aplicar para a extensão não o fizeram. No caso dos bolsistas da área de artes, o ingresso na universidade por meio da extensão tornou-se quase impossível. Já que, salvo as 芸大 (*Geidai*, abreviação de 芸術大学, *geijyutsu daigaku*, universidade [(geralmente) pública/nacional] de arte), a maioria das outras universidades de arte no Japão é privada.

No começo do segundo semestre, algumas universidades já começavam a divulgar o 編入試験 (*hennyuu shiken*, exame de ingresso para estudantes de transferência), em agosto, durante as férias de verão. Outras iniciavam o processo mais para o final do ano. A Hamabi começou mais tarde e, por volta de dezembro, realizou a prova. Naquele ano, não houve testes de habilidade — apenas apresentação de portfólio, entrevista e uma prova de nivelamento de inglês. Fui junto com um amigo bolsista, que acabou escolhendo a Tamabi, mesmo tendo sido

¹⁵⁸ TRAVIS, How to Extend Your MEXT Scholarship; ADMIN, M. S. A., How Do I Extend the Scholarship When I End My Current Course and What are the Conditions? - MEXT Scholars Association.

aprovado nas duas. No meu ano, nenhum dos meus colegas aplicou para mais de duas universidades, já que é necessário pagar pela inscrição para cada processo seletivo.

O 検定料 (*kenteiryō*, taxa de inscrição para a prova) custava por volta de 30.000 円 (ienes) cada — o equivalente a um quarto (1/4) da bolsa mensal recebida pelos bolsistas na região de Tóquio. Lembre-se de que um aluguel comum, naquele momento, girava em torno de 60.000 円, sem contar as demais despesas de subsistência, como comida e utilidades. Isso é, não havia garantia de aprovação no ingresso à universidade, razão pela qual era de conhecimento comum entre os bolsistas a necessidade de economizar dinheiro ao longo do ano para custear as taxas dos exames.

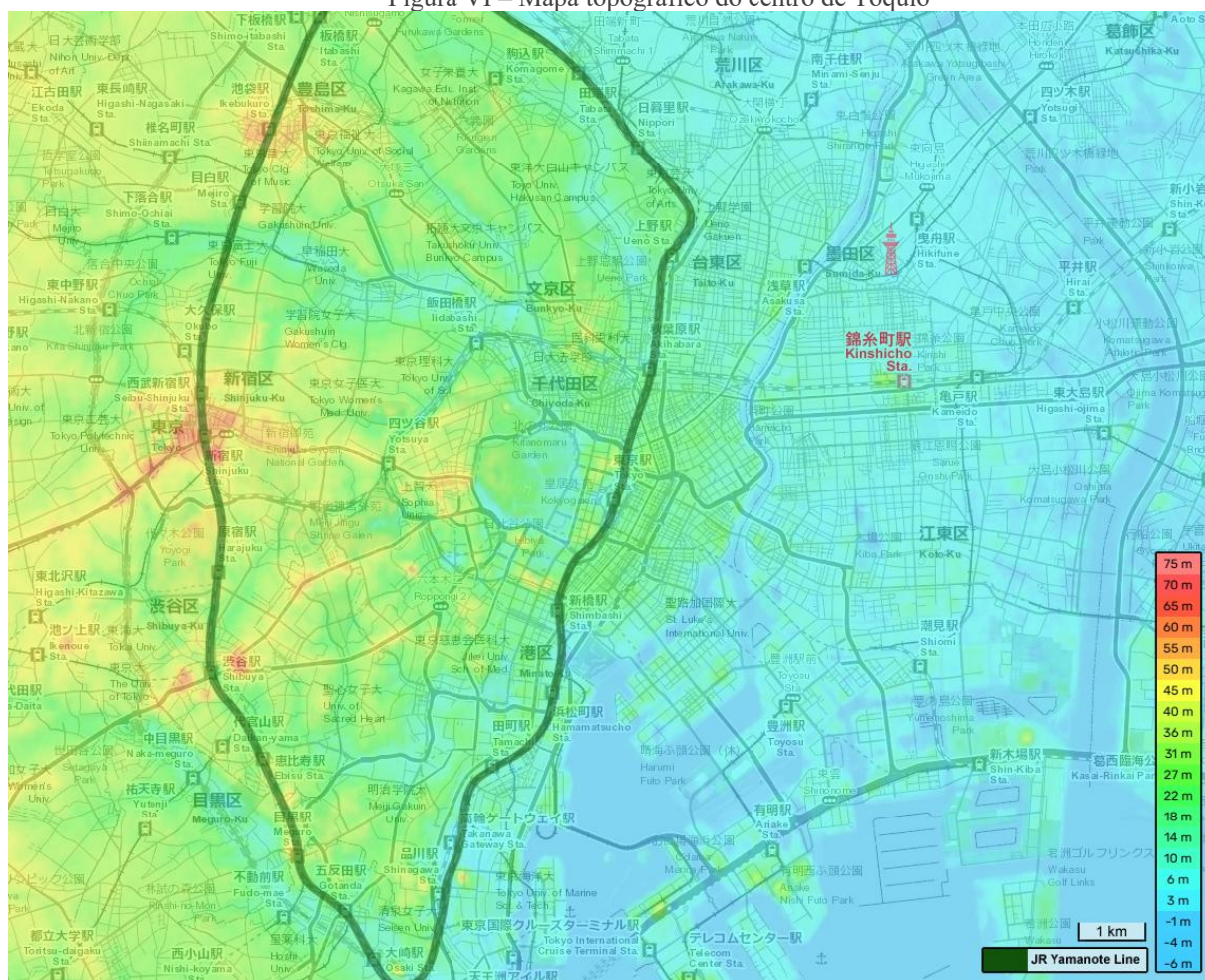
Então, assim que o resultado da extensão foi anunciado — pouco antes do possível retorno ao Brasil, custeado pelo Governo japonês —, tive que buscar uma nova moradia. No Japão, o contrato de aluguel costuma ter duração de dois anos. Caso haja interesse em permanecer no mesmo imóvel, cobra-se do inquilino altas taxas de renovação do contrato. Esse modelo leva a maior parte dos locatários a buscar novas residências ao fim do contrato, na tentativa de encontrar opções mais acessíveis. O movimento cíclico de troca de moradia a cada dois anos alimenta a indústria de transporte para mudanças, aluguel de veículos e, naturalmente, do setor de imobiliárias por volta da mesma época do ano. Como o aviso de extensão da bolsa foi feito com pouca antecedência, a alta temporada de mudanças já estava chegando ao fim, e as melhores moradias já tinham sido alugadas.

Como havia me tornado maior de idade no ano anterior, já era possível eu alugar um apartamento por conta própria. Inclusive, vi muitas casas próximas à universidade com valores acessíveis e em bom estado. Havia, por fim, conseguido uma justificativa para encerrar meu relacionamento. No entanto, sentia muito medo de reviver os mesmos desafios que enfrentei na Kougakuin. Sabia que, ao menos, teria uma professora com quem me sentia confortável — contudo, uma universidade não é composta apenas por uma única docente. Temia ficar isolada socialmente e, ao me mudar para mais perto da universidade, geograficamente. A amiga que morava comigo havia decidido retornar ao Brasil e iniciar sua carreira profissional. Logo, compartilhar uma casa com ela já não seria uma opção para manter uma rede de apoio próxima. Meus outros colegas da área das artes haviam ingressado na Tamabi, optando por morar perto da universidade. Outros haviam se mudado para outras cidades ou escolhido retornar a seus países de origem.

Na época, meu medo da solidão superou o incômodo de estender uma relação que já apresentava sinais dos mais variados abusos. Então, fomos à procura de outra moradia — agora apenas para nós dois —, renovando a dependência que eu havia desenvolvido em relação a ele. A princípio, buscamos lugares próximos à 東京スカイツリー (*Tokyo Skytree*) — uma região de fácil acesso às universidades de ambos: a minha, em Kanagawa (província ao sul de Tóquio), e a dele, em Saitama (ao norte da capital) — e que estivesse passando por um processo de gentrificação, com prédios novos e mais resistentes a desastres naturais. Visitamos diversas 不動産屋 (*fudousanya*, imobiliárias) da região, e muitas delas nos rejeitaram por sermos estrangeiros. Em uma delas, localizada próxima à estação de Akihabara, fomos recusados de mais de cinquenta moradias — mesmo explicando que éramos bolsistas do MEXT. No total, fomos rejeitados de mais de oitenta possíveis residências nessa área, pela mesma razão: nossa nacionalidade.

Cansada, aceitei mudar de estação para 錦糸町 (*Kinshichou*), um distrito localizado na 下町 (*shitamachi*). A *shitamachi* de Tóquio, durante o período 江戸 (*Edo*), era onde moravam os artesãos e comerciantes, enquanto 山の手 (*Yamanote*) abrigava os samurais e a nobreza. No entanto, Kinshichou carrega outra fama. De acordo com alguns dos meus alunos no *English Café*, o distrito era o único lugar de Tóquio onde era possível ver trabalhadoras sexuais vestidas de maneira estereotipada — com saltos transparentes e roupas reveladoras. Após visitarmos duas casas em Kinshichou que aceitaram alugar para estrangeiros, acabamos ficando com uma que as janelas não davam para paredes e podíamos ver o sol. De fato, os comentários dos meus alunos estavam corretos. Não só era possível avistar essas trabalhadoras, como descobri, ao longo dos dois anos em que morei lá, que meu vizinho de dois andares acima era um dos homens que oferecia, na esquina perto da estação, brasileiras, colombianas e outras latinas para quem desejasse ter *a good time*. Além disso, minha vizinha de porta era de algum país do Leste Europeu — não falava nem inglês nem japonês — e tinha um filho com um homem japonês todo tatuado.

Figura VI – Mapa topográfico do centro de Tóquio



Mapa topográfico de Tóquio indicando as áreas elevadas (山の手, *yamanote*) e as regiões baixas (下町, *shitamachi*), onde se localiza 錦糸町 (*Kinshichou*). O marco turístico, *Tokyo Skytree*, está sinalizado por um ícone da torre. Atualmente, a linha ferroviária *JR Yamanote* (山手線) delimita com clareza a antiga área nobre da cidade, historicamente protegida das frequentes inundações. **Fonte do mapa** base modificado pela autora (2025): **TOPOGRAPHIC MAP. Tokyo Topographic Map.**

No geral, morar em Kinshichou foi uma mudança drástica em relação aos dois anos anteriores: a casa era pequena, em uma área questionável, cercada por ラブホテル (*love hotels*, uma variação dos hotéis, geralmente com temáticas específicas) e por salões de *massagem* tailandesa que só abriam à noite e funcionavam durante toda a madrugada. Eu estava acostumada a morar perto de uma escola, escutar os sinos sinalizando o início e o fim das aulas. Havia natureza por todos os cantos, e o prédio era silencioso. Já no novo local, assim que a primavera começou, acordei certo dia com uma infestação de formigas vindas do apartamento do vizinho, por um buraco que havia na parede da varanda. Alguém havia feito um buraco no parapeito da porta de vidro e encoberto-o com papel de parede. Demoraram semanas para

consertar. Em seguida, começou uma reforma na parte externa do prédio, que nos obrigou a passar um ano sem poder abrir as janelas ou cortinas. A obra não havia sido comunicada previamente pela imobiliária — embora tenhamos descoberto, posteriormente, que já estava programada antes de alugarmos o imóvel. A despeito de tudo isso, era uma área relativamente segura. Pelo menos, eu me sentia segura ao voltar para casa cedo pela manhã, depois do turno noturno que consegui no *Hard Rock Café Tokyo*, em Roppongi. Havia sempre um carro escuro estacionado perto da entrada do prédio durante a noite, mas nunca soube de nenhum incidente nas redondezas.

Já a Hamabi foi o céu — o lugar das promessas da bolsa. Eu amo aquela universidade. Logo no primeiro dia, eu fiz uma amiga com quem fui inseparável durante os dois anos que passei lá. Os professores também me acolheram, cada um a seu modo. Minhas colegas de sala se tornaram amigas, e eu tinha liberdade e abertura para conversar com elas. Havia apenas um homem na turma — e, ele também era um amor, com seu estilo psicodélico que me inspirava pela confiança em si mesmo. A turma se tornou tão próxima que, durante a pandemia de 2020, criamos um grupo no aplicativo *LINE* e passamos a cuidar uns dos outros.

Após o segundo trabalho que precisávamos entregar no departamento de Ilustração, duas professoras — incluindo aquela recomendada pelo professor M. — convidaram minha amiga e a mim para assistirmos a um dos filmes que utilizei como referência no projeto. Na minha cabeça, não havia a menor possibilidade de isso acontecer. Afinal, depois do que passei, jamais esperaria conseguir construir um laço de afeto com colegas japoneses. Muito menos, imaginar que uma professora se lembraria de algo que eu havia mencionado e nos chamaria para sair... Isso estava completamente fora do escopo do que eu considerava possível.

Os momentos que passei na Hamabi foram os melhores da minha experiência no Japão. Por isso, eu chegava assim que os portões da escola eram abertos, via os professores chegarem e só ia embora quando me mandavam para casa porque precisavam fechar o campus. Aprendi muito naquele lugar. Foram as pessoas de lá que começaram a recuperar minha alma destrozada. A universidade era pequena em comparação com as demais e, como na Kougakuin, eu era a única ocidental. Ainda assim, foram as pessoas mais queridas e acolhedoras que encontrei durante toda a minha estadia.

Por outro lado, no momento em que pisava fora do campus, eu dissociava. As multidões das estações e os trens lotados tornavam-se como o ar que respirava, invisíveis. Eu vagava pelas ruas de estações incluídas no meu 定期券 (*teikiken*, passe de trem), em busca de algo que nunca

encontrava. Caminhava com fones de ouvido, muitas vezes sem música, querendo abafar os ruídos do mundo. Quando fecho os olhos agora, consigo ver o meu reflexo da época nos vagões de trens e metrô, passando da esquerda para a direita. As janelas iluminadas, meu reflexo na lataria, os borrões das pessoas lá dentro sem conseguir distinguir um único rosto. Lembro-me do vento e do som que os vagões faziam ao passar pelos trilhos. Eu não queria voltar para casa. Voltar, para esperar uma pessoa que me fazia mal, mas que não podia desvincular. Ao mesmo tempo, a solidão me consumia. Não foram poucos os dias em que encarava os trilhos como um futuro próximo.

Enquanto esperava nas plataformas da estação, era comum ver avisos nos trens informando que alguma linha do circuito estava atrasada por 「人身事故」 (*jinshinjiko*, acidente envolvendo pessoas — resultando em morte ou lesões graves) ou outros tipos de “acidentes na pista”, como 「お客様転落」 (*okyakusama tenraku*, queda de passageiro nos trilhos). Não demorou muito para que eu descobrisse que muitos dos acidentes nas linhas de trem em Tóquio eram suicídios, bem-sucedidos ou não. Há um capítulo, escrito por pesquisadores em Tóquio e Osaka¹⁵⁹, com métricas mais específicas sobre os suicídios nas linhas de trem e metrô. Esses pesquisadores identificaram uma média de seiscientos a setecentos suicídios ao ano envolvendo trens, o que equivale a um a dois suicídios diários. Muitos deles ocorriam na área metropolitana de Tóquio¹⁶⁰. Realmente, eram tão comuns ao ponto de esquecermos que se tratava de pessoas, não apenas inconveniências do nosso cotidiano. Os passageiros, irritados com atrasos que podiam durar mais de uma hora, muitas vezes exigiam compensação monetária. Por pouco, não cheguei a contribuir para essa métrica.

As sextas-feiras me proporcionavam uma oportunidade de interação social fora da universidade. Após as aulas, eu me dirigia ao *Burger King* próximo à estação 青山一丁目駅 (*Aoyama-Itchoume Station*), comprava o meu jantar e caminhava até o *Hard Rock Café Tokyo* (HRC), em Roppongi. Meu turno começava às seis ou às onze da noite — dependendo da demanda — e terminava por volta das sete da manhã. Em comparação com minhas

¹⁵⁹ SAWADA, Yasuyuki; UEDA, Michiko; MATSUBAYASHI, Tetsuya, Railway Suicide in Japan, in: SAWADA, Yasuyuki; UEDA, Michiko; MATSUBAYASHI, Tetsuya (Eds.), **Economic Analysis of Suicide Prevention**, Singapore: Springer Singapore, 2017, p. 115–135.

¹⁶⁰ Território que engloba o distrito metropolitano de 東京 (Tóquio) e as províncias de 千葉 (*Chiba*), 神奈川 (*Kanagawa*) e 埼玉 (*Saitama*).

responsabilidades no カラ館 (*Karakan*, abreviação de カラオケ館, *Karaoke-kan*), o trabalho era mais tranquilo. Continuei como garçom, só que tinha mais contato com os clientes, e eu amava o que fazia. Conheci pessoas muito interessantes, incluindo integrantes de bandas famosas. Apesar da rotina puxada, aquele era o meu momento de relaxar e ouvir música.

Me imaginava no filme *Cashback* (2006)¹⁶¹, de Sean Ellis, buscando inspiração para trabalhos artísticos nas pessoas que frequentavam o restaurante durante a madrugada. Buscando ver *a beleza no mundano*. Os veteranos e gerentes foram muito estimados. Os dois gerentes do turno noturno tornaram-se amigos queridos, e os *bartenders* e garçons, amizades duradouras. O distrito de Roppongi é famoso pelas artes e pela vida noturna. Nosso restaurante ficava em uma rua paralela aos bares e boates mais movimentadas da região. Eu amava observar os personagens que entravam, celebravam, cantavam, choravam, comiam e se divertiam quando o sol ainda não havia nascido.

Quando meu turno acabava, demorava a sair do restaurante. Conversava com os gerentes enquanto eles fechavam o caixa. Quando já não conseguia mais me manter acordada, ia para casa dormir um pouco antes de começar o turno no *English Café*. Ficava até mais ou menos às três da tarde no *Café* trabalhando e, em seguida, iniciava minha rotina de almoço em Harajuku. Já tinha a programação definida: almoçava no restaurante mexicano atrás da 竹下通¹⁾ (*Takeshita Douri*) e, depois, seguia para a sobremesa no *Cookie Time* — onde, para superar minha insegurança de cantar em público, podíamos cantar uma música no microfone no meio do estabelecimento e ganhar um biscoito de cortesia. Depois, me perdia pelas ruas de 裏原宿 (*Ura-Harajyuku*, também conhecida como 裏原, *Ura-Hara*), observando as paisagens das vitrines, que frequentemente mudavam com a rotatividade das lojas. Ficava vagando até o horário do próximo turno no HRC se aproximar. Repetia esse ciclo até o fim do domingo, quando retornava para casa por volta da meia-noite, após um curto turno em Roppongi. Em um final de semana comum, eu dormia o acumulado de cinco horas. E, quando finalmente chegava o domingo, eu adormecia pensando que, no dia seguinte, estaria no meu céu.

¹⁶¹ *Cashback*, Reino Unido: Left Turn Films; Visionview Entertainment; Lipsync Productions, 2006.

O relacionamento com o polonês não estava indo bem há anos. Não ajudou o fato de eu ter encontrado vários 同人誌 (*doujinshi*, revistas de quadrinhos independentes) com representações sexualizadas de menores de idade. Apesar de tê-lo confrontado sobre esse material — e de sua resposta ter sido que ele se projetava nas personagens infantis —, eu já não sentia mais nada além de vazio e escuridão fora da universidade. Não queria mais estar naquele lugar e buscava sempre desculpas para não voltar para casa. Após o retorno ao Brasil, em uma ligação de cinco minutos pelo aplicativo do *Skype*, ele finalmente terminou comigo. Um peso foi retirado das minhas costas. Além das cicatrizes emocionais e das ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis), ele ainda se sentiu no direito de informar minha família sobre o nosso término — e, depois de alguns meses, enviou uma mensagem a eles comunicando sua transição de gênero.

Meu retorno ao Brasil foi consciente. Eu estava à beira do precipício, prestes a pular, caso permanecesse no Japão. Mesmo com propostas de trabalho na área de audiovisual oferecidas por pessoas que respeito e admiro, resolvi abrir mão delas com o intuito de me reestruturar. Demorei anos para conseguir sequer comentar sobre a minha experiência no país. Sorria educadamente quando questionada e procurava manter distância do assunto. Despeito disso tudo, me disponibilizei para ajudar em eventos da embaixada, à prospecção de novos bolsistas e à divulgação da cultura japonesa. Esforcei-me também para me conectar com a associação de ex-bolsistas na minha cidade. Sentia-me na obrigação de demonstrar gratidão à experiência — de “retribuir” —, mesmo que me sentisse como um peixe fora d’água. Os ex-bolsistas que conheci após meu retorno compartilhavam, em sua maioria, vivências positivas e alegres no Japão. Em comparação, eu me via deslocada, a ovelha negra entre eles.

Ao revisitar minha jornada como bolsista MEXT, percebo uma certa ingenuidade na pessoa que eu era: uma jovem moça criada no contexto brasileiro transitando entre dois extremos, 天国 (*tengoku*, céu) e 地獄 (*jikoku*, inferno), em uma terra repleta de relações de duplo vínculo. Esses dois momentos eram marcados por abusos e acolhimentos — por sofrimento e gratidão. Assim como veremos nas experiências dos outros bolsistas que entrevistei, também me encontro nesse dilema entre a fala e o *não dito*. No entanto, reforço que, por mais difíceis que tenham sido os momentos vividos, não os trocaria caso significasse não ter a oportunidade de ir à minha universidade e de conhecer as pessoas fantásticas com quem tive a sorte de conviver.

Acompanhemos, portanto, os dados das entrevistas, a partir do momento de sua decisão de ir ao Japão. Dediquei-me a manter suas identidades sigilosas, conforme minha promessa a eles. Com esse propósito, parafraseei as citações, mantive o gênero ambíguo quando julguei não relevante para o dado, entre outras manobras.

CAPÍTULO 06 • AS ENTREVISTAS

Descrição das Escolhas dos Entrevistados

Não foi fácil convencer os bolsistas a falarem sobre as suas experiências. O setor cultural da Embaixada do Japão em Brasília, responsável pelas aplicações e gestão das bolsas aos residentes do Distrito Federal e dos estados de Goiás e Tocantins, negou meu pedido de acesso aos ex-bolsistas — principalmente aos recém-chegados. Felizmente, o presidente da ABRAEX no ano de 2023 e alguns colegas bolsistas conseguiram me colocar em contato com um espectro amplo de ex-bolsistas, recém-chegados e veteranos. Contudo, deparei-me com certo receio, por parte dos entrevistados, de serem reconhecidos pela embaixada ou por pessoas ligadas ao Governo japonês.

Há uma penumbra de culpa e medo nas falas dos bolsistas quando expõem uma visão além de exclusivamente positiva da experiência nipônica. Uma situação pela qual eu passei e conheço bem as consequências que podem implicar. Por essa razão, estabeleci critérios de seleção e uma metodologia que não só protejam e tranquilizem meus entrevistados, como delimitem sua participação a uma parcela significativa da minha análise.

Os parâmetros para a escolha dos bolsistas foram diretos: 1) selecionei, a princípio, aqueles que foram agraciados com, no mínimo, três anos de bolsa, de forma a possibilitar relatos de diferentes momentos da interação com o país; 2) priorizei ex-bolsistas que residem em Brasília — embora tenha entrevistado dois que viviam fora da cidade, mas que foram recomendados por outros participantes; e 3), talvez o mais relevante, entrevistei apenas aqueles que estavam dispostos a compartilhar suas experiências.

As entrevistas foram realizadas em locais públicos ou nas residências dos entrevistados, com o intuito de deixá-los mais à vontade. Elaborei uma lista de perguntas, tais como: *“Você sabia japonês antes de ir?”*, *“Você é descendente?”*, *“Tem família lá?”*, *“Onde ficou durante seu período de bolsa?”*, *“Viajou ao Brasil durante a bolsa?”*, *“Voltaria para morar no Japão, ou apenas a viagem?”* *“Como você viu essa experiência?”*, e perguntas complementares as respostas obtidas. Elas serviam apenas como guia, uma vez que permiti que os entrevistados falassem livremente sobre suas vivências. Tampouco estabeleci algum limite de tempo para as entrevistas. A duração da entrevista ficou a critério de cada participante. A entrevista mais curta durou um pouco menos de uma hora, ao passo que a mais longa teve a duração de seis horas e vinte e dois minutos. Todos os entrevistados concordaram com a gravação das conversas, com

a promessa de que eu realizasse a transcrição para que pudessem revisar, aprovar o conteúdo a ser utilizado na análise e realizar eventuais correções caso julgassem necessárias. Sobretudo, todos os dados aqui apresentados estão devidamente resguardados sob anonimato.

As atitudes dos bolsistas antes, durante e depois das entrevistas — assim como minhas análises e impressões — também fazem parte dos dados coletados, pois revelam uma dimensão curiosa da nossa relação com o Japão. A sensação mais proeminente, compartilhada pelos ex-bolsistas — eu inclusa —, é a de que não temos, ou tivemos, quem nos escutasse e compreendesse. Muitos deles jamais haviam falado sobre as experiências que viveram; outros, quando tentaram, não foram compreendidos por seus ouvintes. Essa sensação retorna a minhas impressões pessoais no evento do *Bounenkai*. Os dados das entrevistas apresentaram uma necessidade de fala à face escondida das histórias vividas. Apesar da ausência de direcionamento, os entrevistados expressaram — em diferentes graus — esse anseio suprimido. No meu caso, o que escrevi acima se traduz na primeira vez em que reflito e descrevo minha experiência no Japão. Inédito para os psicólogos e psiquiatras que me trataram nesse retorno ao Brasil. Foi nesse vácuo que esta pesquisa acabou se estruturando, e é a partir dele que seguiremos nessa jornada, permeada de silêncios e guiada pelos relatos dos ex-bolsistas.

Os Dados

i. A caminho do Japão:

A motivação pela procura da bolsa do MEXT foi diversa. Agrupei as mais frequentes em três grupos: 1. Interesse cultural, incluindo tanto a cultura *pop* quanto aspectos considerados tradicionais. 2. Influência familiar ou circuito social; 3. Busca por oportunidades, melhoria de vida e nicho acadêmico. Apesar de não excludentes, cada tipo de motivação ofereceu diferentes pontos de vista que ajudaram a moldar a experiência de cada bolsista.

No quesito de interesse prévio no Japão, muitos dos interlocutores relataram um fascínio inicial despertado pela cultura *pop* japonesa, como a fascinação por アニメーション (*animation*, animação, abreviado para アニメ, *anime*), jogos e 漫画 (*manga*, revistas em quadrinhos). Especialmente aqueles que foram estudar *artes* e que foram ao Japão *após a primeira década do século XXI*. Estes últimos, durante seus estudos, engajaram-se em

atividades culturais e eventos, como a *Tokyo Game Show*, concursos de *cosplay* (*costume play*), visitas a restaurantes temáticos e lançamentos de filmes de animações. Por outro lado, houve aqueles que relataram um encanto por aspectos percebidos como *tradicionais*, por exemplo, 茶道 (*sadou*, cerimônias do chá), paisagismo e arquitetura, e culinária, como pontos de influência na busca da bolsa. Estes preferiam distinguir-se daqueles que gostavam da cultura *pop* e, conseqüentemente, eram denominados pejorativamente de オタク (*otaku*) no Brasil, e malvistas no Japão.

A influência familiar ou de pessoas próximas na decisão da bolsa foi um dado que chamou a minha atenção. Esperava que aqueles influenciados por outras pessoas fossem majoritariamente de descendência japonesa. Para a minha surpresa, apenas um deles era *nikkei*. Os ex-bolsistas relataram parentes, que previamente aplicaram ou que foram bolsistas, criaram um ambiente favorável à decisão deles de irem para o outro lado do mundo. Geralmente de parentesco próximo, como pais e irmãos, estes compartilhavam suas experiências ou fascinação nipônica na infância dos entrevistados, o que foi fomentando a vontade destes de seguir os mesmos passos. Somente um interlocutor relatou que, no seu caso, o professor da universidade em que fazia graduação o influenciou a ir ao Japão. Ele o auxiliou no progresso e nos estágios iniciais no país enquanto não havia conseguido a bolsa do MEXT. Este ex-bolsista buscou difundir essa oportunidade para seus futuros alunos.

O terceiro motivo relatado foi o de que a bolsa MEXT era vista como uma chance de melhoria de vida e de acesso a oportunidades acadêmicas que no Brasil seriam difíceis. Este motivo foi relatado predominantemente pelos ex-bolsistas mais velhos. Disseram que, comparada a outras bolsas, a do MEXT pagava melhor; que na área de estudo que queriam seguir, não havia oportunidades no Brasil; ou, que a bolsa lhes dava uma oportunidade de estudar fora na qual não teriam acesso de outro modo. Esse motivo está fortemente associado à questão financeira e às oportunidades de carreira. A minha própria decisão de seguir com esta bolsa especificamente foi movida pelos fatores financeiro e de prestígio que poderia oferecer em minha carreira futuramente.

Após conhecerem a bolsa e decidirem aplicar, os dados apresentaram dois polos bem equilibrados: aqueles que aplicaram e passaram de primeira — seja na primeira ou na segunda chamada —, e aqueles que tiveram que aplicar mais de uma vez, chegando a ter até quatro tentativas para conseguir. Apenas um dos meus interlocutores pediu para manter essa

informação em sigilo. Dos que aplicaram múltiplas vezes, alguns citaram a mudança da idade limite como uma das causas da eventual aprovação.

Como explicado no capítulo anterior, os interessados em ir ao Japão pela bolsa do MEXT têm algumas opções de cursos para candidatura. Por vezes, os requisitos de determinadas opções não condizem com a realidade do Brasil. Frequentemente, as exigências de escolaridade ou de experiência profissional não se enquadram com os limites de idade para a aplicação. Um interlocutor, ao descrever a experiência de aplicar para a bolsa, comentou: “*O Ministério [da Educação - MEXT] tem que começar a ver que cada caso é um caso, cada país é um país. Cada realidade educacional de um país é diferente*”. E acrescentou que o MEXT precisa atentar-se ao fato de que o mundo não é uma *caixinha*, referindo-se a categorias rígidas da sociedade japonesa que os bolsistas presenciaram posteriormente a aprovação. O aumento da idade limite nos requisitos de aplicação foi um passo adiante para melhor adaptar o processo de aplicação à realidade de outros países.

Ocorreram mudanças no processo de aplicação para a bolsa, relatadas pelos meus interlocutores. Os ex-bolsistas mais veteranos descreveram que, para a bolsa de pós-graduação e pesquisa, não era necessária a indicação de orientadores *a priori*. “*O próprio Monbusho enviava convites a universidades à procura de possíveis orientadores de acordo com os interesses dos candidatos*”, parafraseando-os. Atualmente, esse processo fica a cargo do candidato, dificultando o acesso à bolsa caso não tenha contato com universidades japonesas previamente.

Em contrapartida, relatos de “panelinha” — ou seja, o favorecimento de determinadas áreas de estudo relacionados a dos membros da banca examinadora —, grosseria e até descaso por parte dos responsáveis pela aplicação da bolsa na embaixada foram apresentados por interlocutores que se candidataram em épocas e localidades diferentes. Alguns exemplos parafraseados de frases dos responsáveis da embaixada e de integrantes da banca organizadora foram: “*Se você não tem capacidade de entender o que está escrito aí, você não tem capacidade de pleitear a bolsa*”; “*Você não quer fazer engenharia, não?*”; “*Ah, você namoraria um japonês?*”; “*Você aqui de novo, né?*”; e, “*Já está ficando velho e não está melhorando, hein?*”. Eu mesma ouvi que não sabiam *como*, nem o *porquê* de eu ter sido agraciada pela bolsa durante o jantar de parabenização na embaixada. Além disso, a fama de que “*eles [os consulados e embaixadas do Japão] não falavam a verdade [em relação à bolsa]... só o protocolo*”, criou desconfiança entre candidatos envolvendo as comunicações e *feedbacks* dos meios oficiais,

levando alguns entrevistados a relatarem outras maneiras de adquirirem conhecimento e sanarem dúvidas sobre o processo e as bolsas.

Neste vácuo, as mídias sociais têm ganhado espaço como orientadores na hora de pleitear. Grupos nas plataformas *Facebook*, *YouTube* e *Discord*, com alcance global, têm-se tornado espaços de apoio e de estudo para aqueles que visam uma graduação no Japão. Frustrações de ir a embaixadas ou a consulados repetidamente requisitar informações ou refazer documentos necessários por não estarem no formato essencial, sem que lhes expliquem o padrão, estão sendo sanadas por *blogs*, *influencers* e comunidades *online*, geralmente organizadas por ex-bolsistas.

Os aspectos negativos descritos sobre o processo de aplicação, à exceção da observação pessoal dirigida a mim, eu não vivenciei diretamente. Na minha experiência, recebi muito apoio dos responsáveis da embaixada na hora de pleitear a bolsa. Fui, por suposto, várias vezes ao local para pedir informação e aluguei exaustivamente a orelha dos responsáveis na época. Eu era muito jovem e menor de idade, candidatava-me à bolsa escondido dos meus pais e buscava ajuda de colegas para me levarem à embaixada de difícil acesso em Brasília. Pesquisei no acervo da embaixada as universidades e escolas técnicas nas quais poderia ingressar e quais áreas de estudo estavam disponíveis. Não me disponibilizaram nenhum padrão e tive que refazer múltiplas vezes os formulários e documentos, mas na época isso não me incomodou. Estava mais focada em ser aprovada e não queria perder tempo nem energia em pormenores. Em retrospecto, vejo que há espaço para melhorias e fico feliz que tenham-se criado grupos para apoiar os futuros bolsistas nesta jornada que muda vidas.

ii. Onde o Sol Nasce:

Superados os desafios do processo de candidatura, a chegada ao Japão inaugura uma nova fase na jornada dos bolsistas. Eles chegaram ao país com diversos preceitos estabelecidos pelo imaginário brasileiro sobre o que encontrariam. Ideais de segurança, qualidade de vida e comodidade são propagados por programas de televisão, animação, jogos e notícias. Um interlocutor exaltou a situação: “[...] *que criança anda na rua desacompanhada [no Japão]. Desde pequenininho, pega transporte público sozinho*”, ao relatar a qualidade de vida e segurança. Realmente, é muitas vezes diferente do que observamos no Brasil. Onde raramente vemos crianças desacompanhadas indo à escola, salvo aquelas em situação de vulnerabilidade. Esse contraste se aprofunda por *reality shows* japoneses, distribuídos internacionalmente, como

「はじめてのおつかい」 (*Hajimete no Otsukai*, também conhecido como “*Old Enough!*”)

em que crianças de três a seis anos são filmadas realizando tarefas sozinhas. Esses preceitos, ao longo da jornada no Japão, são confirmados e refutados, ao passo que outros se desenvolvem a partir do contato com a realidade japonesa.

Em geral, os bolsistas brasileiros chegam ao Japão ansiosos para iniciar essa jornada. Essa ansiedade se agravou substancialmente durante a pandemia da COVID-19. Aqueles bolsistas que planejavam ir em 2020 tiveram sua ida adiada, alguns mais de uma vez. Quando finalmente puderam ir, passaram um período de quarentena obrigatória em um hotel designado pelo Governo japonês. Eles tiveram que passar esse tempo sem sequer ter contato presencial com outros bolsistas.

Historicamente, os bolsistas costumam receber a bolsa apenas um mês após a chegada ao país. Por isso, o impacto inicial da quarentena em um hotel afetou aqueles que precisaram pagar por sua estadia, especialmente por não poderem escolher o estabelecimento. Houve relatos de pessoas que não pagaram a estadia de quarentena no hotel, mas os que custearam tiveram dificuldades financeiras que resultaram em alimentação precária à base de produtos de baixo custo em lojas de conveniência, コンビニ (*konbini*, abreviação de コンビニエンスストア, *convinience store*).

O atraso na ida ao Japão não se traduziu apenas em atraso nas aulas, pois o ano letivo japonês começa em abril. Logo, aqueles que tiveram a viagem adiada iniciaram as aulas por meio de plataformas *online* e no contraturno brasileiro, pois a diferença de horário é de, aproximadamente, doze horas. Mesmo comparecendo às aulas *online*, os bolsistas nesta situação relatam que não recebiam o auxílio financeiro do MEXT. “*Porque a gente só pode receber a bolsa se estiver vivendo no Japão. Então, eu não recebia nada da bolsa, o que acontece é que eu perdi, o quê? Abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro... sete meses de bolsa, sabe?*”, disse um dos bolsistas afetados. Dado que muitos bolsistas deixam suas obrigações e trabalhos para ir ao Japão, a situação financeira deles ficou prejudicada. “*Como é que faz para você sobreviver sem nada?*”, indagou um deles.

Durante o período da COVID-19, as aulas dos bolsistas foram majoritariamente *online*. Os que estavam no Japão e cursavam a escola de línguas tiveram alguns dias presenciais, mas relataram que o aprendizado do idioma foi afetado por não poderem interagir com outras

pessoas. Os *kouhais* da escola de línguas, a Bunka, não tiveram oportunidades de participar de passeios escolares a parques de diversões ou fontes termais, nem de eventos escolares como o festival cultural. Até mesmo a graduação da Bunka foi reduzida, de acordo com eles. Outros relatos indicaram que o apoio no aeroporto e a assistência para se situar no dormitório foram inexistentes ou restritos. Essas limitações, somadas à carência de apoio presencial, frustraram as expectativas sociais e estabeleceram um ambiente desafiador para o desenvolvimento do idioma, prejudicando a forma como esses bolsistas experienciaram o Japão.

O aprendizado da língua moldou a experiência dos bolsistas com o mundo em que viviam. Quando um estudante é agraciado pela bolsa, um curso de japonês lhe é oferecido, geralmente com duração entre seis meses e um ano. Este curso inclui o aprendizado do idioma e da *cultura* japonesa. Dos entrevistados, todos, menos um, relataram que se esforçaram no estudo da língua. Eles aprenderam os ideogramas mais usados na área em que estudaram, ou tornaram-se proficientes a ponto de fluência. Um dos que aprenderam até a fluência comentou, parafraseando:

“Aprender a língua japonesa foi uma das coisas mais enriquecedoras da experiência toda, pois para adquirir o conhecimento técnico, não era necessário ir para o outro lado do mundo — você pode obtê-lo de várias formas. Quem não aprendeu o idioma, provavelmente perdeu um dos pontos mais importantes de toda a experiência, né?”

A maior parte dos entrevistados nesta pesquisa aprendeu a falar o idioma antes de ir ao Japão. Porém, poucos chegaram no país com conhecimento avançado da língua. Como eu, houve casos de quem se esforçou no aprendizado da língua assim que passou em diferentes etapas da seleção. Independentemente do tempo que estudaram antes de viajar — sejam aqueles que passaram mais de seis anos em cursos de idiomas, ou que tiveram aulas de japonês na infância —, a língua japonesa vigente no período em que foram não era a mesma que estudaram.

A título de exemplo, o idioma falado nas colônias japonesas no Brasil e transmitido aos descendentes era, de acordo com um interlocutor, *defasado*. O que se ensinava nas colônias, o コロニア語 (*koronia go*, língua da colônia), correspondia a uma “mistura de dialetos antigos (do período pré-guerra) de diversas províncias do Japão”¹⁶². Quando o interlocutor chegou ao

¹⁶² A citação completa: “[...] uma língua resultante da mistura de dialetos antigos (do período pré-guerra) de diversas províncias do Japão e alguns vocábulos em português”. OKAMOTO, Monica; PATROCÍNIO, Fabiana Cristina Ramos, Koronia-go. Uma concepção de língua como prática social legítima, *Estudos Japoneses*, n. 46, p. 57–69, 2021, p. 57.

Japão, a língua havia se alterado desde então. “O [idioma] japonês vai evoluindo. O mesmo japonês que minha família trouxe consigo do Japão na época, ficou parado, não evoluiu depois”, concluiu após compartilhar que havia momentos em que os nativos não conheciam as palavras que usava. Outros pontos que trouxe foram: (1) que naquela época não era comum encontrar a abundância de estrangeirismos de origem inglesa na língua japonesa e (2) que em diferentes regiões do arquipélago há dialetos desviantes do que é considerado padrão ou formal.

Particularmente, tenho sentimentos ambivalentes quanto à quantidade de estrangeirismos de línguas de origem europeias na língua japonesa. Compreendo que, para falantes de um idioma derivado do latim e do inglês, a inserção de tais termos tende a apaziguar o nervosismo no início do aprendizado. Contudo, na minha experiência, às vezes esses estrangeirismos mais atrapalham do que ajudam na compreensão de determinados termos. As palavras que uso para ilustrar essa confusão são: フォロウ (*fuorou, follow*) e ホロウ (*horou, hollow*). À primeira vista, a diferença entre as duas nos parece clara – uma começa com “f” e outra com “h”. Mas, quando as traduzimos para o silabário japonês, フォ (*fo*) e ホ (*ho*) soam similares. フォ é a junção do フ (*fu*) e a versão reduzida¹⁶³ オ (*o*) em um só som. O problema reside no fato de que tanto o フ (*fu*) quanto o ホ (*ho*) estão na mesma linha do silabário – a linha h + vogal (a, i, u, e, o). Ou seja, muitas vezes, o *fu* de フ (*fu*) é pronunciado como *hu*, de forma que フ (*fu*) mais オ (*o*) formem um fonema parecido com *huo* ou *ho* – pois o “u” geralmente é silencioso. Este caso, em especial, ilustra uma das dificuldades que tive durante as explicações de *softwares* na escola técnica. Essa confusão poderia ter sido resolvida usando 倣う (*narau*, seguir) para *follow*, e 空っぽ (*karappo*, vazio) para *hollow*.

Foram poucos entrevistados que passaram por dificuldades em relação a dialetos. Pude contar em uma mão aqueles que estudaram fora da área metropolitana de Tóquio. Deles, apenas

¹⁶³ As versões reduzidas do silabário *katakana*, um equivalente a *semivogais* na língua portuguesa, usadas para indicar ditongos.

um relatou profunda adversidade ao chegar em 関西¹⁶⁴ (*Kansai*). Embora tenha estudado a língua japonesa por anos, o dialeto da região era bem diferente do que esperava encontrar, parafraseando: “*não importou o quanto havia estudado antes, foi um choque. Me senti bem inútil na hora que cheguei*”, continua, “*reconhecia apenas um ‘eco’ da língua japonesa nas falas das pessoas de Kansai*”. Porém, esse sentimento mudou em uma visita a Tóquio: “*Foi muito bom perceber que a dificuldade inicial era o dialeto, não era o japonês*”, admite.

A pessoa citada previamente, que não quis aprender o idioma japonês, havia aprendido “o básico do básico” antes de ir, mas, ao chegar à universidade, optou por não frequentar os seis meses de intensivo de idioma. Havia aulas de língua japonesa já inclusas no currículo da universidade, mas, parafraseando: “*A metodologia era muito ruim. Ensinavam um linguajar muito formal que não era utilizado no dia a dia. Quando saíamos na rua e falávamos com as pessoas, ninguém entendia o que tentávamos comunicar, ou riam da nossa cara*”. Com o passar do tempo, acabou desistindo de aprender japonês. No cotidiano, disse, não precisava falar a língua, pois no laboratório de pesquisa falava apenas em inglês, inclusive com o professor com quem trabalhava. “*O resto, eu ficava meio a par mesmo, não fazia questão*”, concluiu.

Essa decepção com a língua foi acompanhada pelo desencantamento com a prestatividade dos nativos. No primeiro momento ao chegar ao país, disse que seu professor alocou outros colegas japoneses para ajudar nas questões da chegada. Mas, “*era pior ainda, porque daí eles [os alunos] empacavam, sabe?*”, sentia que os colegas estavam dificultando mais do que se estivesse resolvendo por conta própria — mesmo sem o conhecimento do idioma. Quando os colegas tentavam resolver algo, tudo “*demorava mais, era mais complicado...*”, constatou. Sendo assim, recorria a — o que o pesquisador Stephen J. Moody chama de — 「外人パワー」¹⁶⁵ (*gaijin power*, poder [de ser] *gaijin*) para navegar os percalços do cotidiano.

Ou seja, trata-se da ideia de acionar a identidade *gaijin*¹⁶⁶ que lhe foi imposta, e todos os pressupostos que ela implica, de uma maneira benéfica ao indivíduo. Muitas vezes, essa prática envolve exagerar crenças a fim de manipular a (re)ação desejada do outro. Como, por

¹⁶⁴ Região composta pelas províncias de 大阪 (*Osaka*), 京都 (*Quioto*), 兵庫 (*Hyogo*), 奈良 (*Nara*), 和歌山 (*Wakayama*), 滋賀 (*Shiga*) e 三重 (*Mie*). A região é famosa pelo sotaque carregado, chamado de 関西弁 (*Kansai ben*, dialeto de *Kansai*).

¹⁶⁵ MOODY, Stephen J., **On Being a Gaijin: Language and Identity in the Japanese Workplace**, University of Hawai‘i at Mānoa, Honolulu, HI, 2014, cap. 1–2.

¹⁶⁶ *Ibid.*, p. 28.

exemplo, “*tem aquela coisa do café com leite, né? Que a gente estrangeira, café com leite, aí não precisa seguir todas as regras, eles [os japoneses nativos] abrem mão de algumas coisas*”. A ideia de que “*essas pessoas não são japonesas, logo não conhecem nossos costumes*”, descrita anteriormente, aqui surge como “*ser café com leite*” pelo olhar deste ex-bolsista. Este utilizou-se do seu *gaijin power* no cotidiano, completa: “*aprendi ao longo dos anos a utilizar muito isso [gaijin power], e aí as coisas funcionavam*”. Acredito que a não necessidade de entrar no jogo relacional de palavras e hierarquias presentes na sociedade japonesa, situação favorecida pelo ambiente acadêmico propício, foi de grande ajuda para que este bolsista tivesse a experiência MEXT positiva que relatou posteriormente na entrevista.

Todavia, saber a língua não é garantia de que você será *aceito* ou *integrado à sociedade*. Apesar do esforço do MEXT para que os bolsistas aprendam o idioma, o que muitos estrangeiros percebem é que os *nativos japoneses* não querem que você fale japonês. Digo-lhes isso com um exemplo próprio, que é muito comum entre os bolsistas: uma amiga neozelandesa de ascendência japonesa foi me visitar em Tóquio. Ela não tinha fluência na língua, apesar de conseguir entender algumas coisas por ter família ainda morando no Japão. Quando saímos para restaurantes, eu tomava a iniciativa e fazia nossos pedidos em japonês para os atendentes. Infelizmente, minha aparência não condiz com a (não) expectativa de que as palavras na língua japonesa saiam da minha boca, de forma que o atendente, na melhor das boas intenções, dirigia a palavra à minha amiga. Ela, confusa, olhava para mim em desespero por não ter compreendido. Novamente, eu fazia o pedido e respondia às perguntas do atendente em japonês para ser, mais uma vez, ignorada.

Tamanha é a frustração que um de meus interlocutores afirma que nem tenta falar em japonês no aeroporto quando retorna ao país. Acredita, disse, que os “*próprios japoneses*” não esperam que você — que não tem “*cara de japonês*” — fale a língua. Até que o atendente entenda que a pessoa fala japonês e que está se comunicando no idioma deles, a frustração é tão grande que se torna mais eficiente falar em inglês em lugares internacionais, como aeroportos. “*É o esperado*”, afirma. Contudo, este mesmo interlocutor admite que exagera nos 挨拶 (*aisatsu*, saudações) ao entrar em um táxi. Relata que muitos motoristas chegam a ficar mais tranquilos ao saber que seu passageiro sabe se comunicar na sua língua nativa. “*Puxa, que bom que você falou em japonês! Quando eu vi você me chamando na calçada, eu fiquei com medo, mas agora estou vendo que você fala japonês, fiquei aliviado — alguns taxistas chegam a dizer isso para mim*”, finaliza.

A falta de conhecimento do idioma por parte dos não-nativos se manifesta também nas relações sociais. Isso pode ser visto de forma positiva, como o bolsista que escolheu não aprender o idioma para evitar participar das obrigações que o sistema de linguagem impõe. Ou então, pode ser negativa, como no exemplo do ex-marido de uma das entrevistadas. O marido brasileiro a acompanhou durante o período de bolsa dela, mas não sabia se comunicar bem em japonês. Seu conhecimento era básico. Ele usava a forma do dicionário¹⁶⁷ para se comunicar e não utilizava honoríficos com as pessoas, demonstrando falta de compreensão das nuances culturais relacionadas à linguagem. Esse tipo de atitude refletiu nas relações interpessoais que sua esposa na época, a ex-bolsista, estava construindo. Ela relatou que “*as pessoas ficavam meio assustadas com o jeito que ele falava. Elas faziam as caras do tipo 建前¹⁶⁸ (tatemae), né? Nos tratando de forma mais ou menos polida. Aí, começaram a me chamar menos para as coisas, porque sabiam que ele iria junto*”.

Com base nestes relatos, percebemos que o aprendizado do idioma pode se tornar um aliado ou um obstáculo nas experiências dos bolsistas. Isso nos leva a questionar: até que ponto a barreira linguística é o principal obstáculo nas interações sociais e nas dificuldades práticas do dia a dia daqueles que foram ao Japão?

iii. O Cotidiano que te Molda:

Pelas entrevistas realizadas, percebi que o projeto de internacionalização da educação superior japonesa produziu, de certa maneira, resultados. Tive amigos bolsistas que estudaram em universidades japonesas onde o curso superior inteiro era realizado em inglês — fato que descobri anos após termos concluído nossos bacharelados. Dos entrevistados do curso de pós-graduação, boa parte relatou que apresentou seus trabalhos finais em inglês. Destes, poucos indicaram que o curso era dado inteiramente em língua estrangeira. Já os bolsistas dos outros programas relataram que os cursos em que estudaram eram inteiramente em japonês, salvo aqueles do programa de treinamento de professores, que não especificaram. Dito isso, no ambiente acadêmico, a comunicação com professores se provou desafiadora caso a proficiência no idioma relacional não fosse suficiente para alguma das partes.

¹⁶⁷ Vide Figura I, para referência.

¹⁶⁸ Significa a “postura” ou “fachada” pública, em contraste com os sentimentos que a pessoa realmente sente no interior.

Os bolsistas compartilharam que seus instrutores e professores de língua japonesa — seja de curso intensivo de seis meses ou da escola de línguas — os incentivaram a estudar e aprender cada vez mais. Um interlocutor contou que os professores do curso intensivo de seis meses *“tinham paciência, comemoravam a cada conquista, a cada entendimento de 漢字 (kanji) ou quando formavam frases corretamente”*, chegando a recompensar os alunos mais esforçados com jantares fora da escola. Outro relatou que, para ele alcançar a turma avançada, uma professora do intensivo ofereceu aulas particulares. A visão comum é que as pessoas que estavam ensinando a língua japonesa aos estudantes — pelo menos àqueles que tiveram aulas presenciais — eram bem *“legais”*, *“engraçadas”* e davam suporte aos bolsistas. Elas refutaram algumas das expectativas sobre o que *os japoneses*, em particular os *professores japoneses*, eram, de maneira otimista.

Em contrapartida, esses comentários não foram comuns quando eles passaram para a instituição principal do curso dos bolsistas. Um entrevistado comentou que seu orientador *“escrevia para quem entendia”*, de tal modo que, se questionado sobre a caligrafia no quadro, retrucava: *“Se você não sabe o que está escrito aí, o que veio fazer aqui?”*. Histórias sobre professores que eram tão rígidos ou mais que o meu da escola técnica estavam presentes em várias entrevistas. Descreviam que sentiam uma *“cobrança dos professores”*, dos *olhares* e *posturas* que lhes diziam: *“você tem que fazer isso. Se não fizer, você pode perder sua bolsa”*, como capturou um dos entrevistados. Esses bolsistas percebiam demonstrações de rigidez de seus professores e das autoridades das instituições primárias — aqui me refiro a universidades ou a escolas técnicas.

Dentre aqueles que foram entrevistados, houve três casos em que os alunos perderam a bolsa. Dois ocorreram em meio à pandemia da COVID-19, e o outro foi alguns anos antes. Destes, apenas um continuou os estudos no Japão, arcando com os custos. Como ele a perdeu, ilustra bem — a meu ver — a rigidez que os bolsistas tiveram que enfrentar. Enquanto esse bolsista estava passando as férias escolares no Brasil, ligaram para informá-lo de que as fronteiras do Japão iriam fechar por conta da disseminação da infecção. Se ele quisesse retornar ao Japão, teria que fazê-lo imediatamente. Por azar, o voo dele atrasou, e a fronteira já havia sido fechada ao pousar. Prenderam todos que estavam no voo e os deportaram. Ao comunicar a situação aos professores da universidade, estes informaram que as aulas seguiram de forma *online*. Apesar de todos os esforços do bolsista em assistir e participar das aulas de madrugada, e de ter avisado a escola sobre a situação, no final do semestre, os professores decidiram que as

provas seriam presenciais. Como as fronteiras não estavam abertas, ele não pôde retornar e prestar nenhuma prova. Sem ter feito sequer uma prova, foi reprovado em todas as matérias, e perdeu a bolsa. Quando as medidas restritivas foram se flexibilizando e as fronteiras reabrindo, o ex-bolsista retornou ao Japão. Decidiu que faltava pouco para completar o curso e que conseguiria se financiar até o término. Porém, passar por uma experiência assim teve efeitos duradouros relatados em privado.

As atitudes rígidas dos professores e seus assistentes, bem como das instituições a que são vinculados, são geralmente atribuídas ao fato de serem *japoneses*. O adjetivo 厳しい (*kibishii*, severo ou rigoroso) é comumente empregado. Por mais que tenham passado por situações que lhes causaram sofrimento, alguns bolsistas tentam ressignificar essas atitudes quando vindas de professores ou pessoas de hierarquia mais elevada, buscando vê-las como oportunidades de crescimento e amadurecimento. Já outros se culpabilizam por não conseguirem compreender tais atitudes. “*Eu não sabia se era xenofobia do professor por não querer falar com estrangeiro. Eu não sei se o professor estava encabulado porque meu japonês não era 100%. Ou então, se ele estava com medo de falar e eu não entender. Eu não sei, eu não sei se é assim que funciona no Japão*”, disse um deles, pensativo. Outro, ao falar de sua experiência, concluiu: “*acho que o professor não entendia que aquilo [aquelas atitudes] era tóxico*”.

Alguns bolsistas, quando entrevistados, admitiam que a boa relação que mantinham com seus orientadores, especialmente no caso dos bolsistas de pós-graduação, era mais um presente da Deusa Fortuna do que qualquer outra coisa. Isso porque, ao seu redor, viam outros bolsistas que não compartilhavam da mesma sorte. Sendo assim, estes recomendam aos futuros estudantes que tomem certas precauções, visto que há a chance de “*pegar uma pessoa que, numa orientação, é extremamente agressiva ou assediadora. E, uma vez que estão no Japão, não têm muito como voltar [atrás]*”. Alertam para verificar bem o laboratório para onde vão: “*laboratório com estrangeiros é um bom sinal*”, recomenda um deles, “*porque você já tem a garantia de que o orientador tem experiência em lidar com culturas diferentes*”. Afinal, como concluiu um deles, “*é melhor se salvar*”.

As dificuldades no cotidiano não se resumiam às instituições acadêmicas. Como mencionado no anteriormente, muitas vezes os bolsistas eram postos nas margens ou em moradias precárias, depois do período que passavam nos dormitórios obrigatórios. Felizmente, alguns pós-graduandos residentes na área metropolitana de Tóquio conseguiram vagas em

dormitórios internacionais localizados em Odaiba — uma ilha artificial na baía de Tóquio. Esses dormitórios “*respeitavam a metragem quadrada ideal para uma pessoa ou para duas pessoas, o que favorecia a saúde mental de seus moradores*”. Além disso, “*o local era superprivilegiado e um monte de estudante do MEXT morava ali*”, comentou um dos antigos residentes. A má notícia era que estes dormitórios eram exclusivos para “*pesquisadores internacionais. Estes passavam por um processo de análise que considera qual bolsa você está fazendo, quanto tempo você está ficando, e qual o ranking da sua universidade*”. Ou seja, os bolsistas que não estavam no programa de pós-graduação não podiam se inscrever para residir no local, bem como aqueles que não estudavam na província.

Sendo assim, os estudantes de outros cursos tiveram que procurar moradia por outros meios. Usar uma corretora, *online* ou presencial, na busca de residências não era incomum. Assim como, sites tais qual o *Craigslist.org* que visam atender o público estrangeiro, mas — que na minha época — era necessário explorar com ressalvas. Golpes e taxas adicionais eram cobrados dos desprevenidos. Dito isso, no sistema imobiliário japonês já existem várias taxas que são cobradas independentemente da nacionalidade. Estas são o 敷金 (*shikikin*, depósito [que será devolvido]), 保証金 (*hoshoukin*, depósito [que será parcialmente devolvido]), 礼金 (*reikin*) e, dependendo do tipo de moradia, o 共益費 (*kyouekihi*, taxa do condomínio) ou o 管理費 (*kanrihi*, taxa de administração), que são taxas mensais.

O 敷金 (*shikikin*) é um valor depositado ao locador, que funciona como uma apólice de seguro para a 原状回復 (*genjyoukaifuku*, restauração [do apartamento] ao estado original). Os custos de limpeza e reparos são deduzidos deste valor, o mesmo ocorrendo caso o atual morador atrase o pagamento do aluguel. Geralmente, esse montante cobrado equivale a um ou dois meses¹⁶⁹ de aluguel. Se os moradores não danificarem o local, o valor é devolvido integralmente — contudo, há locadores que sempre deduzem uma parte, afirmando ser a taxa de limpeza, mesmo que o local esteja impecável. A modalidade 「敷金 0」 (*shikikin zero*) significa que não há custos adiantados, mas é provável cobrarem qualquer custo de limpeza ou reparo do inquilino no momento da mudança.

¹⁶⁹ Ou, três meses de aluguel, caso não estejam cobrando o *reikin*, ou se o imóvel for grande. Se o locador permitir animais, o valor do depósito também aumenta.

O 保証金 (*hoshoukin*) é praticamente a mesma coisa, mas mais prevalente na região de Kansai. Tende a ser consideravelmente mais caro, pois inclui um tipo de 礼金 (*reikin*) ao locatário. O valor costuma ser de três a dez meses de aluguel, e nem toda quantia é restituída. Em *Kansai*, também há o 敷引き (*shikihiki*, taxa de restauração não reembolsável). Esse depósito representa uma dedução incondicional de *n* meses de aluguel do valor depositado. Mesmo que os reparos custem menos e haja um excedente, este não será devolvido ao locatário.

Talvez a taxa mais detestada seja a 礼金 (*reikin*). Ela literalmente significa “dinheiro de agradecimento” — 礼 (*rei*) = gratidão, e 金 (*kin*) = dinheiro —, ou *key money* em inglês. Este é o valor pago ao locador para agradecê-lo por permitir a possibilidade de aluguel da propriedade, ou simplesmente como uma espécie de “suborno”. Infelizmente, custa por volta de meio a dois meses de aluguel. No entanto, o número de locadores que não estão exigindo o *reikin* está aumentando, facilitando a procura por imóveis 「礼金なし」 (*reikin nashi*, sem *reikin*).

Além de os bolsistas terem que conhecer essas taxas e os possíveis golpes, é de extrema importância que verifiquem se o imóvel foi reformado para eventuais desastres naturais, se está em boas condições e a vizinhança onde ele está localizado. Casas infestadas de pragas, como baratas e percevejos de cama — também conhecidos como *bedbugs*; com vizinhos 引きこもり (*hikikomori*) acumuladores de lixo — vulgo, ゴミ屋敷 (*gomi-yashiki*); casas estigmatizadas¹⁷⁰; em distritos vermelhos; ou em localidades mais afastadas dos centros, foram algumas das situações de alojamento que os ex-bolsistas relataram.

Na situação dos percevejos, o bolsista informou à corretora e esta, por sua vez, informou que já haviam tido problemas com o vizinho acumulador de lixo. Ele morava no local há muito tempo, a ponto de ser isolado em um corredor próprio. Segundo o interlocutor, a corretora ofereceu ao vizinho a dedetização do local, mas a oferta foi recusada. Contudo, os bolsistas que residiam no apartamento desembolsaram com remédios para as mordidas, lavanderia, colchões novos e produtos para limpar e dispersar os insetos, mas a corretora não os ajudou financeiramente. “*Gastei muito dinheiro*”, o bolsista relatou, “*e o pessoal da corretora falou:*

¹⁷⁰ Vide página 61.

‘Não, a gente não pode pagar nada’”, mas o que mais o revoltou foi: “Como vocês [a corretora] deixam um cara desse morar lá? É por dinheiro?”. Continuou: “As corretoras prometem coisas muito bonitinhas na hora que você assina o contrato, mas depois elas te tratam com descaso”. “A gente começou a ter trauma de voltar para casa”, concluiu.

O que eu descrevi acima são apenas alguns dos gastos financeiros e temporais para alugar um imóvel no Japão. Além dos valores já mencionados, a corretora ou o locador costuma cobrar a 鍵交換費用 (*kagi koukan hiyou*, despesa de substituição de fechaduras) — que varia entre doze e trinta mil ienes, cobrada uma única vez. Há também o 火災保険 (*kasai hoken*, seguro de incêndio) — com valores entre dez e vinte mil ienes, pago a cada dois anos —, a exigência de um 保証人 (*hoshounin*, fiador) — que pode ser uma pessoa física específica ou uma companhia, a 保証会社 (*hoshou gaisha*) — e até mesmo uma 仲介手数料 (*chuukai tesuuryou*, taxa de intermediação [por parte da corretora]). Legalmente, essa taxa equivale a meio mês de aluguel, mas muitos cobram o valor de um mês inteiro. Não é difícil perceber como a mudança de alojamento se torna um dos maiores estresses vividos pelos bolsistas. Por isso, muitos procuram dormitórios ou compartilham casas com outros bolsistas, colegas ou companheiros amorosos. Dos meus entrevistados, apenas um relatou que lhe foi concedida moradia sem custo monetário, em permuta por ajuda com tarefas no terreno do proprietário. Esse bolsista estudava em uma universidade no interior, longe de Tóquio.

As dificuldades cotidianas, todavia, não se encerravam nas questões de moradia e na burocracia envolvida. As particularidades do sistema de saúde japonês emergiram como mais um ponto de conflito na experiência dos bolsistas. Embora reconhecidamente barato, público e acessível, muitos bolsistas o percebiam como falho em diversos aspectos, gerando um contraste com a imagem de *país de primeiro mundo*.

No meu caso, quase morri de uma *infecção* não identificada (mas insinuada como salmonela) que foi mal diagnosticada de *gripe* por quatro clínicas gerais diferentes. Até que, depois de ter sido levada e recebido alta da emergência de um hospital na madrugada, liguei para a embaixada brasileira — número escrito no *Manual do Bolsista* — e pedi ajuda para encontrar um local que fale pelo menos inglês, pois os médicos japoneses não me entendiam. Na clínica indicada, uma enfermeira *dekasegi* me atendeu e, após conferir os exames de sangue que eu demandei, mandou-me ser internada imediatamente. Ela me deu um *post-it* com o nome

do hospital e avisou-me que o médico que falava inglês iria me atender. Peguei um táxi para o hospital, no estado em que estava, e passei quase uma semana internada.

Um dos bolsistas que estudou na área da saúde comentou que “*o plano de saúde do governo japonês cobre o mínimo necessário para você ter saúde. Se você fizer qualquer coisa além disso, é uma extravagância, é um luxo*”. Este comentário me fez refletir sobre o que seria “saúde”, ou melhor dizendo, “*ter saúde*”, no contexto japonês.

O relato de outro entrevistado que perdeu a bolsa — que no caso largou o programa — nos ajuda a pensar. A pessoa em questão estendeu a bolsa de pesquisa ao doutorado, que, de acordo com ela, “*é o que todos ali [no Japão] fazem para continuar vivendo no país. É o percurso certo: vai para fazer alguma bolsa do MEXT, fica os anos inteiros desse curso estudando, se formando e, aí, emenda no próximo*”. Apesar de ter cursado o mestrado no mesmo departamento e universidade em que estendeu a bolsa, não se sentiu preparado para realizar as tarefas requeridas no programa, pois passou de um mestrado prático para um doutorado teórico. “*Eu tentava escrever uns artigos e mostrar aos professores, e falavam assim, ‘é, isso aqui está bem amador, né? Refaça do zero’*. Eu ficava assim, ‘cara, não estou prestando nem pra isso’”, continuou, “*Sentia um senso de incompetência imenso. Talvez não fosse verdade, mas era a sensação que tinha. Estava sendo muito difícil psicologicamente*”. Decidiu deixar o curso após o primeiro ano do doutorado. Compartilhou que foi uma decisão difícil, mas, ao observar seus colegas, percebia que “*uma era alcoólatra, outra estava dopada de remédio o tempo inteiro, a outra passou a vida inteira estudando e a outra falava a língua fluentemente*”. No final, constatou que foi “*uma questão de saúde mental mais do que qualquer outra coisa. Eu voltei suicida para o Brasil. Voltei sem vontade de viver de verdade. Eu estava pesquisando métodos. Querendo sumir*”. Em um momento da entrevista, indagou-se: “*como é que você realiza seu sonho e ele é ruim?*”.

Do relato acima, gostaria de apontar certos temas: 1. A questão da saúde mental pela ótica dos bolsistas e 2. A questão do uso do álcool no Japão. A terceira, que abordarei rapidamente, é sobre a extensão da bolsa. Apenas cinco dos entrevistados estenderam a bolsa para o nível de escolaridade seguinte. Destes, apenas um, o que largou, não concluiu o curso. Porém, todos que estenderam eram do programa de pós-graduação que foi do mestrado para o doutorado. Como já mencionado, a extensão de outros programas foi dificultada nos últimos anos.

Figura VII – Fotografias de Paweł Jaszczuk



Cenas de *salarymen* dormindo nas ruas. Capas e *spreads* dos livros *Salaryman* (topo) e *High Fashion* do fotógrafo Paweł Jaszczuk. **Fonte:** Jaszczuk, 2025

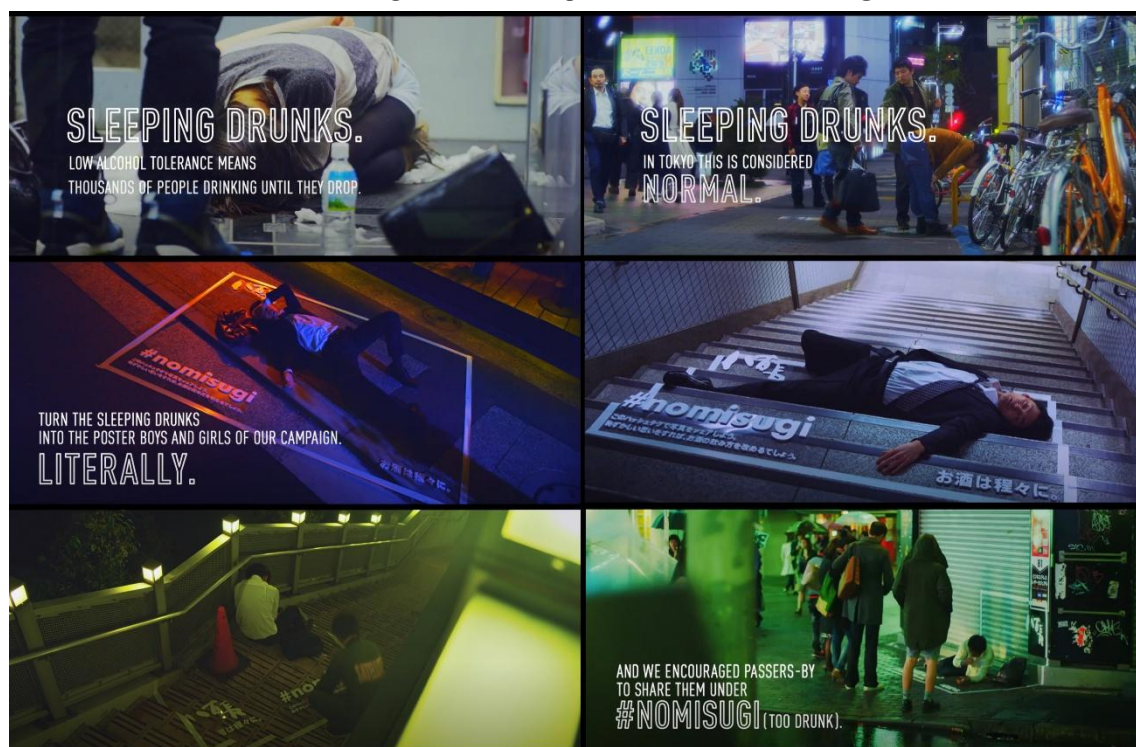
De forma não convencional, começarei pelo segundo ponto: a questão do uso de álcool no Japão. Para quem andou pelas ruas das grandes metrópoles japonesas, a visão de homens e mulheres em uniformes de trabalho¹⁷¹ dormindo em ruas, escadarias, estações ou encostados nas paredes ou esparramados nos bancos dos trens é comum. As cenas deles vomitando, gritando, cambaleando ou até urinando na rua contrastam com o imaginário de ordem e harmonia¹⁷² que o Japão transmite ao exterior. Não só tive um colega bolsista, estudante de fotografia, que fez uma coleção de fotos desses *salarymen* dormindo em estações, como há outros fotógrafos que se intrigam ao se depararem com essas cenas. Um deles, Paweł Jaszczuk, fotógrafo polonês, publicou dois livros com essa temática, *Salaryman* e *High Fashion*. Em 2014, o Yaocho Bar Group lançou uma campanha publicitária sob a *hashtag* #Nomisugi (飲み過ぎ, *nomisugi*, beber excessivamente), a fim de “envergonhar as pessoas a se comportarem”¹⁷³. A campanha consistia em transformar os bêbados dormindo na rua em *cartazes vivos* e incentivar os espectadores a compartilharem fotos nas mídias sociais usando a *hashtag*.

¹⁷¹ Aqui me refiro a paletós pretos, calças ou saias abaixo do joelho também pretas, sapatos pretos e blusas sociais brancas, com ou sem gravatas em cores neutras. Esse é o *dress code* dos サラリーマン (*salaryman*, *salarymen*).

¹⁷² Vide nota 103, p. 44.

¹⁷³ The Sleeping Drunks Billboard by Yaocho Bar Group #NOMISUGI, [s.l.: s.n.], 2017.

Figura VIII – Campanha Publicitária #Nomisugi



Cenas do vídeo “The Sleeping Drunks Billboard”, no canal do Yaocho Bar Group no Youtube. **Fonte:** “The Sleeping Drunks Billboard by Yaocho Bar Group #NOMISUGI”, 2017

Felizmente, as pessoas mais diurnas não presenciam tais cenas com frequência. Acredito que seja por isso que Juha Partanen inicia o seu texto dizendo que “o fato significativo sobre o álcool e o consumo de bebidas alcoólicas no Japão é que ele nunca foi considerado um grande problema social, e que foram tomadas poucas medidas contra sua produção ou uso”¹⁷⁴. Recordo-me de que, por volta das cinco da manhã, horário em que retirava o lixo dos estabelecimentos nos quais trabalhei, via pessoas limpando as avenidas mais famosas de Tóquio, antes que os turistas e crianças saíssem de casa. Nesse horário, a maioria dos estabelecimentos noturnos já estava fechada para clientes, e as linhas de trem já haviam voltado a funcionar. Poucos *salarymen* continuavam a dormir nas ruas; boa parte já estava retornando para casa para trocar de roupa, indo a *konbini* comprar blusas novas ou indo a まんが喫茶¹⁷⁵ (*manga kissa*, *manga café* ou *internet café*) tomar banho e trocar de roupas antes do próximo expediente começar.

¹⁷⁴ No original, “The significant fact about alcohol and drinking in Japan is that alcohol has never been regarded as a major social problem, and few measures against its production or use have been taken.” PARTANEN, Juha, Spectacles of Sociability and Drunkenness: On Alcohol and Drinking in Japan, *Contemporary Drug Problems*, v. 33, n. 2, p. 177–204, 2006, p. 177.

¹⁷⁵ 喫茶 (*kissa*) é uma abreviação de 喫茶店 (*kissaten*), ou loja de café/chá.

Apesar de Partanen argumentar que

“[...] De fato, esse é o principal objetivo da bebida, a obtenção de uma sociabilidade desinibida. A ênfase é colocada no compartilhamento comum de experiências, com tudo feito para eliminar as barreiras de hierarquia entre os participantes e criar uma estrutura para relações igualitárias. Os participantes geralmente escolhem a mesma bebida, e todos comem os mesmos pratos.”¹⁷⁶ [grifo meu]

Os bolsistas não necessariamente percebiam da mesma forma. Alguns entrevistados comentaram que foi uma época em que beberam bastante e que os encontros com colegas dos orientadores eram divertidos. Outros sentiam que os 飲み会 (*nomikai*, encontros para beber) eram algo forçado e que as pessoas de hierarquia mais alta os forçavam a beber. Um relatou que era como se estivesse fazendo “uma hora extra”. No entanto, alguns viam isso como algo positivo para a sociedade japonesa, “já que vão ter que viver a vida trabalhando, pelo menos tentam fazer o trabalho um pouquinho mais divertido”, comenta um deles. Um veterano comentou que “[o pessoal no Japão bebia] só enquanto estivesse acordado”, e compartilhou que “tinha um vizinho, que era dono de um bar ou qualquer coisa assim. Ele chegava bêbado todo dia. Quatro anos seguidos, esse cara chegou bêbado. E todo dia a mulher dele dava uma bronca nele”.

O comentário que mais me chamou a atenção foi o de um dos ex-bolsistas, que afirmou: “o álcool parecia dar uma carta branca social para as pessoas, principalmente para os homens”. Essa observação se alinha, parcialmente, ao trecho de Partanen¹⁷⁷. “Não havia nada que você fizesse bêbado que alguém ia te repreender socialmente no dia seguinte”, relatou este interlocutor. “Por pior que fosse o comportamento, isso não ia ser dito nem discutido”, continuou,

“Havia uma certa desculpa, ‘Ah, eu estava bêbado’. Então, está explicado. E também tinha o fato de que era incomum ter mulheres bebendo quando os homens saíam para beber. Parecia ser muito mais para uma proteção delas, porque dava-se carta branca para quase tudo que homem fizesse quando estava bêbado e... inibições sociais eram perdidas.”

¹⁷⁶ No original, “[t]his is indeed the main purpose of drinking, **the attainment of uninhibited sociability**. Emphasis is placed on common sharing of experience, with everything done in order to **eliminate the barriers of hierarchy** between the participants and to create a frame for **egalitarian relations**. Drinkers usually choose the same drink, and everybody eats the same dishes.” [grifo meu] PARTANEN, *Spectacles of Sociability and Drunkenness*, p. 91.

¹⁷⁷ O trabalho de Partanen relata explicitamente as relações contemporâneas de bebidas *entre homens*, não explicitando relações *entre gêneros*.

O ex-bolsista terminou este relato comentando que ninguém dizia quais eram os incidentes, apesar de alertá-lo para “*tomar cuidado com fulano quando ele bebesse*”. Ele percebia que seus companheiros tinham medo e receio de compartilhar detalhes dos incidentes. O próprio ex-bolsista complementou: “*mas é uma coisa que a gente não passa adiante, né?*”.

Apesar de o *nomikai* e, por consequência, a ideia do 飲みニケーション (*nomi [commu]nication*) insinuarem uma abolição das relações hierárquicas, a realidade é que essa abolição é performática. A hierarquia permanece antes, durante e depois do evento. Partanen traz a ideia de Dádiva¹⁷⁸, de Marcel Mauss, para descrever uma das etiquetas da bebedeira no Japão: não se pode encher o próprio copo com bebidas; é preciso também segurar o copo com as duas mãos enquanto o servem. E, de acordo com o autor, é obrigatório *retribuir* o ato¹⁷⁹. Nos *nomikai*, em especial aqueles que não são com amigos próximos, a pessoa com maior hierarquia terá sempre seu copo preenchido por outros. Ao brindarem, aqueles de hierarquia menor posicionam o copo um pouco abaixo dos seus superiores. Se mulheres estiverem presentes, espera-se que elas encham o copo dos homens e sirvam a comida.

A pressão exercida por pessoas de hierarquia superior sobre os subordinados para que saiam para beber após o dia de trabalho é outra manifestação dessa dinâmica. Os superiores os obrigam a permanecer nos bares até que o chefe decida ir embora — muitas vezes após o último trem — e sem poder recusar bebidas até que o chefe diga basta. Por vezes, continuam a *diversão* em karaokês e seguem bebendo até não aguentarem mais em pé, mesmo que tenham que trabalhar pela manhã. Quando satisfeitos, os chefes chamam táxis para irem para casa, ao passo que os inferiores dormem nas ruas, nas まんが喫茶 (*manga kissa*), em *love hotels*, ou, até mesmo, em karaokês. Eu mesma cansei de ter que limpar os quartos do Karakan pós-*nomikai* de *salarymen*, muitas vezes tendo que acordá-los para que saíssem do estabelecimento.

Enquanto a bebida alcoólica — sob o pretexto de *carta-branca* — explicita tensões hierárquicas, os relatos de assédio revelam uma camada ainda mais inquietante: as desigualdades de gênero. Nos *nomikai*, os brados de 乾杯 (*kanpai*, brinde) soam mais fracos que o eco do silêncio imposto às mulheres. O cotidiano expõe cruelmente como elas enfrentam

¹⁷⁸ Resumidamente, para Mauss, a Dádiva é um sistema de relações que se fundamentam na obrigatoriedade de **dar**, **receber** e, sobretudo, **retribuir**. MAUSS, Marcel, **Sociologia e antropologia**, São Paulo: Cosac Naify, 2007, pt. II.

¹⁷⁹ PARTANEN, Spectacles of Sociability and Drunkenness, p. 190.

pressões adicionais — muitas vezes traduzidas em assédio e exclusão. Decifrar códigos culturais implícitos não basta, é preciso suportar fronteiras invisíveis que colocam sobretudo as mulheres em condição de vulnerabilidade. Entre goles forçados e olhares invasivos, a vida social transforma-se em um campo minado.

Três das cinco mulheres ex-bolsistas que entrevistei compartilharam episódios de algum tipo de assédio durante seu tempo de moradia no Japão. Tapas em lugares inapropriados, comentários de cunho sexual, exclusão social, olhares inadequados — a lista é longa. Assim como minhas *kouhai* e *senpai*, sofri assédios durante o período no país. Uma das interlocutoras comentou de passagem que “*acredita que o feminismo no Japão estacionou nos anos 80, se muito. Até hoje, o pessoal fala que uma casa lá tem mais direitos que uma mulher*”. Certamente, o tema de *ser mulher no Japão* é complexo e interessante, contudo, não me deterei neste tema no presente trabalho.

A despeito disso, compartilho brevemente uma fala de uma das interlocutoras que me fez refletir sobre a minha situação pessoal no Japão. Quando ela compartilhou sua história, comentou que “*sentia uma pressão para se encaixar em um papel social previsível: ou você é uma mulher feminina, ou você é um menino*”. Ou seja, ou você usa vestidos e maquiagem, é uma “*boa esposa*”, usa avental e é “*uma bonequinha*”; ou você é máscula, com “*cabelo curtinho e roupa de menino*”. E, no caso dela, “*se sentia um pouco rejeitada, porque as pessoas não sabiam lidar com o tomboy*”. O mesmo aconteceu comigo. Eu gostava muito de usar vestidos e saias antes de ir ao Japão, mas, pelas fotos, era possível ver que eu me cobria cada vez mais ao passar dos anos. As saias ficaram longas, até o chão; não havia decotes maiores que dois dedos do pescoço; e só usava blusas com mangas. Sem perceber, comecei a me vestir como um menino. De cabelo curto, usando ferramentas de construção de cenário e de eletricista, sem maquiagem e rejeitando as imposições sociais de performar papéis *femininos*, protegendo-me de assédios e olhares indevidos.

Criar estratégias de autoproteção pode ser um processo consciente. “*Uma forma de me blindar foi não saber o japonês*”, compartilhou um ex-bolsista sobre sua estratégia, “*porque daí eu não estava nem aí. Eu não sabia o que estava acontecendo, estava no meu mundo perfeito que eu criei — que só vivenciava o que eu queria vivenciar. Eu acho que isso me fez durar tanto no Japão*”. Já alguns criaram associações de alunos estrangeiros ou brasileiros em suas respectivas universidades a fim de formar uma rede de apoio e construir uma comunidade. Outras estratégias podem ter sido formadas inconscientemente, como uma mudança nos modos

de vestir ou de se portar para se encaixar em uma categoria ou ideal imposto por terceiros, como na situação que Dorinne Kondo compartilha em seu artigo *Dissolution and Reconstitution of Self*¹⁸⁰.

Às vezes, mesmo com estratégias de autoproteção, um não sai ileso. Relatos de crises de ansiedade, depressão, insanidade e pensamentos suicidas — e até mesmo casos de tentativas (incluindo as bem-sucedidas) — emergiram como vagalumes durante nossas conversas, surgindo e desaparecendo rapidamente. Ainda quando eram relatos sobre terceiros: de colegas de turma dos entrevistados, de outros bolsistas de diferentes nacionalidades ou de ex-bolsistas que já moravam no Japão há anos pós-bolsa.

Admito que foi muito doloroso lidar internamente com esses dados. Escutar que um jovem bolsista, vindo de uma linhagem de bolsistas, precisou ser *resgatado* do Japão por *ter enlouquecido*. Ou, que um bolsista não respondeu no grupo do *LINE* dos amigos por uma semana e, quando os amigos o procuraram para entender o que aconteceu, descobriram o apartamento vazio após a vizinha ter chamado a polícia por conta do odor. Há também relatos de bolsistas enlouquecendo ao ponto de apenas falarem a língua nativa ou não conseguirem dormir por dias, obcecados em *como* encarar o orientador; e até mesmo de serem internados em instituições mentais. Essas histórias não são triviais ao ponto de serem banais. Contudo, elas não são divulgadas nem compartilhadas publicamente — ficam nos bastidores ou presas no silêncio.

Os bolsistas que retornaram ao Brasil nos últimos anos relataram que algumas universidades oferecem *counseling* ou aconselhamento psicológico aos estudantes que os procurarem por ajuda. Aqueles que passaram o período da pandemia da COVID-19 em terras nipônicas mencionaram a necessidade de acompanhamento psicológico e a busca por alguma forma de apoio. Nem todos os que procuraram auxílio por meio das instituições de ensino foram bem-sucedidos. As instituições que disponibilizavam uma *hotline* para sessões de terapia tinham filas de espera e vagas limitadas. Por outro lado, um dos bolsistas que conseguiu acompanhamento “*até se surpreendeu com a qualidade, porque todo mundo fala mal do acompanhamento psicológico japonês*”. Para além desses dados, os bolsistas pediram para manter sigilo.

¹⁸⁰ KONDO, Dorinne K., *Dissolution and Reconstitution of Self: Implications for Anthropological Epistemology*, *Cultural Anthropology*, v. 1, n. 1, p. 74–88, 1986.

É possível contextualizar certos aspectos relacionados ao que os bolsistas perceberam como saúde mental no Japão, sendo um deles o período da pandemia da COVID-19. Os dados mostram que o governo japonês impôs diversas medidas para conter a propagação, como o fechamento de escolas no começo de março de 2020, e declarar estado de emergência em áreas metropolitanas já em abril¹⁸¹. Contudo, o fizeram

*“[s]em introduzir medidas de confinamento ou restrições rigorosas à circulação interna durante o estado de emergência, as autoridades solicitaram que as empresas não essenciais fechassem ou optassem pelo trabalho remoto e solicitaram que lojas e restaurantes operassem com horário reduzido. O estado de emergência foi suspenso em 25 de maio de 2020”.*¹⁸²

Apesar de o estado de emergência ter sido suspenso em maio, os relatos dos interlocutores indicam que o governo acionava e suspendia esses estados sucessivamente. Um deles comentou sobre a situação: *“Então, foi um ida e volta, sabe? E o negócio de fechar [as lojas] mais cedo e deixar as pessoas em casa não estava resolvendo. A galera continuava saindo”*. Mesmo com essa ilusão de liberdade, o isolamento social foi agravado.

Por um lado, na fase inicial da pandemia, o Japão experienciou um declínio nos números de suicídios. Ueda et al.¹⁸³ acreditam que isso pode ser explicado por *“uma maior conexão social em tempos de crise”*. Argumento que corrobora a experiência de um dos ex-bolsistas que estava no Japão em 2012, durante o incidente de Fukushima. Este viu colegas *“se voluntariando a ir a Tohoku¹⁸⁴ para poder fazer busca, levar comida, ajudar com os socorros. Eles haviam organizado caravanas para irem ajudar”*, relatou que o sentimento de altruísmo e compaixão foi enorme ao ponto de não ter ido apenas porque o Monbusho não permitiu. O sentimento de

¹⁸¹ UEDA, Michiko; NORDSTRÖM, Robert; MATSUBAYASHI, Tetsuya, Suicide and mental health during the COVID-19 pandemic in Japan, **Journal of Public Health**, v. 44, n. 3, p. 541–548, 2022, p. 542.

¹⁸² No original: “The Japanese government has imposed several measures to stem the tide of the pandemic. School closures started in early March, and the government declared a state of emergency in major metropolitan areas on 7 April 2020, which was extended to the rest of the country on April 16. Without introducing lockdown measures or strict domestic movement restrictions during the state of emergency, authorities requested nonessential businesses to close or opt to work remotely and requested stores and restaurants to operate for reduced hours. The state of emergency was lifted on 25 May 2020”. Ibid.

¹⁸³ Ibid., p. 544.

¹⁸⁴ 東北地方(Touhoku chihou, região de Tohoku), que abrange as prefeituras de 秋田 (Akita), 青森 (Aomori), 岩手 (Iwate), 福島 (Fukushima), 宮城 (Miyagi) e 山形 (Yamagata).

conexão entre pessoas pode ter servido como “*um fator protetivo em relação aos riscos de suicídio*”¹⁸⁵, contribuindo para o declínio inicial.

Todavia, já em julho de 2020, o número de suicídios excedeu o dos últimos três anos. Em particular, houve um aumento significativo de suicídios entre jovens mulheres com menos de trinta anos. Ademais, durante a segunda fase da pandemia, a média mensal de suicídios de estudantes e “donas de casa” disparou em comparação com a dos anos passados¹⁸⁶. Somando-se aos suicídios — muitos divulgados na mídia, em especial de celebridades —, as aulas majoritariamente *online* e a imposição de estudos solitários por longos períodos possivelmente afetaram o emocional e a saúde mental dos estudantes universitários¹⁸⁷, e certamente afetaram o dos ex-bolsistas entrevistados. O terceiro entrevistado que desistiu da bolsa o fez neste momento e por motivos correlatos.

Em geral, a saúde mental no Japão tem uma má reputação entre os bolsistas. Isso se aplica tanto à noção de saúde mental no contexto nipônico quanto aos tratamentos que eles possam necessitar. Não há, no Japão, a existência de tratamentos institucionais para atender os bolsistas do MEXT que passam por situações relativas ao que eles categorizam como questões de saúde mental. Acredito que essa questão em específico é muito mais profunda do que a simples inexistência de tratamento. Em síntese, o que os bolsistas enquadram nessa categoria pode ser o resultado de um *encontro malsucedido com a alteridade*. Ou seja, vai além de uma suposta falta de adaptação individual ao novo ambiente: seria a incapacidade da sociedade japonesa de lidar com as necessidades do *Outro* — nesse caso, *gaijin*.

Todavia, essa visão é apenas a metade da história. Apesar de certamente haver uma falta de reconhecimento generalizado daqueles categorizados como *gaijin* na sociedade japonesa — descrita no Capítulo 04 —, o que se manifesta em situações cotidianas e contribui para um tipo de sofrimento psíquico específico. Isso afeta também os *nativos*. A falta de tratamento institucional, portanto, não é um descuido ou malícia, mas uma consequência de um *double bind*: a própria *cultura* que gera a invisibilidade do *Outro* e o sofrimento psíquico não possui as ferramentas para reconhecê-lo e tratá-lo. pois, em sua concepção, esse problema não deveria sequer existir. É uma situação contraditória: o problema e a solução não podem coexistir. Cria-

¹⁸⁵ UEDA; NORDSTRÖM; MATSUBAYASHI, Suicide and mental health during the COVID-19 pandemic in Japan, p. 546.

¹⁸⁶ *Ibid.*, p. 543–544.

¹⁸⁷ *Ibid.*, p. 546.

se, assim, uma barreira intransponível para aqueles que buscam ajuda, como veremos a seguir: não é um fenômeno recente.

Naotaka Shinfuku, psiquiatra japonês nascido na Ilha Formosa e ex-Consultor Regional em Saúde Mental da Organização Mundial da Saúde (OMS), publicou um trabalho interessantíssimo sobre a história do cuidado com a saúde mental no Japão em 2019, pouco antes da COVID-19. Shinfuku foi influenciado por seu pai, também psiquiatra, que trabalhou com soldados japoneses em Taiwan durante a Segunda Guerra Mundial. De acordo com o autor, seu pai mencionou que quase todos os pacientes eram diagnosticados com *psicose malárica*, pois diagnosticar soldados japoneses com esquizofrenia, depressão ou neuroses *não era permitido*¹⁸⁸. Seu artigo abrange desde o século XVII até antes da pandemia, mas o que chamo a atenção aqui é o período que vai do *boom* econômico (1955 a 1973) até a segunda década do século XXI.

Durante o *boom* econômico, os pacientes institucionalizados eram mantidos isolados do mundo. Suas cartas eram censuradas, não podiam realizar telefonemas e, muitas vezes, seus familiares sequer solicitavam a alta deles¹⁸⁹. “*As doenças psiquiátricas eram fortemente estigmatizadas e consideradas incuráveis*”¹⁹⁰, de modo que os pacientes eram mantidos *fora do olhar* da sociedade. Décadas se passaram e muitos aspectos continuaram os mesmos. Shinfuku aponta que, em 2019, muitos pacientes psiquiátricos são mantidos em clínicas fechadas e, se comparado ao resto do mundo, o país tem o maior número de leitos psiquiátricos em números absolutos e relativos, além de apresentar um tempo de duração de internação extremamente longo para os padrões internacionais¹⁹¹. E, como um dos bolsistas que estive no Japão na segunda década do século XXI resume: “*A saúde mental é uma coisa muito tensa no Japão. Há muitos japoneses que não reconhecem isso como doença. Se alguém falar ‘estou com depressão’. A resposta é ‘não importa, vai trabalhar’*”. Ao se recompor, continuou: “*Então, se nem para uma gripe você pode pedir dia de folga, ou sei lá, falar que está doente, imagina com depressão?*”.

¹⁸⁸ SHINFUKU, Naotaka, A History of Mental Health Care in Japan: International Perspectives, *Taiwanese Journal of Psychiatry*, v. 33, n. 4, p. 179, 2019, p. 182.

¹⁸⁹ *Ibid.*, p. 184.

¹⁹⁰ No original: “**Psychiatric diseases were strongly stigmatized and considered as incurable. Patients could seldom complain. Family members were reluctant to ask for discharge for their family members. Hospitals were keen to keep as many patients as possible and as long as possible to make profit. Few peoples paid attention to the human rights of inpatients.**” [grifo meu] *Ibid.*

¹⁹¹ “In 2019, Japan has still the biggest number of psychiatric beds in absolute and relative terms in the world. Many patients are still treated in closed wards. Their average length of stay is extremely long for international standard.” *Ibid.*, p. 190.

Uma das explicações é histórica. Desde antes da Era *Meiji*¹⁹² (1868-1912), a saúde do espírito e a física eram tratadas de maneira holística no Japão. Essas técnicas eram influenciadas pelo 漢方医学 (*kampou igaku*, medicina chinesa, referida apenas como 漢方, *kampou*) — sendo que 漢 = *kan*, China/Sino, e 方 = *hou*, direção. E, também vindos da China, o conceito de que a 性格 (*seikaku*, personalidade) é fixa — os estados emocionais podem variar, mas são rápidos e não produzem efeitos duradouros na estrutura da personalidade¹⁹³. Ou seja, distúrbios mentais seriam reconhecidos como *problemas de personalidade*¹⁹⁴. Esse tipo de pensamento ficou enraizado na população, mesmo depois de mais de cem anos da modernização do país. A ideia de 我慢 (*gaman*, literalmente “o ego crônico”¹⁹⁵), que aqui significa ser paciente e “aguentar” o máximo possível, é aceita, como diz Lock, como método de lidar com ansiedade e frustração. Contudo, a autora, na década de oitenta, relatou que suas interlocutoras, a maioria ‘donas de casa’, aceitavam “*em momentos difíceis, aliviar a tensão por meio de exercícios físicos ou tocando um instrumento musical*”¹⁹⁶.

Um dos bolsistas, que esteve no Japão já no século XXI, relatou que a educação musical é um dos pilares da educação japonesa. Pois, de acordo com o que estudou durante o programa, a educação musical “*trabalha com o trabalho comunitário, desenvolve o caráter, com autoajuda e ajuda comunitária*”. Esses dois dados me fazem pensar se a “autoajuda” e as técnicas de enfrentar possíveis doenças mentais, em especial o *gaman*, sejam, na realidade, métodos de *repressão* de sentimentos. Sentimentos que não encontram “canais de escape” no sistema social no qual essas pessoas se encontram.

Não apenas a pesquisa de Lock trabalhou com mulheres, estas percebiam que era de extrema necessidade que estivessem bem mentalmente, pois se viam como o “ponto focal da

¹⁹² 明治時代 (*Meiji jidai*), ou era do *iluminismo* japonês.

¹⁹³ LOCK, Margaret, Popular Conceptions of Mental Health in Japan, in: MARSELLA, Anthony J.; WHITE, Geoffrey M. (Orgs.), **Cultural Conceptions of Mental Health and Therapy**, Dordrecht: Springer Netherlands, 1982, p. 200.

¹⁹⁴ KANEHARA, Akiko *et al*, Barriers to mental health care in Japan: results from the World Mental Health Japan Survey, **Psychiatry and Clinical Neurosciences**, v. 69, n. 9, p. 523–533, 2015, p. 5.

¹⁹⁵ Posso estar exagerando o sentido, contudo, os ideogramas são 我 (*wa*) = ego e 慢 (*man*) = lento, crônico ou arrogante. 慢 (*man*) supostamente vem do “Māna” sânscrito, que pode ser traduzido como “orgulho” (自慢, *jiman*) ou “arrogância” (傲慢, *gouman*). 字通, 日本大百科全書(ニッポニカ)デジタル大辞泉, 慢(マン)とは? 意味や使い方, コトバンク, disponível em: <<https://kotobank.jp/word/%E6%85%A2-636521>>. acesso em: 23 jul. 2025.

¹⁹⁶ LOCK, Popular Conceptions of Mental Health in Japan, p. 227.

família”. Elas *não poderiam adoecer*, pois se tivessem problemas, não poderiam cuidar dos outros familiares; por consequência, estes poderiam ficar estressados, ter acidentes ou adoecer. Assim, mais uma vez vemos que papéis sociais impostos à *mulher* se traduzem em delimitações da atuação delas perante a sociedade japonesa.

Figura IX – *To-yoko kids* por Yusuke Nagata



Fonte: “Hidden side of Tokyo”, 2023

Não é por acaso que, no final de 2020, imagens de adolescentes — muitas mulheres — em pé com malas nas estações de Shinjuku após o último trem, ou notícias de *runaways* vítimas de abusos vivendo nas ruas de *Kabukichou*, têm se tornado comuns. Jovens e crianças, algumas tão novas quanto treze anos, se juntaram à comunidade criada por esses jovens, onde cuidam uns dos outros. Entre eles, há jovens que possuem *deficiências intelectuais leves*, como escreveu o fotógrafo Yusuke Nagata em seu *blog*¹⁹⁷. Embora a situação em que estão dê espaço para abusos por adultos, como prostituição de menores e abuso de drogas, a reportagem da NHK¹⁹⁸ (日本放送協会, *Nippon Housou Kyoukai*) sobre os *To-yoko kids*¹⁹⁹, ou 界隈民 (*kaiwaimin*, “residente da comunidade”) — como eles se denominam —, relata que o que esses jovens têm em comum é um senso de solidão. Eles buscam conexões com pessoas reais e calor humano.

¹⁹⁷ Hidden side of Tokyo: TOYOKO KIDS – Runaway Teens in Kabukicho | NUTS.TOKYO.

¹⁹⁸ 「トー横キッズ」～居場所なき子どもたちの声～ - クローズアップ現代, [s.l.: s.n.], 2025.

¹⁹⁹ Vide nota 137, p. 56.

De maneira correlata, os bolsistas mencionaram que estabeleceram comunidades em suas universidades e com outros bolsistas. E criaram redes de apoio. Será que essas conexões humanas foram suficientes para prevenir sensações de isolamento e solidão durante os programas que estudaram?

iv. A Solidão:

Estar fisicamente sozinho em um quarto, no banheiro, ou realizando qualquer tipo de atividade individual é um ato tão natural quanto respirar. Em um país extremamente populoso, sobretudo em cidades como Tóquio, estar fisicamente sozinho seja, talvez, um luxo. Existe, no entanto, um sentimento de *estar só* que independe de quantas pessoas compartilham o mesmo espaço físico. Esse sentimento tende a ser cruel para aqueles que o vivenciam.

Há vezes em que esse sentimento é sanado ao criar laços com outras pessoas. Sejam eles amigos, colegas de quarto, companheiros românticos ou comunidades religiosas. O importante, acredito, é ter alguém com quem conversar e que possa vir a ser a sua rede de apoio. Aqui, vem à mente uma fala de um dos interlocutores em outra oportunidade. Essa pessoa comentou algo na linha de que é *difícil sanar a solidão cultural*. De acordo com ela, os outros tipos de solidão no Japão eram de certa forma *maneáveis* — se estava-se fisicamente sozinho, arranjaría um jeito de “fechar esse buraco”. A solidão amorosa, social... todas têm, de certo modo, uma solução: a amorosa, temos os aplicativos de relacionamento, 合コン (*goukon*, abreviado de 合同コンパニー, *goudou konpanii*, literalmente “companhia combinada”²⁰⁰), e na social, há *chats online*, fóruns, jogos, *cafés*²⁰¹... mas a *cultural*, nesse sentido, é ligada à historicidade. Ela se diverge da frase de Klemperer²⁰²: não é o sangue no seu sentido *biológico*, mas a sua *historicidade*. O interlocutor deu alguns exemplos, como: não crescemos jogando os mesmos jogos ou brincadeiras, nem com o mesmo tipo de programação na televisão, escutando músicas similares ou crescemos com as mesmas referências.

Ao mesmo tempo que a fala deste bolsista faz sentido *logicamente*, na minha experiência, não acredito que essa seja a única razão. Volto à minha amiga chinesa. Não

²⁰⁰ A melhor explicação que consegui formular foi encontro às cegas só que em grupo e sem ter uma contraparte definida.

²⁰¹ Como English Cafés.

²⁰² “[...] because a man can change his coat, his customs, his education and his belief, but not his blood”. (“[...] porque um homem pode mudar de roupa, seus costumes, sua educação e suas crenças, mas não seu sangue”). KLEMPERER, *Language of the Third Reich*, p. 180.

crecemos escutando as mesmas músicas, nossas referências eram diferentes, os jogos vagamente similares — mas aqui creio que muitos, antes da globalização digital, eram análogos, só mudavam de nomes, como “pega-pega” — e víamos outros tipos de desenhos animados. Mesmo assim, com ela eu não me sentia só, nem sentia *culturalmente* isolada no sentido descrito acima. Pelo contrário, ela foi uma das âncoras que tive no Japão. E senti, de forma um pouco menos intensa, o mesmo com minhas amigas japonesas da universidade. Dito isso, a hipótese da solidão *cultural* me parece um bom ponto de partida para pensarmos sobre esse sentimento presente na experiência dos ex-bolsistas.

Na questão de companheiros amorosos, dos bolsistas veteranos que entrevistei, apenas três foram ao Japão solteiros. Entre os casados, a divisão entre homens e mulheres bolsistas foi igual. Já entre os *kouhai*, nenhum foi casado. Houve alguns casos de relacionamentos de longa data que tentaram continuar a distância, mas apenas um deles perdurou até o fim da estadia no Japão. Este passou por maus bocados e acabou largando o programa durante a pandemia. Os bolsistas que foram comigo, independentemente de nacionalidade, para o curso de *senmon gakkou* tiveram uma experiência parecida: todos eram solteiros, salvo dois que mantinham um relacionamento longo desde seu país de origem, mas nenhum perdurou até o fim do programa. Já os estudantes de pós-graduação apresentaram um cenário um pouco diferente.

Dentre os da época em que fui, soube de dois casos de relacionamentos de bolsistas brasileiros pré-ida: um, o da entrevistada com o marido que largou tudo, mas depois se separaram; e o outro, de um amigo que se casou com a namorada brasileira por procuração enquanto participava do programa de pós-graduação pelo MEXT. O último passou a maior parte do tempo longe da futura esposa, mas depois ela foi ao Japão. Mesmo estando em um relacionamento com outro brasileiro, não é certo que a bolsista não se passará por dificuldades relacionadas à saúde mental, nem que não se sentirá sozinho.

A resposta de um dos interlocutores que foi solteiro à pergunta sobre relacionamentos amorosos com japoneses foi intrigante: “*Namoro no Japão é algo muito complicado*”. Quando pedi para elaborar um pouco mais, complementou: “*Porque eles [os japoneses] não estão... Não foram feitos, programados para isso*”. Admito ter compartilhado o mesmo sentimento. Os relacionamentos amorosos dos ex-bolsistas criados no decorrer dos programas foram majoritariamente com outros estrangeiros. Nenhum dos interlocutores relatou ter tido relacionamentos duradouros com *nativos*. Os que tiveram algum relacionamento romântico com *japoneses* pediram para mantê-los em confidência ou censuraram o texto pós-transcrição.

Meus contemporâneos tiveram relacionamentos com *nativos*, sendo que, ao longo da década pós-MEXT, resultaram em alguns casamentos e filhos. Contudo, recorro-me apenas de dois que começaram na época da bolsa. Um dos nativos era proficiente em inglês e se enturmou facilmente no nosso grupo de bolsistas; já a outra não dominava a língua inglesa, porém era muito amável com o resto do grupo. Do que lembro, os bolsistas homens tinham uma dificuldade, em especial aqueles com a pele mais escura, que apesar de serem populares entre as *japonesas*, sentiam que eram mais um acessório para elas do que pessoas com sentimentos e necessidades de se conectarem. Felizmente, dos relatos dos meus amigos que ficaram, parece que esses tipos de objetificação melhoraram²⁰³ — ou pelo menos, “*ele não é o seu típico japonês*”, como argumentou um deles sobre o namorado atual.

Como ele, houve ex-bolsistas que descobriram sua sexualidade ao longo do programa. Um *senpai* certa vez compartilhou que no Japão, a falta de calor humano e a solidão são constantes, e, porventura, a pessoa se junta com quem está próximo, independentemente do gênero. Por mais que soe como uma “orientação sexual oportuna”, acredito que seja mais profundo que isso, pois a orientação não mudou quando os contextos se alteraram. Inclusive, acredito que seja relevante abordarmos rapidamente o tema da união homoafetiva e da temática LGBT no contexto japonês.

Um dos entrevistados comentou que se juntou ao サークル (*saakuru*) de LGBT na universidade em que estudou. Ele tinha a impressão de que, apesar de o Japão produzir muitas histórias em quadrinhos e novelas com a temática homoafetiva — BL ou やおい (*yaoi*, *boys' love*) e GL ou ヲヲリ (*yuri*, *girls' love*) —, para a sociedade japonesa, parecia ser “*similar a um cenário de fantasia ou sci-fi*”. Isso porque “*a sexualidade dentro da ficção é uma coisa, a sexualidade fora é outra*”. Não é por nada que o Japão é o único país do G7 que não reconhece uniões homoafetivas²⁰⁴.

²⁰³ O canal no Youtube, The Black Experience Japan, reforça esse tipo de narrativa que eles compartilharam. DACRES, Laranzo, **The Black Experience Japan**, YouTube, disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCM9uvq7NiMDmqZnaepEvc0A>>. acesso em: 28 jul. 2025.

²⁰⁴ **Japan pressed to do more for LGBTQ community | NHK WORLD-JAPAN News**, NHK WORLD, disponível em: <<https://www3.nhk.or.jp/nhkworld/en/news/backstories/2369/>>. acesso em: 28 jul. 2025; **Japan still has LGBTQ rights gaps, but attitudes are shifting - The W...**, archive.is, disponível em: <<https://archive.is/IJYio>>. acesso em: 28 jul. 2025; **Survey: 72% of voters in favor of legalizing gay marriages | The Asahi Shimbun: Breaking News, Japan News and Analysis**, disponível em: <<https://www.asahi.com/ajw/articles/14844573>>. acesso em: 28 jul. 2025; **Gay Marriage in Japan: Is It Legal? | Japan Gay Guide; Is Gay Marriage Legal in Japan? What to Know.**

Segundo meu amigo que se manteve no Japão pós-MEXT, a maneira como a comunidade LGBT contorna essa proibição é fazer com que um parceiro adote o outro, para que possa ter legalmente direitos. Ato que levaria Lévi-Strauss a se revirar no túmulo, pois transforma uma relação amorosa em uma, tecnicamente, incestuosa. E, como essa relação se torna um assunto do domínio familiar, ninguém de *fora* ‘tem a ver com isso’. Algo semelhante ao que ocorre com os *To-yoko kids*, que são enviados de volta para as casas dos pais que os abusaram.

Há o パートナーシップ宣誓制度²⁰⁵ (*paatonaashippu sensei seido, partnership oath system*), uma espécie de certificado que garante, de maneira limitada, direitos ao companheiro afetivo, uma forma de “união estável”, oferecido por 31 prefeituras japonesas. Contudo, nem todos os locais/instâncias reconhecem o certificado. Em 2023, várias redes de comunicações²⁰⁶ conduziram enquetes sobre a percepção dos japoneses sobre a comunidade LGBT, e descobriu-se que a aceitação destes tem crescido, particularmente entre os nativos de vinte a trinta anos.

Na época em que o entrevistado estava no Japão, o que ele percebeu foi que, por mais que a extensa diversidade de publicações LGBT existisse e que elas — de fato — influenciassem jovens a descobrirem sua sexualidade e a entenderem o que sentiam, dentro do campo acadêmico essa literatura era trabalhada apenas como *ficção*, não como algo relacionado à realidade. Assim, a analogia que o entrevistado fez foi: “*só porque escrevemos histórias de viagens intergalácticas e aventuras espaciais, não significa que dirigimos naves espaciais na*

²⁰⁵ 東京都パートナーシップ宣誓制度|東京都オリンピック憲章にうたわれる人権尊重の理念の実現を目指す条例について|東京都総務局人権部 じんけんのとびら|東京都総務局, 総務局, disponível em: <<https://www.soumu.metro.tokyo.lg.jp/10jinken/sesaku/sonchou/partnership>>. acesso em: 28 jul. 2025; 【解説】パートナーシップ制度とは？同性婚との違い、違憲判断が相次ぐ裁判の状況は？：朝日新聞 GLOBE+, 朝日新聞 GLOBE+, disponível em: <<https://globe.asahi.com/article/15624285>>. acesso em: 28 jul. 2025.

²⁰⁶ 同性婚を法律で認める「賛成」71% 20代では9割超 FNN 世論調査 | FNN プライムオンライン, FNN プライムオンライン, disponível em: <<https://www.fnn.jp/articles/-/488784>>. acesso em: 28 jul. 2025; 共同通信の世論調査で同性婚へ賛成が71%にも上り、NHKの世論調査では性的マイノリティの人権が「守られている」と感じる方はたったの9%であることがわかりました, disponível em: <https://www.outjapan.co.jp/pride_japan/news/2023/5/3.html>. acesso em: 28 jul. 2025; 日本放送協会, Vol.23 ジェンダー “社会の本音”は？ NHK 世論調査より① - ジェンダーをこえて考えよう - NHK みんなでプラス, NHK みんなでプラス - みんなの声で社会をプラスに変える, disponível em: <<https://www.nhk.or.jp/minplus/0029/topic023.html>>. acesso em: 28 jul. 2025.

realidade, entendeu?”. Sem pausa, continuou: *“então, não é porque a sociedade japonesa consome histórias homoafetivas que ela lhes vai conceder direitos na vida real”*.

Retornando aos relacionamentos heteroafetivos, as interlocutoras mulheres relataram mais “furadas” na tentativa de se relacionarem com *nativos*. Uma delas compartilhou a experiência que teve ao usar o aplicativo de relacionamento 探探 (*Tantan*), equivalente ao *Tinder*, popular entre os nativos *japoneses*. Ela decidiu usar o aplicativo por curiosidade, sem grandes expectativas, e porque *“todo mundo estava usando”*. Comentou que *“seria legal ter um namorado”*, mas, no geral, queria ver como era usar um aplicativo de relacionamento no Japão.

Por meio do aplicativo, ela começou a conversar de maneira superficial com um rapaz. *“Umas conversinhas bem bobas”*. Até que ele a convidou para encontrá-lo naquele mesmo dia em Yokohama. Isso já a deixou insegura, mas ela decidiu encarar o longo deslocamento. Sua primeira impressão foi que o rapaz queria desabafar das pressões do trabalho. Ele se mostrou desinteressado por ela e excessivamente centrado em si, monopolizando a conversa. Ao mesmo tempo em que ele não a deixava falar, ela relatou que, a todo momento, ele a tocava e fazia comentários indesejados sobre a aparência dela. *“Mas você é grandinha, né? Eu gosto de meninas grandinhas”*, ou *“nossa, tire a máscara de novo”* — em meio à pandemia da COVID-19. Os comentários a deixaram extremamente desconfortável. O encontro, que não envolveu nenhuma refeição ou planejamento mínimo, terminou com sugestões impróprias, como *“nossa, você é tão boazinha, eu quero te levar para casa”*. Ela arrumou uma desculpa para sair dali e passou a não o responder mais. Foi aí que passou a receber agressões e acusações, incluindo xingamentos e indícios de *stalking* (perseguição).

A situação foi horrível e a levou a abandonar definitivamente o uso do aplicativo. Ela passou o resto do tempo no Japão solteira e criou vínculos afetivos por meio de amizades. Atualmente, diz muito satisfeita sendo solteira, sem pressa de entrar em relacionamentos amorosos. Admite, no entanto, que *“no Japão, o que a abalou foi que é realmente solitário”*. O país inteiro parecia solitário, mesmo Kansai, que é famoso por ser mais alegre — em Tóquio, o sentimento era mais presente. Pessoalmente, concordo quando ela disse que *“duvido que, se acontecesse alguma coisa comigo [em Tóquio], alguém notaria”*.

Um dos ex-bolsistas compartilhou a fala de seu *roommate*, também bolsista MEXT, ao propor que morassem juntos: *“eu quero morar com alguém porque não quero morrer e ninguém*

achar meu corpo”. Pode, à primeira vista, parecer um comentário tanto dramático, no entanto, não é incomum notícias de encontrarem corpos²⁰⁷ — já muito após os detritívoros terminarem seu trabalho — em casas onde pessoas moravam sem perceber que a mãe ou outro parente havia morrido. Esse entrevistado e seu amigo acabaram morando em um 事故物件 (*jiko bukken*, casa estigmatizada), onde antes de se mudarem, haviam encontrado um corpo no andar de baixo que já havia apodrecido. “*Eu acho muito triste. Os japoneses são tipo, ‘eu tenho minha vida’, cada um no próprio cubinho*”, concluiu este entrevistado.

Os relatos dos entrevistados majoritariamente falavam que a rede de apoio eram amigos estrangeiros, grande parte bolsistas do MEXT, e seus respectivos companheiros amorosos. Um entrevistado acredita que as amizades com outros estrangeiros se formam “*porque estão numa situação semelhante, vieram de outro país, estão ali temporariamente a princípio, né?*”. Acrescentando a isso, muitos relataram certa preferência de estrangeiros — os de países de terceiro mundo: “*já tinham um pouco um hábito de acolher os outros, né? De ajudar. Então, se um fica doente, o outro ajuda. Se um estava sem dinheiro, te prestava*”, comentou um deles sobre sua experiência. Já outro desabafou que só conseguiu “*aguentar ir e ficar no Japão porque fui casado, caso contrário seria muito solitário para mim*”.

Os ex-bolsistas que relataram ter estabelecido amizades com nativos *japoneses* tiveram duas características: 1. eram casados com brasileiros ao ir para o Japão; ou 2. embora tivessem amizades com *japoneses*, as pessoas mais íntimas e de confiança eram outros estrangeiros — a maioria bolsistas MEXT. Foram estes últimos que se resgatavam, se ajudavam e lhes confiavam a vida. A impressão é que, por mais próximos que fossem, a fronteira simbólica entre os bolsistas e os nativos *japoneses* permanecia.

²⁰⁷ STAFF, Tokyo Reporter, Clean-up crew finds woman’s corpse in Kyoto household trash heap 10 years after disappearance - TokyoReporter; **Japan: Nearly 4,000 people found more than month after dying alone, report says**, disponível em: <<https://www.bbc.com/news/articles/cwyx6wwp5d5o>>. acesso em: 28 jul. 2025; **Decaying bodies of two women found in house**, Japan Today, disponível em: <<https://japantoday.com/category/national/decaying-bodies-of-two-women-found-in-house>>. acesso em: 28 jul. 2025; 部屋のゴミから見つけたのは...まさか 10 年前に失踪した家族 特殊な現場だらけのゴミ屋敷清掃「喜ばれる様子がやりがい」 (まいどなニュース) - Yahoo! ニュース, disponível em: <<https://web.archive.org/web/20240922075914/https://news.yahoo.co.jp/articles/361b40b70fcf7f6224d2928452b0d99b13c68d99>>. acesso em: 28 jul. 2025; KATSUMURA, Mariko; KATSUMURA, Mariko, Japan’s “death-tainted” homes gain appeal as property prices soar, Reuters, 2025.

Em todo caso, ainda que o sentimento de solidão se perpetue na rotina dos bolsistas, nenhum deles conseguiu definir o que era essa solidão nas entrevistas. Eu mesma não conseguiria definir, talvez seja por isso que a ideia de solidão *cultural* seja tão atraente. O que transparece é como se fosse uma bruma presente a todo o momento — mesmo cercado de pessoas, em meio a ruídos, trabalhos e coisas a fazer. É um sentimento que, quando compartilhado por quem já o vivenciou, consegue ser entendido. No entanto, torna-se tortuoso explicar para outras pessoas. Sem contar que, nas ocasiões em que tentamos, como disse um entrevistado, “*entusiasticamente contar para as pessoas o que passamos no Japão, e o outro não está nem aí. Ou então não entende, ou não está tão interessado assim em entender. Ou você acha que está explicando, mas o outro não está entendendo nada*”. Esse tipo de solidão se torna mais presente quando retornamos ao Brasil. Quem nos escutará?

v. *O Retorno:*

Os bolsistas que conseguiram terminar os cursos do programa se viam com duas opções claras: retornar ao Brasil ou continuar no Japão. Dos dezesseis entrevistados, apenas um permaneceu no Japão e constituiu família com o cônjuge que o acompanhou. O restante voltou por diversas razões. Alguns não conseguiram ficar por questões de visto, decorrentes da escolha de profissões não formalizadas. Outros retornaram por causa das perspectivas de trabalho. E uma boa parte voltou porque o psicológico não estava bom — eu me incluo nesse grupo.

O único entrevistado que permaneceu no Japão, após o término do curso, recebeu uma oportunidade de trabalho muito boa através de seu orientador. Ele conseguiu formar a sua vida lá e, depois de alguns anos, retornou ao Brasil. Trouxe um aspecto importante a respeito do retorno à conversa: sua família — pais, irmãos e primos — ainda está viva no Brasil, e ele gostaria de aproveitá-los enquanto pode. A comunicação entre eles, com doze horas de diferença, era muito complicada e, a cada retorno ao Brasil, o bolsista percebia aparente a passagem de tempo nos familiares. “*Como na história do 浦島 太郎 (Urashima Tarou)*”, comentou. De acordo com a lenda, Urashima Tarou é um pescador que resgata uma tartaruga e ela o agradece, levando-o ao castelo do dragão do mar. Passam-se alguns dias no castelo e, quando retorna à aldeia, percebe que muitos anos haviam passado.

A maioria dos entrevistados retornava ao Brasil enquanto estava no programa para visitar a família. “*Voltei muito ao Brasil*”, parafraseando um dos entrevistados, “*Eu acho que isso também estabilizou muito a minha sanidade, sabe? E falava isso para todo mundo: volte*

para o Brasil. É difícil financeiramente, mas necessário. Era como recarregar as baterias, sabe?”. Os poucos que não o fizeram estavam guardando dinheiro para trazer a família para visitá-los no Japão, ou para passear nos países vizinhos.

Os entrevistados mais veteranos apresentaram razões de retorno pós-curso muito interessantes e condizentes com a proposta da bolsa MEXT descrita no Capítulo 02. Elas podem ser resumidas pelo provérbio: 「鶏口牛後」 (*keikou gyuugou*, “melhor ser boca de galinha do que rabo de gado”), como comentou um deles. No Japão, eles seriam apenas *mais um*. Para eles, o retorno ao Brasil significava melhores oportunidades de trabalho e a possibilidade de contribuir mais para a sociedade. Mesmo tendo oportunidades de continuar no Japão, um entrevistado afirmou: “*No Brasil, eu sabia que podia fazer a diferença e sempre fui defensor disso. Aqui da terra, não levamos nada, então temos que dar nossa contribuição aqui para deixar um legado melhor para a próxima geração*”. E, desde o retorno, eles têm produzido bastante e aplicado os conhecimentos adquiridos lá em seu cotidiano.

A experiência no Japão foi marcante para um dos ex-bolsistas na forma *como* ele percebe as possibilidades e oportunidades em sua vida: “*Me fez ser capaz de decidir o que eu não queria das opções futuras, saber o que esperar quando eu fosse para o exterior em uma ocasião oportuna, o que aconteceu algumas vezes*”. Outro afirma que a experiência MEXT foi o *turning point* da vida dele: “*Foi realmente que me deu essa oportunidade de ser o que eu sou hoje*”. Tornar-se adulto com a segurança da bolsa MEXT foi uma experiência muito satisfatória para muitos, afinal, “*quem vai morar sozinho pela primeira vez, a parte financeira geralmente é um obstáculo e pode causar insegurança. Com a bolsa, o financeiro era bem sólido*”, compartilhou um deles.

Os ex-bolsistas que retornaram ao Brasil nos anos mais recentes, por outro lado, não viram essa diferença em suas carreiras profissionais. Salvo um que retornou devido ao descontentamento com a oportunidade de trabalho que havia recebido no Japão. Este bolsista já trabalhava em uma empresa famosa enquanto esperava o companheiro terminar os estudos, mas estava em uma posição de *temporário*. Ao considerar ser efetivado com contrato permanente, soube que essa possibilidade não se aplicaria *a estrangeiros*, devido ao visto alocado. Somado a isso, havia a necessidade de trocar de emprego de tempos em tempos por possuir vínculo temporário. Essa situação gerou decepções pela oferta de salários baixos por parte da empresa, por não se sentir valorizado na profissão e por não ser reconhecido pelos esforços e resultados que gerou para a empresa — por não ter contrato vitalício, não recebeu

sequer um bônus dado aos colegas *japoneses*. Por sorte, a empresa em que trabalhava era famosa internacionalmente, e isso ajudou a garantir um trabalho na volta, mesmo durante tempos de crise econômica.

Os outros foram mais desafortunados, em especial aqueles que realizaram cursos técnicos e graduação. Ao longo dos anos, ocorreram cortes nos valores mensais da bolsa. Além disso, os estudantes de graduação tiveram que refazer boa parte do currículo, pois não conseguiram revalidar os diplomas no Brasil quando retornaram. Incluindo aquele que custeou o curso por si só após ter sido desligado da bolsa durante a pandemia da COVID-19. Os entrevistados que foram para o curso técnico não conseguiram estender a graduação pela bolsa pela mudança nas regras de extensão. Ao retornarem, seguiram em trabalhos informais sem sentir que tiveram uma evolução na carreira profissional ou ingressaram na universidade.

Independente da razão do retorno, nenhum dos entrevistados afirmou que jamais voltaria ao Japão. Nem sequer aqueles que relataram as experiências sofridas ou que disseram “*o Japão sugou a minha sanidade*” ou que retornaram com a saúde mental fragilizada. Pelo contrário, todos gostariam de voltar e cultivar boas relações com aqueles ligados ao país. Deles, apenas três afirmaram firmemente que gostariam de construir uma carreira profissional na terra do sol nascente. As respostas dos que desejam voltar, e ainda não o fizeram, são permeadas de “*talvez*”, “*por pouco tempo*” e “*acho que Japão é mais interessante de visitar do que de morar*”. Quando questionados, remetem às experiências que vivenciaram e “*preferem não cultivar essas memórias ruins, [mas sim] a parte boa*” — mesmo reconhecendo que, por vezes, estas façam parte do “*período de lua de mel*”.

Muitos dos ex-bolsistas de pós-graduação conseguiram seguir com projetos em conjunto com os laboratórios e orientadores que tiveram durante o programa MEXT. Alguns deles mantiveram contato com o país ao longo de décadas. Eles realizaram cursos, deram palestras, viajaram a negócios e visitaram amigos. No geral, independentemente do programa em que participaram, os bolsistas criaram vínculos afetivos com o Japão. Creio que o pensamento de um dos entrevistados resume bem: “*Tenho esse sentimento de que lá é um pouco a minha casa. Por mais que haja controvérsia, eu acho que [sobre] o Japão, em todos os sentidos... o sentimento que sempre tenho é o da dicotomia*”.

Sobre o que o bolsista chamou de *dicotomia*, acredito que o termo *ambivalência* seja mais apropriado. O Japão é um país repleto de aspectos diversos, ora antagônicos, que coexistem e atravessaram as experiências dos bolsistas. Esses aspectos lhes causaram

sofrimento e os ajudaram a “*escolher mais suas batalhas*” — “*a ser muito mais criteriosos com o tipo de confronto que vão escolher*”. Ao mesmo tempo em que os convidaram a entrar no país, os classificaram como *pessoas de fora*. E, até quando não *pertencendo*, os bolsistas sentem que *o Japão faz parte deles*.

Nas palavras de um dos interlocutores: “*Querendo ou não, para o bem ou para o mal: o Japão te marca e você vai carregar para sempre*”. Podemos — e aqui me incluo — até demorar para fazermos as pazes com nosso sofrimento e termos empatia com nosso *eu* mais jovem. Mas é possível notar o quanto os entrevistados e a entrevistadora absorveram maneirismos, posturas, hábitos e comportamentos do tempo que passaram no Japão. A assimilação se reflete no estranhamento de certas atitudes com as quais se depararam no Brasil: como o volume da voz do outro, o incômodo ao ver lixo sendo jogado no chão e os questionamentos sobre *se são brasileiros*. E, por terem que se “*desconstruir como brasileiros*” enquanto no Japão, ao retornarem, tiveram que reaprender comportamentos ditos ‘básicos’ — como abraçar ao cumprimentar o outro.

Em suma, essa tapeçaria de experiências tecidas ao longo das entrevistas nos oferece ricos detalhes e sentimentos sobre a experiência MEXT. Ainda que intrincada, apenas arranha a superfície de vivências que, por sua própria natureza, resistem a ser plenamente verbalizadas. Há silêncios, há hesitações e há aspectos que permanecem nos bastidores, onde a complexidade supera as palavras disponíveis — independentemente de quantos idiomas são acionados. É nesse espaço do não-dito e do subentendido que reside uma camada ainda mais curiosa da jornada desses bolsistas: o silêncio e a obrigatoriedade da gratidão.

É nas entrelinhas que percebemos como as vivências dos bolsistas desafiam a narrativa protocolar que muitas vezes nos é apresentada. São pelas fissuras que se deixam entrever fragmentos de uma sociedade japonesa mais ampla — onde a linguagem delimita fronteiras, a hierarquia impõe comportamentos e o pertencimento convive com a exclusão. Entre os fios dessa tapeçaria surgem os limites da adaptação, os gestos de autoproteção e as pausas que se impõem quase sem ser notadas. É no limiar ambivalente — entre o reconhecimento e a exclusão, entre a gratidão e o sofrimento — que a verdadeira experiência dos bolsistas se revela: em cicatrizes que não aparecem nos diplomas ou nas memórias oficiais, tampouco nas fotografias. No silêncio que emerge cheio de ruídos, denso e constante, somos convidados a refletir sobre a complexidade — tão bonita e dolorosa — que foi mantida nos bastidores, em segredo, dentro de uma caixa à espera de ser aberta.

CAPÍTULO 07 • (MU[G]ON) — CONSIDERAÇÕES FINAIS

O título deste capítulo é um jogo de palavras em duas partes. A primeira envolve dois termos: 無音 (*muon*, silêncio) e 無言 (*mugon*, mudo ou em silêncio). O *kanji* 無 (*mu*) indica a negação de algo, ou inexistência. Já o 音 (*on*) e o 言 (*gon*) significam, respectivamente, “som” e “fala”. A segunda está relacionada à representação visual do jogo. O [G] isolado no meio da palavra refere-se à categoria *gaijin* na qual nós, bolsistas, somos alocados durante nosso tempo no Japão — sem chance de escapar.

Refleti bastante sobre como é justamente no intervalo entre esses dois espaços que a narrativa se desenvolve. Busquei, ao longo do presente trabalho, demonstrar que a experiência MEXT é paradoxal. Ela atua como um catalisador de transformações na vida dos bolsistas, ao mesmo tempo positivas e negativas. Ela mostra como os estudos nas terras nipônicas impactaram a identidade desses participantes, consciente e inconscientemente.

Foi por meio das entrevistas que compreendi: elas não são somente fontes de fatos, mas de percepções subjetivas e emocionais. Elas revelam a complexidade da adaptação e da transformação diante do contato com a realidade japonesa — tanto na fala quanto nos silêncios. As histórias contadas quando o gravador está desligado e aquelas proferidas nos discursos oficiais são como a aurora e o anoitecer — distintas, mas compartilham o mesmo horizonte.

Narrativas intercaladas de humor e riso revelam tanto quanto a história em si. São estratégias que podem ser entendidas como formas de processar e comunicar uma realidade complexa sem soar abertamente negativa. Além de amenizar a carga — muitas vezes pesada — de experiências difíceis, permitem transmitir a realidade percebida dos desafios enfrentados. Afinal, os bolsistas — inclusive eu — não desejam desqualificar uma experiência que, apesar de dura, permanece enriquecedora.

Além disso, a reflexão sobre o lugar de fala dos bolsistas se articula diretamente com a ambivalência estrutural destacada ao longo desta dissertação: a coexistência entre gratidão institucional e sofrimento individual. Pelos relatos dos entrevistados, percebemos que o déficit de reconhecimento não se restringe às *pessoas de fora*. Ele perpassa camadas da sociedade japonesa que envolvem questões de gênero, deficiência e hierarquias implícitas. Nesse sentido, ao analisar os eventos, não como recortes particulares, mas como pedaços de uma historicidade,

me permitiu situar os depoimentos dos ex-bolsistas em um campo mais amplo de debates na sociedade japonesa contemporânea.

Do mesmo modo, a análise das entrevistas mostrou que as fronteiras entre inclusão e exclusão não se materializam apenas em práticas institucionais, ela está presente na linguagem. A gratidão se manifestou como um idioma que fala e pensa por nós, ditando o que pode ou não ser enunciado. A linguagem nos obriga a sufocar experiências de dor sob o véu de agradecimentos ritualizados. Os bolsistas, portanto, vivem em uma espécie de limbo linguístico: entre as montanhas das oportunidades e o abismo das portas que se fecham, experimentam tanto a dádiva quanto a violência simbólica ao serem constantemente lembrados de sua exterioridade.

O silêncio, entretanto, não pode ser compreendido apenas como lacuna ou ausência. Ele se explica por múltiplos fatores: vergonha, trauma, medo de retaliação, episódios de assédio, racismo ou até casos mais graves, como situações de pedofilia, que jamais chegam a ser registrados formalmente pelas autoridades nas terras nipônicas. Soma-se a isso a ineficácia dos canais de apoio, que aprofunda o sentimento de impotência, sobretudo entre os bolsistas mais jovens. Torna-se, então, evidente o desamparo das instituições diante das fronteiras rígidas. Há, sobretudo, a dimensão de autoproteção: muitos entendem que certos episódios são demasiado íntimos ou ininteligíveis para quem não compartilhou a vivência, e por isso optam por guardá-los em seu âmago. Nesses contextos, o silêncio é saturado. Uma estratégia de sobrevivência social e emocional.

Ainda assim, essas experiências são únicas e marcam, como tatuagens feitas em tempos de euforia e mágoa, a identidade dos bolsistas. Porém, o silêncio não ajuda os próximos que embarcarão na jornada MEXT. Mesmo que parte desse calar seja fruto de um *double bind* da sociedade japonesa, creio que é importante falar. Compartilhar o que foi vivido pode abrir caminhos de compreensão e acolhimento. Especialmente por meio de *feedbacks* e dentro das comunidades de ex-bolsistas. Faço, portanto, a reflexão de um dos entrevistados a minha: a vida no Japão não é algo que se apaga ao “*virar a página*” — ela compõe quem somos. Mais do que formação de contatos profissionais, os encontros dos ex-bolsistas são momentos em que as experiências — a língua, a comida, as dificuldades e as alegrias — tramam uma tapeçaria ainda mais complexa. É pelo compartilhamento de experiências únicas, próprias aos bolsistas, que podemos criar um espaço amistoso para escutar e acolher os integrantes.

Por último, afirmo que a minha transformação MEXT não parou ao retornar ou no tempo em que estive fora do país. Pois, pelas lentes dos meus interlocutores, pelo espaço que eles me proporcionaram ao compartilhar suas experiências, pude trazer à superfície aquilo que antes permanecia nos bastidores e reinterpretá-lo. Foi entre palavras e silêncios, entre a gratidão esperada e o sofrimento oculto, que a experiência da bolsa se firmou como cicatrizes na identidade dos bolsistas. As ausências de som e de fala nos lembram que nem tudo pode ser dito — mas tudo, de algum modo, nos transforma. E não a trocaria por nada neste mundo.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Luiz Eduardo. A troca das palavras e a troca das coisas: Política e linguagem no Congresso Nacional. **Mana**, v. 11, n. 2, p. 329–356, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132005000200001&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 17 abr. 2024.

ADMIN, M. S. A. How Do I Extend the Scholarship When I End My Current Course and What are the Conditions? - MEXT Scholars Association. Disponível em: <<https://mextsa.org/how-do-i-extend-the-scholarship-when-i-end-my-current-course-and-what-are-the-conditions/>>. Acesso em: 23 maio 2025.

AKANO Hirofumi. The evolution of sushi and the power of vinegar. **Journal for the Integrated Study of Dietary Habits**, v. 31, n. 4, p. 201–206, 2021. Disponível em: <https://www.jstage.jst.go.jp/article/jisdh/31/4/31_201/_article/-char/ja/>. Acesso em: 8 jul. 2025.

BARÃO VERMELHO. Por Você. (Puro Êxtase).

BATESON, Gregory. **Steps to an Ecology of Mind: Collected Essays in Anthropology, Psychiatry, Evolution, and Epistemology**. [s.l.]: University of Chicago Press, 2000. Disponível em: <<https://www.bibliovault.org/BV.landing.epl?ISBN=9780226924601>>. Acesso em: 30 jan. 2025.

CAMILA AYA ISCHIDA. **A experiência nikkei no Brasil: uma etnografia sobre imaginários e identidades**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-08022011-094359/publico/2010_CamilaAyaIschida.pdf>.

DACRES, Laranzo. **The Black Experience Japan**. YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCM9uvq7NiMDmqZnaepEvc0A>>. Acesso em: 28 jul. 2025.

DUNCAN, Paul; MÜLLER, Jürgen. **Horror Cinema**. Cologne: TASCHEN, 2022. (Bibliotheca Universalis).

GAL, Susan; IRVINE, Judith T. **Signs of difference: language and ideology in social life**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

HIGAKI, Shinji. The Hate Speech Elimination Act: A Legal Analysis. In: HIGAKI, Shinji; NASU, Yuji (Orgs.). **Hate Speech in Japan: The Possibility of a Non-Regulatory Approach**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021, p. 237–254. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/product/B752431CA4ABE478A694046299FB3033>>.

HOLLINGSWORTH, Julia. **Japanese man who killed 19 at disabled facility sentenced to death**. CNN. Disponível em: <<https://www.cnn.com/2020/03/16/asia/japan-knife-attack-sentence-hnk-intl/index.html>>. Acesso em: 18 mar. 2025.

INTER-AMERICAN DEVELOPMENT BANK (Org.). **Cuando Oriente llegó a América: contribuciones de inmigrantes chinos, japoneses y coreanos**. Washington, D.C: Banco Interamericano de Desarrollo, 2004.

JAKOBSON, Roman (Org.). **Structure of Language and its Mathematical Aspects**. 2. ed. Providence: AMS, 1961. (Proceedings of Symposia in Applied Mathematics).

JASZCZUK, Pawel. **Pawel Jaszczuk**. Pawel Jaszczuk. Disponível em: <<https://paweljaszczuk.com>>. Acesso em: 21 jul. 2025.

JULES, Anny. **Miss Universe Japan 2015: Biracial Miss Japan Accused of not Being Japanese Enough**. Latin Post. Disponível em: <<https://www.latinpost.com/articles/44356/20150324/bi-racial-miss-japan-accused-of-not-being-japanese-enough.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2025.

KANEHARA, Akiko; UMEDA, Maki; KAWAKAMI, Norito; *et al.* Barriers to mental health care in Japan: results from the World Mental Health Japan Survey. **Psychiatry and Clinical Neurosciences**, v. 69, n. 9, p. 523–533, 2015. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/pcn.12267>>. Acesso em: 23 jul. 2025.

KARJALAINEN, Juulia Jenna Johanna. **Japan's limited definition and criminalization of child pornography and its International legal obligations**. Bachelor's, Tallinn University of Technology, Tallinn, 2021. Disponível em: <<https://digikogu.taltech.ee/et/item/6f6dd35d-1e25-4a1f-8b4d-b58857cccb51>>. Acesso em: 22 mar. 2025.

KATSUMURA, Mariko; KATSUMURA, Mariko. Japan's "death-tainted" homes gain appeal as property prices soar. **Reuters**, 2025. Disponível em: <<https://www.reuters.com/en/japans-death-tainted-homes-gain-appeal-property-prices-soar-2025-06-30/>>. Acesso em: 28 jul. 2025.

KEBBE, Victor Hugo. Ser japonês, ser nikkei, ser dekasegui: contornando metáforas de parentesco e nação. **Revista de Antropologia da UFSCar**, v. 6, n. 1, p. 63–80, 2014. Disponível em: <<https://www.rau2.ufscar.br/index.php/rau/article/view/112>>. Acesso em: 29 jun. 2025.

KLEMPERER, Victor. **Language of the Third Reich**. London, England: Bloomsbury Academic, 2013. (Bloomsbury Revelations).

KONDO, Dorinne K. Dissolution and Reconstitution of Self: Implications for Anthropological Epistemology. **Cultural Anthropology**, v. 1, n. 1, p. 74–88, 1986. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/656324>>. Acesso em: 5 out. 2024.

KUDO, Yoko. Modified Hepburn Romanization System in Japanese Language Cataloging: Where to Look, What to Follow. **Cataloging & Classification Quarterly**, v. 49, n. 2, p. 97–120, 2011. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01639374.2011.536751>>. Acesso em: 3 maio 2025.

LOCK, Margaret. Popular Conceptions of Mental Health in Japan. In: MARSELLA, Anthony J.; WHITE, Geoffrey M. (Orgs.). **Cultural Conceptions of Mental Health and Therapy**. Dordrecht: Springer Netherlands, 1982, p. 215–233. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-94-010-9220-3_8>.

LOCKSLEYU. Japanese Particle combination では (de wa) and じゃ (ja). Disponível em: <<https://selftaughtjapanese.com/2015/02/26/japanese-particle-combination-%e3%81%a7%e3%81%af-de-wa-and-%e3%81%98%e3%82%83-ja/>>. Acesso em: 8 maio 2025.

MACFARLANE, Alan. 'Japan' in an English Mirror. **Modern Asian Studies**, v. 31, n. 4, p. 763–806, 1997. Disponível em:

<https://www.cambridge.org/core/product/identifier/S0026749X00017169/type/journal_article>. Acesso em: 24 ago. 2025.

MATSUE, Regina Yoshie. Corpos duplamente dissidentes: a condição da migrante brasileira no Japão. **Cadernos Pagu**, n. 65, p. e226513, 2022. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332022000200407&tlng=pt>. Acesso em: 22 ago. 2025.

MATSUE, Regina Yoshie. “Sentir-se em casa longe de casa”: vulnerabilidade, religiosidade e apoio social entre os migrantes brasileiros no Japão. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 5, p. 1135–1142, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000500007&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 22 ago. 2025.

MATSUE, Regina Yoshie; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. "Quem Se Diferencia Apanha" (Deru Kui Ha Watareru): Experiência Etnográfica, Afeto E Antropologia No Japão. **Mana**, v. 23, n. 2, p. 427–454, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132017000200427&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 22 ago. 2025.

MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF JAPAN. **Estimated Number of Japanese Abroad (October 2023) - 海外日系人数推計 令和 5 年（2023 年）10 月 1 日現在**. [s.l.]: Ministry of Foreign Affairs of Japan, 2024. Disponível em: <<https://www.mofa.go.jp/mofaj/files/100646175.pdf>>.

MOODY, Stephen J. **On Being a Gaijin: Language and Identity in the Japanese Workplace**. University of Hawai‘i at Mānoa, Honolulu, HI, 2014.

NEWS, A. B. C. **Meet the Japanese Beauty Queen Who’s Fighting Online Backlash**. ABC News. Disponível em: <<https://abcnews.go.com/International/bi-racial-japanese-beauty-queen-fights-online-backlash/story?id=30984407>>. Acesso em: 10 jul. 2025.

NEWS, KYODO. **Births in Japan in 2024 fall to record low of 721,000**. Kyodo News+. Disponível em: <<https://english.kyodonews.net/news/2025/02/19a2d1ef3508-births-in-japan-in-2024-fall-to-record-low-of-721000.html>>. Acesso em: 17 jun. 2025.

NEWS, KYODO. **Japan city enacts 1st ordinance criminally punishing hate speech**. Kyodo News+. Disponível em: <<https://english.kyodonews.net/news/2019/12/bc1a826d32be-kawasaki-enacts-japans-1st-bill-punishing-hate-speech.html>>. Acesso em: 16 jun. 2025.

OKAMOTO, Monica; PATROCÍNIO, Fabiana Cristina Ramos. Koronia-go. Uma concepção de língua como prática social legítima. **Estudos Japoneses**, n. 46, p. 57–69, 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/200739>>. Acesso em: 15 jul. 2025.

OLIVEIRA, Luís Roberto Cardoso De. Sensibilidade cívica e cidadania no Brasil. **Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia**, n. 44, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41956>>. Acesso em: 26 mar. 2025.

OTA, Hiroshi. The International Student 100,000 Plan: Policy Studies. 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.15057/8553>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

PARTANEN, Juha. Spectacles of Sociability and Drunkenness: On Alcohol and Drinking in Japan. **Contemporary Drug Problems**, v. 33, n. 2, p. 177–204, 2006. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/009145090603300202>>. Acesso em: 21 jul. 2025.

REYNOLDS, J. H. The Official Romanization of Japanese. **The Geographical Journal**, v. 72, n. 4, p. 360–362, 1928. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1782379?origin=crossref>>. Acesso em: 3 maio 2025.

SAKANACTION. ユリイカ. (グッドバイ / ユリイカ).

SAKURAI, Célia. Mais estrangeiros que os outros?: Os japoneses no Brasil. **TRAVESSIA - revista do migrante**, n. 44, p. 5–10, 2002. Disponível em: <<https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/851>>. Acesso em: 29 jun. 2025.

SAPIR, Edward. **The psychology of culture: a course of lectures**. 2nd ed. with introduction by the editor. Berlin ; Hawthorne, N.Y: Mouton de Gruyter, 2002.

SATO, Yumiko. **Online Platforms Are Missing a Brutal Wave of Hate Speech in Japan**. TIME. Disponível em: <<https://time.com/6210117/hate-speech-social-media-zainichi-japan/>>. Acesso em: 17 jun. 2025.

SAWADA, Yasuyuki; UEDA, Michiko; MATSUBAYASHI, Tetsuya. Railway Suicide in Japan. In: SAWADA, Yasuyuki; UEDA, Michiko; MATSUBAYASHI, Tetsuya (Eds.). **Economic Analysis of Suicide Prevention**. Singapore: Springer Singapore, 2017, p. 115–135. (Economy and Social Inclusion). Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/978-981-10-1500-7_6>. Acesso em: 23 jan. 2025.

SHINFUKU, Naotaka. A History of Mental Health Care in Japan: International Perspectives. **Taiwanese Journal of Psychiatry**, v. 33, n. 4, p. 179, 2019. Disponível em: <<http://www.e-tjp.org/text.asp?2019/33/4/179/273864>>. Acesso em: 23 jul. 2025.

STAFF, Tokyo Reporter. Clean-up crew finds woman's corpse in Kyoto household trash heap 10 years after disappearance - TokyoReporter. Disponível em: <<https://www.tokyoreporter.com/japan-news/special-reports/clean-up-crew-finds-womans-corpse-in-kyoto-household-trash-heap-10-years-after-disappearance/>>. Acesso em: 28 jul. 2025.

SUGIMOTO, Yoshio. Making Sense of Nihonjinron. **Thesis Eleven**, v. 57, n. 1, p. 81–96, 1999. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0725513699057000007>>. Acesso em: 19 maio 2025.

TAKENAKA, Kiyoshi. Japan's births fell to record low in 2024. **Reuters**, 2025. Disponível em: <<https://www.reuters.com/world/asia-pacific/japans-new-births-fall-9-straight-years-record-low-2024-2025-02-27/>>. Acesso em: 17 jun. 2025.

TOYODA Masaaki. 事故物件に関わる諸問題. **Journal of Humanities and Natural Sciences, Tokyo Keizai University**, v. 35, 2014. Disponível em: <https://tuc.repo.nii.ac.jp/record/94/files/10_TKSKIYO35-Toyoda.pdf>.

TRAVIS. How to Extend Your MEXT Scholarship. Disponível em: <<https://mymextscholarship.com/how-to-extend-your-mext-scholarship/>>. Acesso em: 23 maio 2025.

UEDA, Michiko; NORDSTRÖM, Robert; MATSUBAYASHI, Tetsuya. Suicide and mental health during the COVID-19 pandemic in Japan. **Journal of Public Health**, v. 44, n. 3, p. 541–548, 2022. Disponível em: <<https://academic.oup.com/jpubhealth/article/44/3/541/6225085>>. Acesso em: 23 jul. 2025.

UNITED NATIONS COMMITTEE ON THE ELIMINATION OF RACIAL DISCRIMINATION (CERD). **Concluding observations on the combined seventh to ninth periodic reports of Japan**. Geneva: United Nations, 2014. (CERD/C/JPN/CO/7-9). Disponível em: <https://tbinternet.ohchr.org/_layouts/15/treatybodyexternal/Download.aspx?symbolno=CERD/C/JPN/CO/7-9>.

UNITED NATIONS COMMITTEE ON THE ELIMINATION OF RACIAL DISCRIMINATION (CERD). International Convention on the Elimination of All Forms of Racial Discrimination. 1965. Disponível em: <<https://www.ohchr.org/en/instruments-mechanisms/instruments/international-convention-elimination-all-forms-racial-discrimination>>.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. [s.l.]: Cosac Naify, 2011.

YAMAMOTO, Kana. **The Myth of “Nihonjinron”, Homogeneity of Japan and Its Influence on the Society**. [s.l.: s.n.], 2015. (CERS Working Paper). Disponível em: <<https://cers.leeds.ac.uk/wp-content/uploads/sites/97/2016/04/The-myth-of-%E2%80%9CNihonjinron%E2%80%9D-homogeneity-of-Japan-and-its-influence-on-the-society-Kana-Yamamoto.pdf>>.

アジア動向報告編集委員会. **国際秩序の行方とアジアの対応**. 東京: 公益財団法人 国際文化会館, 2023. (第 31 回 アジア動向報告). Disponível em: <https://www.yhmf.jp/as/.assets/ads_31.pdf>.

厚生労働省. 令和 6 年（2024 年）人口動態統計の年間推計. **令和 6 年（2024 年）人口動態統計月報年計（概数）の概況**, 2025. Disponível em: <<https://www.mhlw.go.jp/toukei/saikin/hw/jinkou/geppo/nengai24/index.html>>. Acesso em: 4 jun. 2025.

字通, 日本大百科全書(ニッポニカ)デジタル大辞泉. **慢(マン)とは？ 意味や使い方**. コトバンク. Disponível em: <<https://kotobank.jp/word/%E6%85%A2-636521>>. Acesso em: 23 jul. 2025.

山竹伸二. **「認められたい」の正体 承認不安の時代**. 日本: Kodansha, 2011. Disponível em: <<https://www.kodansha.co.jp/book/products/0000344587>>.

日本放送協会. **Vol.23 ジェンダー “社会の本音”は？ NHK 世論調査より① - ジェンダーをこえて考えよう - NHK みんなでプラス**. NHK みんなでプラス - みんなの

声で社会をプラスに変える. Disponível em: <<https://www.nhk.or.jp/minplus/0029/topic023.html>>. Acesso em: 28 jul. 2025.

赤石憲昭. 現代日本社会における承認問題. **社会文化研究**, v. 20, p. 7–33, 2018.

2022 年に変わる“大人の定義” 成人式は 18 歳？ 20 歳のまま？ (2022 年 1 月 4 日). [s.l.: s.n.], 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KrzSMfK17u0>>. Acesso em: 22 maio 2025.

Abraex - Associacao Brasiliense de Ex-bolsistas Brasil-Japão. Abraex - Associacao Brasiliense de Ex-bolsistas Brasil-Japão. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20070326070242/http://www.abraex.org.br/sobre/>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

AKB48 Popularity “Fanned” by its General Election. nippon.com. Disponível em: <<https://www.nippon.com/en/column/g00203/akb48-popularity-fanned-by-its-general-election.html>>. Acesso em: 29 ago. 2025.

Being Japanese (日本人とは). [s.l.]: Life Where Im From Films Inc, 2021. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt15255842/>>. Acesso em: 18 jul. 2025.

Bolsas de Estudo MEXT (Monbukagakusho) | Embaixada do Japão no Brasil. Disponível em: <https://www.br.emb-japan.go.jp/itpr_pt/bolsas_programas.html>. Acesso em: 17 mar. 2025.

Busiest railway station. Guinness World Records. Disponível em: <<https://www.guinnessworldrecords.com/world-records/busiest-station.html>>. Acesso em: 28 abr. 2025.

Cadastro de novos membros da Abraex. Google Docs. Disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScIkpu_RwSnu3Qz_RbalyFxtjZMbTe7e3RL2fVLeNGKHWprEg/viewform?usp=embed_facebook>. Acesso em: 15 mar. 2025.

Cashback. Reino Unido: Left Turn Films; Visionview Entertainment; Lipsync Productions, 2006. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt0460740/>>.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, Capítulo III - Da Nacionalidade, Art. 12. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>.

Decaying bodies of two women found in house. Japan Today. Disponível em: <<https://japantoday.com/category/national/decaying-bodies-of-two-women-found-in-house>>. Acesso em: 28 jul. 2025.

Documentário BBC | Predador: o escândalo secreto do pop japonês. [s.l.: s.n.], 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P1c1n0w2xes>>. Acesso em: 29 ago. 2025.

Gay Marriage in Japan: Is It Legal? | Japan Gay Guide. Disponível em: <<https://japangayguide.com/gay/gay-marriage-in-japan-is-it-legal/>>. Acesso em: 28 jul. 2025.

Hafu: The Mixed-Race Experience in Japan. [s.l.]: Hafu Film Project, 2013. Disponível em: <<https://hafufilm.com/>>.

Hāfu2Hāfu - A Worldwide Photography Project about Mixed Japanese Identity. Hāfu2Hāfu. Disponível em: <<https://hafu2hafu.org/>>. Acesso em: 4 jul. 2025.

Hidden side of Tokyo: TOYOKO KIDS – Runaway Teens in Kabukicho | NUTS.TOKYO. Disponível em: <<https://nutstokyo.net/runaway-teens/>>. Acesso em: 23 jul. 2025.

Is Gay Marriage Legal in Japan? What to Know. Disponível em: <<https://japanshineagain.com/is-gay-marriage-legal-in-japan-what-to-know/>>. Acesso em: 28 jul. 2025.

Japan: Nearly 4,000 people found more than month after dying alone, report says. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/articles/cwyx6wwp5d5o>>. Acesso em: 28 jul. 2025.

Japan pressed to do more for LGBTQ community | NHK WORLD-JAPAN News. NHK WORLD. Disponível em: <<https://www3.nhk.or.jp/nhkworld/en/news/backstories/2369/>>. Acesso em: 28 jul. 2025.

Japan still has LGBTQ rights gaps, but attitudes are shifting - The W.... archive.is. Disponível em: <<https://archive.is/IJYio>>. Acesso em: 28 jul. 2025.

Japanese Law Translation. Disponível em: <<https://www.japaneselawtranslation.go.jp/en>>. Acesso em: 16 jun. 2025.

Japan's 1st ordinance making hate speech punishable with fines enacted in Kawasaki - The Mainichi. Disponível em: <<https://mainichi.jp/english/articles/20200702/p2a/00m/0na/020000c>>. Acesso em: 16 jun. 2025.

Japan's annual births fall to record low as population emergency deepens. CNN. Disponível em: <<https://www.cnn.com/2025/06/05/asia/japan-birth-rate-record-low-intl-scli>>. Acesso em: 17 jun. 2025.

Japan's birth rate fell for a ninth consecutive year in 2024 to hit a record low. AP News. Disponível em: <<https://apnews.com/article/japan-births-children-population-decline-marriage-37c1a83afb9f90c6ce6affd527829826>>. Acesso em: 17 jun. 2025.

Japonês que matou 19 pessoas em centro psiquiátrico sorri para as câmeras. ISTOÉ Independente. Disponível em: <<https://istoe.com.br/japones-que-matou-19-pessoas-em-centro-psiquiatrico-sorri-para-as-cameras/>>. Acesso em: 18 mar. 2025.

Letter by man accused of mass stabbings carried eerie warning : The Asahi Shimbun. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20160726124743/http://www.asahi.com/ajw/articles/AJ201607260083.html>>. Acesso em: 18 mar. 2025.

Milestone or Minor Progress? Japan's Strongest Antihate Law Takes Effect in Kawasaki. nippon.com. Disponível em: <<https://www.nippon.com/en/in-depth/d00648/>>. Acesso em: 16 jun. 2025.

Nationality Act (Act No. 147 of 1950) // 国籍法（昭和二十五年法律第四百七十七号）. Disponível em: <<https://www.japaneselawtranslation.go.jp/en/laws/view/4713>>.

Number of Japanese Births Continues to Fall in 2024. nippon.com. Disponível em: <<https://www.nippon.com/en/japan-data/h02331/>>. Acesso em: 17 jun. 2025.

O que é “Nikkei”? | Descubra Nikkei. Disponível em: <<https://discovernikkei.org/pt/about/what-is-nikkei/>>. Acesso em: 29 jun. 2025.

Ordinance penalizing hate speech enacted in Kawasaki City - @JapanPress_wky. Disponível em: <https://www.japan-press.co.jp/modules/news/?id=12622&pc_flag=ON>. Acesso em: 16 jun. 2025.

Sanseito: How a far-right “Japanese First” party gained new ground. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/articles/cly80nnjnv5o>>. Acesso em: 21 jul. 2025.

Satoshi Uematsu: Japanese man who killed 19 disabled people sentenced to death. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-asia-51903289>>. Acesso em: 18 mar. 2025.

SIGAA - Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas. TÓPICOS ESPECIAIS SOBRE O JAPÃO. Disponível em: <<https://sigaa.unb.br/sigaa/public/componentes/resumo.jsf>>. Acesso em: 15 mar. 2025.

Sobre a Abraex. Abraex. Disponível em: <<https://abraex.org.br/sobre-a-abraex/>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

STUDENT HOUSES | EN/BUNKA INSTITUTE OF LANGUAGE. Disponível em: <<https://www.bunka-bi.ac.jp/en/campuslife/>>. Acesso em: 28 abr. 2025.

Survey: 72% of voters in favor of legalizing gay marriages | The Asahi Shimbun: Breaking News, Japan News and Analysis. Disponível em: <<https://www.asahi.com/ajw/articles/14844573>>. Acesso em: 28 jul. 2025.

THE CONSTITUTION OF JAPAN. Disponível em: <https://japan.kantei.go.jp/constitution_and_government_of_japan/constitution_e.html>. Acesso em: 16 jun. 2025.

The Contestant. [s.l.]: Misfits Entertainment, 2023.

The Face of Japan Is Changing, But Some Aren’t Ready. Kotaku. Disponível em: <<https://kotaku.com/the-face-of-japan-is-changing-but-some-arent-ready-1691234262>>. Acesso em: 10 jul. 2025.

The Sleeping Drunks Billboard by Yaocho Bar Group #NOMISUGI. [s.l.: s.n.], 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Pk-z_Fstr9w>. Acesso em: 21 jul. 2025.

TOPOGRAPHIC MAP. Tokyo Topographic Map. Topographic maps. Disponível em: <<https://en-gb.topographic-map.com/map-tkt31/Tokyo/>>. Acesso em: 28 jun. 2025.

Treinamento no Japão | Representação no Brasil | About JICA | JICA. Disponível em: <<https://www.jica.go.jp/Resource/brazil/portuguese/office/courses/index.html>>. Acesso em: 17 mar. 2025.

Tufão, furacão, ciclone: qual é a diferença? National Geographic. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/tufao-furacao-ciclone-qual-e-diferenca>>. Acesso em: 28 abr. 2025.

Washoku, traditional dietary cultures of the Japanese, notably for the celebration of New Year - UNESCO Intangible Cultural Heritage. Disponível em:

<<https://ich.unesco.org/en/RL/washoku-traditional-dietary-cultures-of-the-japanese-notably-for-the-celebration-of-new-year-00869>>. Acesso em: 8 jul. 2025.

Yoshio Sugimoto | About | La Trobe University. Disponível em: <<https://scholars.latrobe.edu.au/y2sugimoto>>. Acesso em: 27 jun. 2025.

グルメすぎる相撲部屋!伝説のちゃんこ長&おかわり連発で大ピンチ!? 題. *In: 有吉ゼミ*. [s.l.]: 日テレ, 2025. Disponível em: <<https://tver.jp/>>. Acesso em: 26 ago. 2025.

ジャニーズ事務所のメディアコントロール手法 「沈黙の螺旋」は破られるのか : 朝日新聞 GLOBE+. 朝日新聞 GLOBE+. Disponível em: <<https://globe.asahi.com/article/14867336>>. Acesso em: 29 ago. 2025.

ジャニーズ事務所・藤島ジュリー社長が「話したこと」と「話さなかったこと」——性加害を生んだ構造的問題（松谷創一郎） - エキスパート. Yahoo!ニュース. Disponível em: <<https://news.yahoo.co.jp/expert/articles/c87e9d7cf3434cc9286b297b481c839b5dde2fbc>>. Acesso em: 29 ago. 2025.

ジャニー喜多川氏の性加害問題でジャニーズ事務所社長が謝罪 加害は「知らなかった」 : 朝日新聞 GLOBE+. 朝日新聞 GLOBE+. Disponível em: <<https://globe.asahi.com/article/14908175>>. Acesso em: 29 ago. 2025.

ジャニー喜多川氏「性加害問題」の課題——「救済と保護の両立」議論を阻むメディアの“呪い”（松谷創一郎） - エキスパート. Yahoo!ニュース. Disponível em: <<https://news.yahoo.co.jp/expert/articles/69f6d90b314e00fe722086705f22d76f0e0f3164>>. Acesso em: 29 ago. 2025.

「トー横キッズ」～居場所なき子どもたちの声～ - クローズアップ現代. [s.l.: s.n.], 2025. Disponível em: <<https://www.nhk.jp/p/gendai/ts/R7Y6NGLJ6G/episode/te/GQZ39NK11P/>>. Acesso em: 23 jul. 2025.

ドラゴン桜 (Dragon Zakura). Japão: TBS (Tokyo Broadcasting System), 2005.

ビジット・ジャパン・キャンペーン（インバウンド観光用語） | ジャパン／ワールド／リンク. Disponível em: <<https://japanworldlink.jp/inbound-words/visit-japan-campaign/>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

マンションとは | SUUMO 住宅用語大辞典. Disponível em: <<https://suumo.jp/yougo/m/mansion/>>. Acesso em: 16 maio 2025.

共同通信の世論調査で同性婚へ賛成が 71%にも上り、NHK の世論調査では性的マイノリティの人権が「守られている」と感じる方はたったの 9%であることがわかりました. Disponível em: <https://www.outjapan.co.jp/pride_japan/news/2023/5/3.html>. Acesso em: 28 jul. 2025.

同性婚を法律で認める「賛成」71% 20代では9割超 FNN 世論調査 | FNN プライムオンライン. FNN プライムオンライン. Disponível em: <<https://www.fnn.jp/articles/-/488784>>. Acesso em: 28 jul. 2025.

国民健康保険制度. Disponível em: <https://www.mhlw.go.jp/stf/seisakunitsuite/bunya/kenkou_iryoku/iryohoken/koukikourei/index_00002.html>. Acesso em: 29 abr. 2025.

大島てる 大島てる物件公示サイト. 大島てる 大島てる物件公示サイト. Disponível em: <<https://www.oshimaland.co.jp>>. Acesso em: 2 maio 2025.

「成人の日」とは？意味や由来、振袖に込められた願い. ワゴコロ. Disponível em: <<https://wa-gokoro.jp/event/annual-events/812/>>. Acesso em: 22 maio 2025.

成人年齢引き下げで“変わること、変わらないこと”(2022年1月10日). [s.l.: s.n.], 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TAeQjflTjv8>>. Acesso em: 22 maio 2025.

故ジャニー喜多川による性加害問題について当社の見解と対応 | ジャニーズ事務所 | Johnny & Associates. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20230514125352/https://www.johnny-associates.co.jp/news/info-700/>>. Acesso em: 29 ago. 2025.

日本工学院八王子専門学校 | 多彩な業界めざせる日本工学院 八王子キャンパス. Disponível em: <<https://www.neec.ac.jp/hachioji/>>. Acesso em: 2 maio 2025.

東京都パートナーシップ宣誓制度|東京都オリンピック憲章にうたわれる人権尊重の理念の実現を目指す条例について|東京都総務局人権部 じんけんのとびら|東京都総務局. 総務局. Disponível em: <<https://www.soumu.metro.tokyo.lg.jp/10jinken/sesaku/sonchou/partnership>>. Acesso em: 28 jul. 2025.

検証 留学生政策 - NPO法人 国際留学生協会／向学新聞. Disponível em: <<https://www.ifsa.jp/index.php?1707-seisaku>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

歌舞伎町ルネッサンス. DISCOVERY KABUKICHO ～ 歌舞伎町情報発信サイト ～. Disponível em: <https://www.d-kabukicho.com/kabukicho_renaissance/>. Acesso em: 29 abr. 2025.

歌舞伎町ルネッサンスとは. 新宿区. Disponível em: <https://www.city.shinjuku.lg.jp/kusei/tokumei01_001037.html>. Acesso em: 29 abr. 2025.

法務省：国籍Q & A. Disponível em: <<https://www.moj.go.jp/MINJI/minji78.html>>. Acesso em: 3 jul. 2025.

「津久井やまゆり園」とは？元職員が入所者を刺し 19 人死亡. ハフポスト. Disponível em: <https://www.huffingtonpost.jp/2016/07/25/tsukui-yamayurien_n_11190408.html>. Acesso em: 18 mar. 2025.

「留学生 30 万人計画」骨子の策定について：文部科学省. Disponível em: <https://www.mext.go.jp/a_menu/koutou/ryugaku/1420758.htm>. Acesso em: 10 mar. 2025.

相模原殺傷事件 きょう初公判 | NHK 神奈川県ニュース. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20200112040308/https://www3.nhk.or.jp/lnews/yokohama/20200108/1050008622.html>>. Acesso em: 18 mar. 2025.

英会話カフェとは？英語上達に効果あり？【徹底調査しました】 | English With. English With. Disponível em: <<https://english-with.com/what-is-eikaiwa-cafe/>>. Acesso em: 2 maio 2025.

【解説】パートナーシップ制度とは？同性婚との違い、違憲判断が相次ぐ裁判の状況は？：朝日新聞 GLOBE+. 朝日新聞 GLOBE+. Disponível em: <<https://globe.asahi.com/article/15624285>>. Acesso em: 28 jul. 2025.

部屋のゴミから見つけたのは...まさか 10 年前に失踪した家族 特殊な現場だらけのゴミ屋敷清掃「喜ばれる様子がやりがい」 (まいどなニュース) - Yahoo!ニュース. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20240922075914/https://news.yahoo.co.jp/articles/361b40b70fcf7f6224d2928452b0d99b13c68d99>>. Acesso em: 28 jul. 2025.